



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

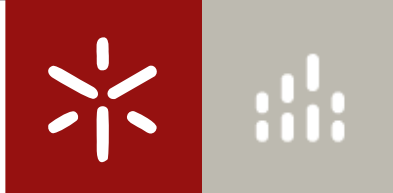
Sara João Ribeiro Agra da Venda

**Entre Mar e Rio:
As dinâmicas sociais da vila de Fão
representadas no tempo**

Sara João Ribeiro Agra da Venda **Entre Mar e Rio: As dinâmicas sociais da vila de Fão representadas no tempo**

Uminho | 2019

outubro de 2019



Universidade do Minho

Escola de Arquitectura

Sara João Ribeiro Agra da Venda

**Entre Mar e Rio:
As dinâmicas sociais da vila de Fão
representadas no tempo**

Dissertação de Mestrado

Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao

Grau de Mestre em Arquitectura

Ramo do Conhecimento: Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Doutora Marta Labastida

Declaração

Nome: Sara João Ribeiro Agra da Venda

Endereço electrónico: sara.venda@hotmail.com

Telefone: 967130602

Número do Bilhete de Identidade: 13905069

Título da tese: Entre o Mar e o Rio: As dinâmicas sociais da vila de Fão representadas no tempo

Orientador: Professora Doutora Marta Labastida Juan

Ano de conclusão: 2019

Ramo de Conhecimento: Cidade e Território

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, __/__/____

Assinatura:

Declaração de Integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

*À Nicha,
Por continuares tão presente.*

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à professora Marta pela orientação, pela disponibilidade e ensinamentos não só desta fase, como durante as aulas de atelier. E pela paciência.

Agradeço à minha família, por ter tornado este percurso académico possível. Em particular à Lice, que, sem o saber, me encorajou a seguir esta profissão. Às tias Boucinhas, que tão depressa nos dão conselhos como nos 'maltratam'.

E à minha prima Babi, que me ensinou a não baixar os braços nos períodos mais difíceis.

Aos amigos que me acompanharam durante o percurso académico e que me incentivaram nesta difícil tarefa: a tese. Obrigada Marta e Joana pela companhia neste último ano. E à Adriana por, de certa forma, me encorajar.

À Dona Evinha, por termos partilhado esta última entrega. Pela força e receptividade em ouvir as lamúrias de quem estava perdido, em dar concelhos e transmitir força para que esta última etapa fosse concluída.

A todas as pessoas com quem me cruzei na rua e que partilharam comigo as suas histórias, sucessos e derrotas. Sem dúvida, cresci com cada uma delas.

Ao André, por ser o meu porto de abrigo dos dias de tempestade.

Resumo

Fão.

Uma pequena vila piscatória da Idade Média, que reivindica o nascimento da sua identidade às salinas de Mumadona Dias do século XII, é hoje um dos principais focos turísticos do litoral Minhoto.

Uma vila historicamente descaracterizada. A evolução da ocupação humana no território é aqui estudada, mostrando como um território vazio, ocupado unicamente por comunidades piscatórias, se transforma num dos locais privilegiados de veraneio das elites.

A crescente procura trouxe um crescimento socioeconómico acentuado. A construção deste território, num curto espaço de tempo – aproximadamente 50 anos –, impôs um conjunto de estruturas de carácter urbano que alteraram a sua morfologia, provocando alterações irreversíveis na dinâmica dos sistemas costeiros.

Ora, se, por um lado, a vila se desenvolveu em direcção ao mar, por outro, o centro histórico, caracterizado pela elevada intensidade de ocupação do solo e traçado irregular, viu-se esquecido.

Na base deste trabalho encontram-se a pesquisa e análise bibliográficas relativas à vila de Fão.

Desta forma, pretende-se produzir conhecimento centrado no (re)conhecimento do lugar. Este trabalho assume-se como um estudo cronológico evolutivo e representativo, com base nas tradições e costumes, bem como pelas transformações das diferentes ocupações ocorridas ao longo do último milénio.

O recurso à ferramenta do desenho é constante, numa tentativa de reencontrar o passado com o presente desta amostra territorial.

Abstract

Fão.

A Middle's Age small fishing village, whose foundation is associated to Mumadona Dias and her salt production from XII century, it's nowadays one of the most important touristic centres from Minho's shore.

An historically uncharacterized village. The evolution of human's occupancy of the territory is studied now, to show how can an empty territory, merely occupied by fishermen, became one of the most wanted places chosen by rich people for summer. The growing demand brought a socioeconomic growth. The construction of this territory, in a short period of time – nearly 50 years – imposed an ensemble of urban structures that changed its morphology, causing irreversible changes in the coast's dynamics system.

Nevertheless, if by one side the village developed towards the sea, by the other the historic centre which is characterized by the high intensity of ground occupation and irregular plan, was forgotten.

The research and the bibliographic analysis are the foundation for this work about Fão.

So, it is intended to produce knowledge based on the (re) cognition of the place. This essay is an evolutionary and representative chronological study, based not only on traditions and costumes, but also grounded by the changes of the different occupation that happened during the last millennium.

The use of the drawing tool is constant, to rediscover the past with the present of this territorial sample.

Índice

Introdução	1
Capítulo I_ A Geografia e o Reconhecimento do Lugar.....	7
I.i _ Enquadramento Geográfico do Lugar.....	9
I.ii _ Morfologia e equipamentos.....	15
I.iii _ Mitos e Lendas em torno da vila	25
Capítulo II_ Dinâmicas Sociais e Naturais: A relação Homem-Lugar.....	35
II.i _ Actividades Atemporais.....	38
A herança romana	
O domínio da pesca	
A produção agrícola	
II.ii _ Actividades Temporais.....	40
As salinas de Mumadona Dias	
O comércio marítimo	
A construção naval dos séculos XIX-XX	
O surgimento do turismo nos anos 40	
Capítulo III_ Três (Des)Ocupações.....	69
III.i _ A construção do Pinhal de Ofir.....	72
A plantação do pinhal	
A paisagem do moderno	
III.ii _ O abandono do centro.....	80
As Torres de Ofir	
Os espaços públicos	
A desertificação do centro	
III.iii _ A sobrecarga da praia.....	91
A densificação do betão em Ofir	
O crescimento do turismo	
Sistemas de protecção dunar	
A importância do Parque Natural do Litoral Norte	
Considerações finais.....	103
Índice de Imagens.....	107
Referências Bibliográficas.....	111



Figura 2 - Localização do caso de estudo
XVI

Introdução

«Elaborar um estudo sobre uma região, um distrito ou mesmo um concelho é sempre um risco que se corre, pois nunca se consegue dizer tudo e aquilo que se diz deve ter sempre em conta o destinatário»¹.

É no desconforto de trabalhar um território tão abrangente que se lança este trabalho de investigação, intitulado: Entre Mar e Rio: As dinâmicas da vila de Fão representadas no tempo.

Por território entende-se «alegoria da unidade de uma nação ou estado como designa a extensão das terras agrícolas e remete inclusive a espaços paisagísticos que conotam o tempo de lazer»².

Assim, e como o próprio título identifica, a amostra em estudo recai no território da vila de Fão. Implantada no concelho de Esposende, contígua ao Atlântico, esta vila firma a sua fundação anterior à fundação da própria nação.

A escolha desta amostra prende-se não só à afinidade com o local, como também à relevância do seu estudo. A principal dificuldade encontrada foi a escassez de recursos cartográficos que permitissem o estudo da evolução morfológica do local da amostra.

Assim sendo, e face à desigualdade entre cartografia e bibliografia recolhidas, achou-se oportuno o recurso ao desenho para a construção de uma linha cronológica e morfológica do local da amostra a par de um (re) conhecimento do lugar.

Pelas palavras de André Corboz, «os habitantes de um território não param de apagar e reescrever o velho grimório dos solos»³. As definições de território são tão vastas quanto as disciplinas que o estudam⁴. Pretende-se construir uma narrativa que se centre na relação do Homem com os recursos disponíveis na vila, estudando-se a

¹ NEIVA, Manuel Albino Penteado, Esposende: breve roteiro turístico, 1987 - página 11

² CORBOZ, André, el territorio como palimpsesto, in RAMOS, Ángel Martín; Lo Urbano en 20 autores contemporáneos, 2004 - página 26.

³ «Los habitantes de un territorio no paran de borrar y reescribir el viejo grimório de los suelos.». CORBOZ, André, el territorio como palimpsesto, in RAMOS, Ángel Martín; Lo Urbano en 20 autores contemporáneos, 2004 - página 34

⁴ «Concepto? Dado el grado de generalidade en que nos movemos qui, sería más prudente hablar de territorio como disciplinas relacionadas con el mismo: la de los juristas no aborda más que la soberanía y las competencias que de ella se derivan; la de los especialistas en ordenación, en cambio, toma en cuenta factores tan diversos como la geología, la topografía, la hidrografía, el clima, la cubierta florestal y los cultivos, las poblaciones, las infraestructuras técnicas, la capacidad productiva, en el orden jurídico, las divisiones administrativas, la contabilidad nacional, las redes de servicios, las cuestiones políticas y me quedo corto, no solamente en la totalidad de sus interferencias, sino, dinamicamente, en virtud de um proyecto de intervención. Entre estos dos extremos - lo simple y lo hipercomplejo -, se sitúa toda la gama de las restantes definiciones: las correspondientes al geógrafo, el sociólogo, el etnógrafo, el historiador de la cultura, el zoólogo, el botánico, el meteorólogo, los estados mayores, etc.» CORBOZ, André, el territorio como palimpsesto, in RAMOS, Ángel Martín; Lo Urbano en 20 autores contemporáneos, 2004 - página 26

geografia, o etnográfico, a cultura, a capacidade produtiva, a estruturação viária, etc.

Dada a proximidade com o Oceano Atlântico, este é um território em constante mutação, razão pela qual se considerou oportuna a realização de um mapeamento dessas transformações.

Quanto à metodologia adoptada, esta incide no cruzamento de espaços, tempos e escalas. Para tal, numa primeira fase, procedeu-se à recolha de informação relativa ao lugar da amostra, baseada em recursos bibliográficos e gráficos, nomeadamente livros, jornais e artigos publicados, cartografias e fotografias (antigas e actuais); na segunda fase, interpretou-se o território, através do cruzamento da informação anteriormente recolhida, recorrendo-se à micro e macro escalas aliadas à construção de uma linha do tempo, bem como ao testemunho dos fangueiros – nesta segunda fase compreenderam-se as características socioculturais da população, a formação urbana e territorial de Fão, a importância do Rio Cávado para a fixação do primeiro povoado, bem como a localização de Fão no contexto do concelho de Esposende; na terceira e última fase, surge a divisão, estruturação e formalização deste projecto de investigação.

Este trabalho estrutura-se em três capítulos, sendo eles: Capítulo I_ A Geografia e o Reconhecimento do lugar, Capítulo II_ Dinâmicas Sociais e Naturais: A Relação do Homem-Lugar e Capítulo III_ Três Ocupações.

No Capítulo I_ Uma Geografia, é apresentado o caso de estudo. Aborda-se o seu enquadramento geográfico, salientando o potencial da sua localização, explorando os seus limites, terrestres e aquáticos. Para além do primeiro contacto com o caso de estudo, este capítulo compreende não só a influência do rio Cávado na fixação dos povos e nas actividades socioeconómicas, como também estuda a formação da sua estrutura urbana e territorial – exploram-se, no desenho, as transformações territoriais causadas pelo tempo cronológico. Intrinsecamente ligados a esta amostra, apresentam-se “mitos e lendas”, também presentes neste primeiro ponto.

No Capítulo II_ Duas Actividades, examina-se o enquadramento histórico da vila, bem como a relação do povo fangueiro com a vida aquática. Recorre-se ao mapeamento das tradições a fim de perceber quais os principais pontos de encontro da

povoação e quais os seus meios de subsistência. Neste capítulo o trabalho in situ é fundamental na descodificação de lugares e costumes que auxiliarão o leitor num melhor conhecimento do lugar.

No Capítulo III_ Três (Des) Ocupações, e à semelhança do que acontece no capítulo anterior, o trabalho de campo é peça-chave na descodificação e compreensão dos processos naturais e humanos que induziram à metamorfose da vila, desde o clima ao fluxo do turismo. É nesta fase que se aborda a descaracterização da morfologia da vila, e de que forma se dá o fenómeno da ocupação da costa e do Pinhal de Ofir.

Para finalizar, encara-se estas duas componentes – gráfica e escrita – essenciais para o conhecimento e desenvolvimento deste trabalho de investigação.

O produto final é a representação de um território com passado e futuro incertos. Desta forma, também o processo de representação e investigação se apresenta instável, permitindo experienciar formas de registo pessoal e original do lugar.

«O futuro só é possível porque resulta de um presente amadurecido na fonte que o passado foi. O tempo não é uma ideia, uma abstracção, o tempo somos nós, a nossa vivência.»⁵

⁵ D'OREY, Bernardo, Cidades Tácteis, in M. Chaves, Cidades Flexiexistencialistas, 2010 – página 47

ETNOLOGIA ADONTECI

Séc. V - primeira a
Planície, sobrinha de Cond. Numo

Foi levado ao mosteiro beneditino de Coimbra em 997

o - já era adorado

Job o cenário de P.A. Henriquez, m. s. continuava em activas 1160

"Conclio celebrado pelo bispo de Braga" 484

Inventário de fidedad e grays de Coimbra, referencias 1097

Invenção de Santa Catarina 1377

1572 - Avaliação da fideia de fidedad:
1 - grande epidemia (morte)
2 - interrupção do privilegio de permissão de não serem chamados ao serviço
3 - reatamento da barra

1574 invenção de Santa Catarina

1491 - 1506 - 1608

819

159/1059 IGREJA S. PAIO e silvas

1220

Inquirição - 33 cartas

SALINAS PORTADONA 1153

Séc. VII

358 - rio Cavado provavelmente usado

Cemitério Medieval das Barricas

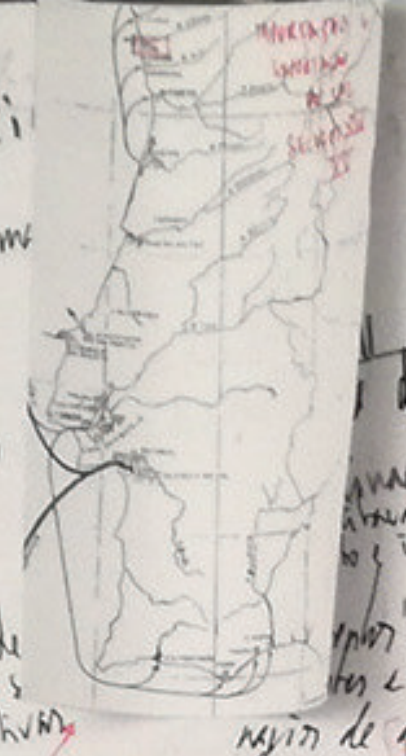
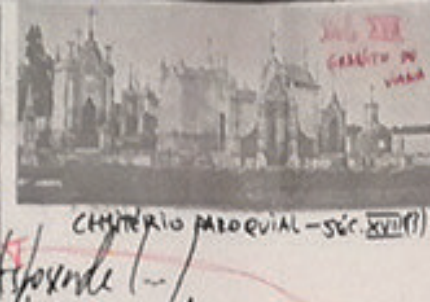
(144 sepulturas e culto de um espírito protetor - do porto de Esporande silvas 70 a 80 travessias para a praia da bacalhã. Séc. XII a XIV)

1552 Acordo de P. João III 17 anos no porto de Esporande

Importo o rio é bastante magro, capaz de grandes embarcações, pelo seu curso de muitas travessias.

PREVENÇÃO DA GELO

Séc. XV a XVII - FORTIFICAÇÃO DE DUNAS



do lado mais cheio não tem mais de um braço 1699

mandado de Armatado - obra na reconstrução do porto e introdução de embarcações

em 1572 e várias viagens, mas a maioria e quatro navios de alto bordo a que chamam caravelas

- Plano de encanamento do rio feito por Eng. António 1745

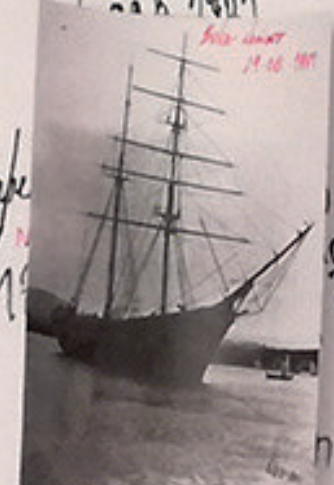
- Validação da do antigo Forte para insular o rio 1779

Plano de encanamento do rio 1825

1874 - Plano de reforma

1881 - Plano de reforma

- Forte de Esporande



Ponte de Foz 1882

1896 - Plano de reforma

1693 - Foz ainda não tinha travessias

1757 - 453 pagos

1804

- suspensão a fundição do forte



Porto das Barricas

Folha de Santa Catarina após a construção do Forte e das Barricas 1800

1820 - Invenção francesa de sal por evaporação

1831 - Forte não estava em condições de resistir a guerra civil

1852 - desenvolvimento junto do porto/rio

1840 - muralhas mortuárias não foram demolidas



1881 - 1882 - 1882

TUNDRA DO ULTRAMAR, ANO 2020 DO MUNDO (2014 A.C.)



Figura 2 - Cronologia síntese do trabalho - primeiro mapeamento da história, lugares, costumes e tradições da vila de Fão. Esta cronologia surge do cruzamento da primeira informação bibliográfica recolhida com fotografias de época.

CAPÍTULO I

A GEOGRAFIA E O RECONHECIMENTO DO LUGAR

As características geográficas de determinada região revelam quais os principais factores que levaram determinado povo a fixar-se. Através da topografia de um lugar, das suas linhas de água e do seu clima é possível compreender a evolução do território, pelas marcas deixadas no passado.

A vila de Fão é conhecida pelo seu extenso areal, pela arquitectura dos anos 60 e pelas suas famosas clarinhas. No entanto, encontram-se vestígios espalhados pelo seu território que revelam uma história muito além da era moderna.

É neste capítulo que serão estudadas quais as características geográficas da vila de Fão que levaram ao interesse dos primeiros povoados, bem como os mitos e lendas existentes em torno da vila.

Assim, este capítulo divide-se em três subcapítulos: 1.1 O lugar, onde será feito um enquadramento geográfico do concelho de Esposende e da amostra em estudo, baseado em cartografias antigas e recentes; 1.2 Morfologia Urbana, abordando-se o crescimento da vila, desde o tempo dos romanos até ao presente, baseado em dados escritos e com recurso ao desenho; 1.3 Mitos e Lendas, que, com recurso a uma leitura extensiva, levanta várias questões relacionadas com os mitos e crenças alusivos à vila, registados em desenho.

A escassez de recursos cartográficos tornou-se notável no decorrer deste processo de trabalho. O recurso à leitura, ao povo local e às cartografias encontradas permitiram o cruzamento das informações recolhidas, originando a organização dos acontecimentos da vila por ordem cronológica.

O capítulo pretende apresentar ao leitor o lugar da amostra e o seu enquadramento geográfico não só no concelho, mas num contexto mais global, através da história que se encontra por detrás do seu crescimento enquanto território.

I.i_ Enquadramento geográfico

A vila de Fão localiza-se no Concelho de Esposende, implantada na margem esquerda de uma extensa linha de água: o Rio Cávado.

O rio Cávado é constituído por vários afluentes: rio Cabril, rio Caldo, rio Homem, rio Labriosca, rio Rabagão, rio Saltadouro e rio Tamel, e por várias barragens, sendo as principais: Barragem do Alto Cávado, Barragem da Caniçada, Barragem do Alto Rabagão e Barragem de Vilarinho das Furnas.

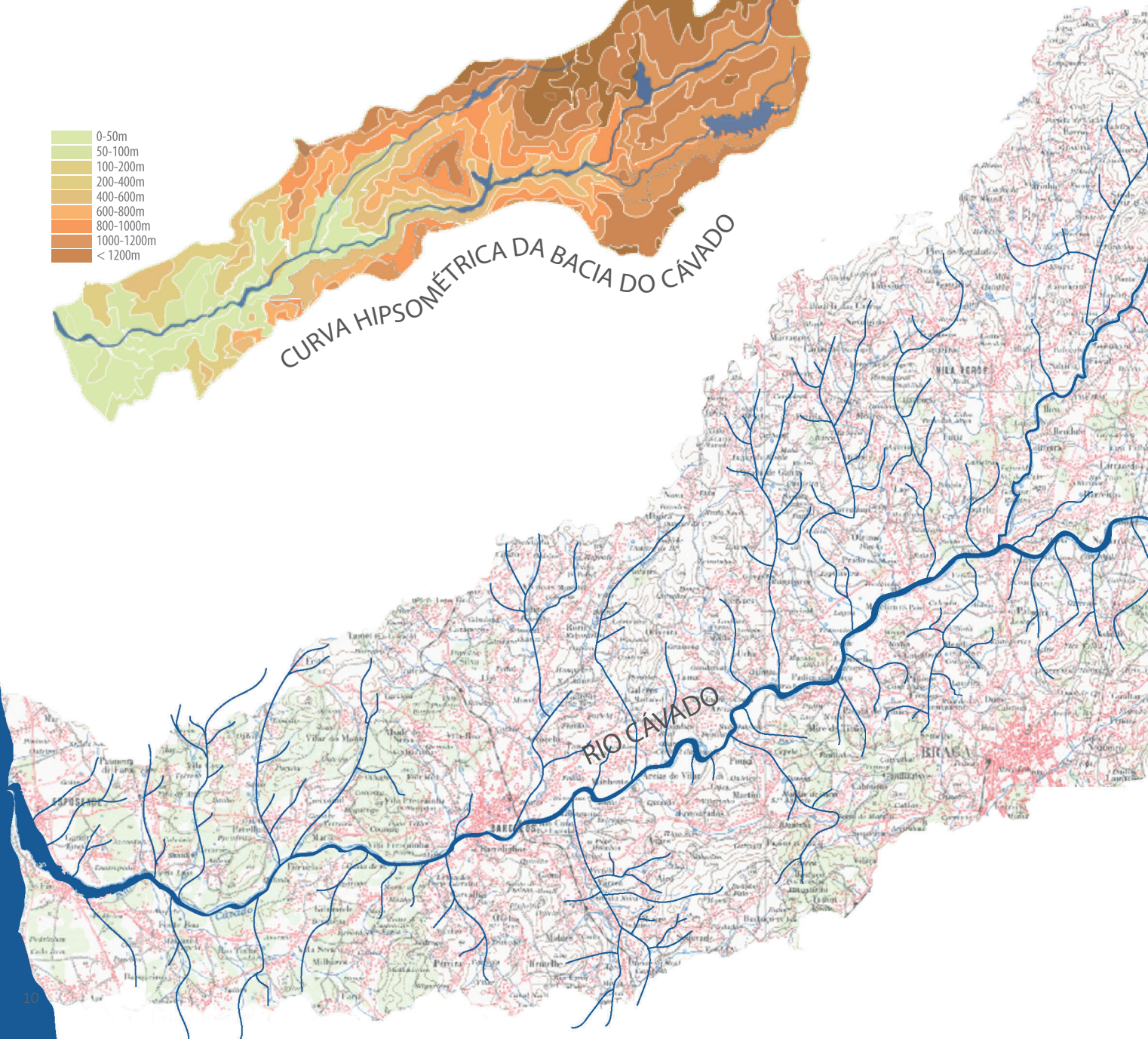
Este rio nasce a uma altitude de cerca de 1520m, na transmontana Serra do Larouco, e vem desaguar no Oceano Atlântico, passando pelos concelhos de Montalegre, Terras de Bouro, Vieira do Minho, Amares, Póvoa de Lanhoso, Vila Verde, Barcelos e, finalmente, em Esposende.

De um breve olhar sobre a bacia hidrográfica do Cávado, percebe-se que a sua topografia irregular aliada às inúmeras linhas de água existentes, contribuíram para a fixação dos primeiros povos nesta área/ no Norte de Portugal. Os terrenos férteis e os montes altos foram os princípios base da escolha. São exemplo desse princípio o castelo de Montalegre, no topo de um monte granítico, o Castro do Barbudo em Vila Verde, o Complexo Castrejo de Galegos de Santa Maria e, entre outros casos, o Castro de São Lourenço, em Esposende.

Desta forma, e dada a dimensão que um estudo em torno da bacia hidrográfica do Cávado tomaria, abordar-se-á apenas a importância do rio para a formação de Esposende e do seu concelho.



Barragem

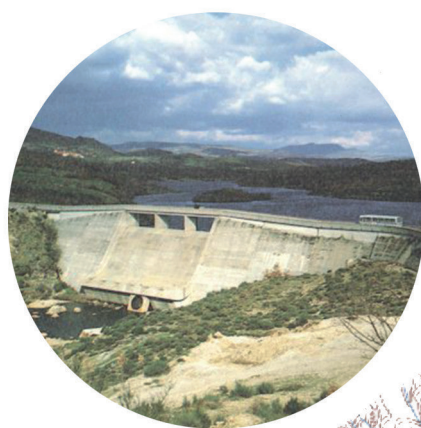




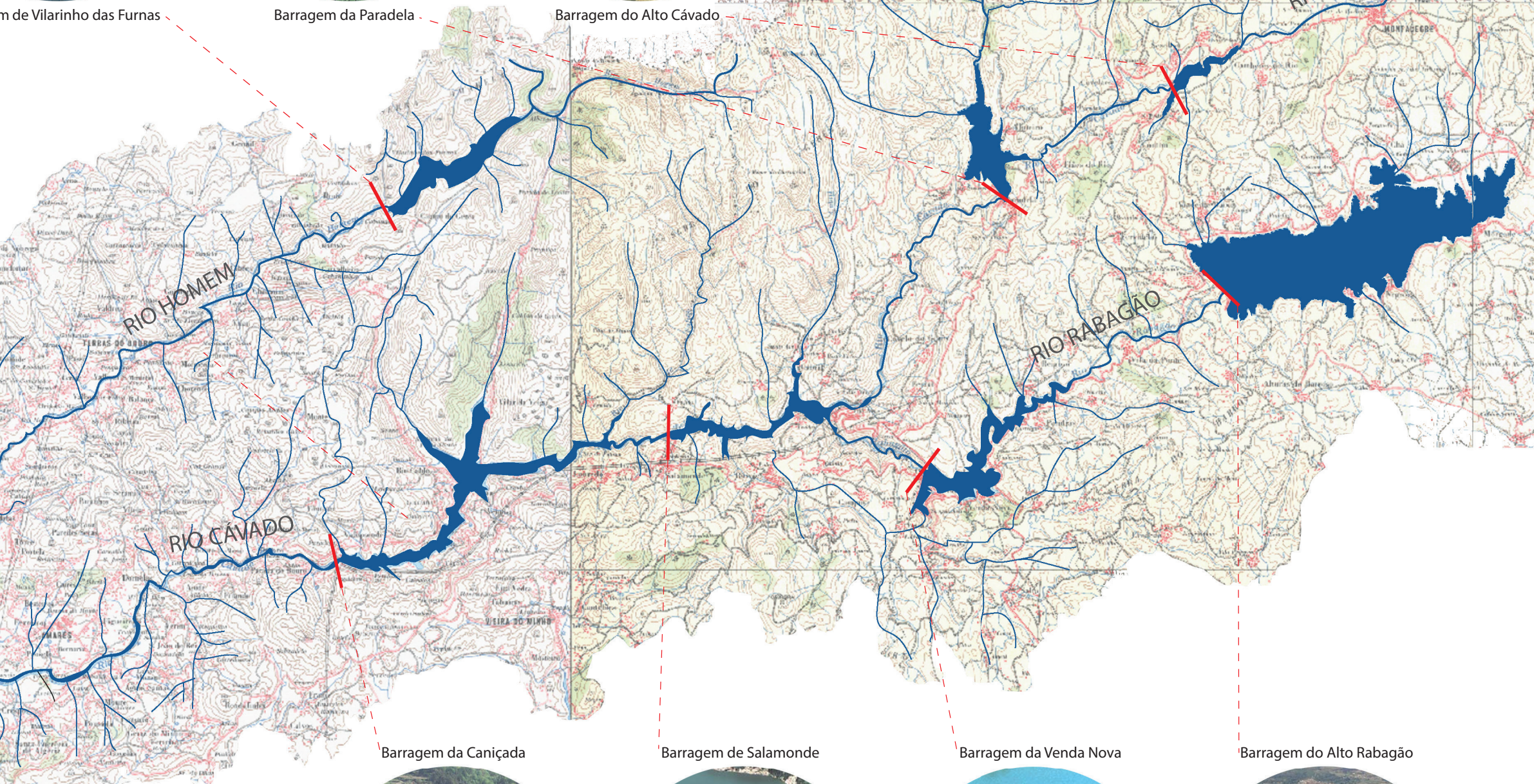
Barragem de Vilarinho das Furnas



Barragem da Paradela



Barragem do Alto Cávado



Barragem da Caniçada



Barragem de Salamonde



Barragem da Venda Nova



Barragem do Alto Rabagão

Figura 3 - A bacia hidrográfica do Cávado. Nesta imagem é possível perceber a localização da vila de Fão no contexto da bacia hidrográfica (foz do Cávado).

O concelho de Esposende é um território bastante peculiar: na sua escassa área, de apenas 95,41 km², encontra-se vale, monte, rio e mar. É um território com características muito díspares, sendo ladeado a Norte pelo rio Neiva, atravessado a Sul pelo rio Cávado, tendo como ponto mais alto o Monte de Palmeira de Faro, e a Poente, encontra-se com o Atlântico.

Não se podendo afirmar com total certeza a data da sua formação, sabe-se que Esposende foi elevada a vila, separando-se do Couto de Barcelos, a 19 de Agosto de 1572 por foral de el-rei D. Sebastião⁶, alcançando o título de cidade em 2 de Julho de 1993⁷. Composto por 9 freguesias, o concelho de Esposende apresenta uma extensão total de 16km de costa, sendo o turismo o principal impulsionador do município.

O território do concelho de Esposende estende-se desde várzeas e veigas da costa atlântica até às zonas do interior, compostas de cumes e vales, estes últimos propícios à exploração agrícola. As características morfológicas dos terrenos aliadas aos recursos cinegéticos em abundância cativaram diferentes comunidades humanas, desde a mais alta antiguidade, com maior relevo entre o Neolítico e a Idade do Ferro, dos quais se destacam os exemplares da arquitectura megalítica e os povoados fortificados. Dos locais arqueológicos encontrados até ao momento, registam-se os seguintes: do Período Megalítico – Anta da Portelagem e Mamoas do Rápido, Menir de S. Paio de Antas; da cultura castreja e romana – Castro de São Lourenço e Vila Mendo; da Idade Média – Cemitério Medieval das Barreiras, em Fão⁸.

Estas civilizações serviam-se dos terrenos próximos dos recursos hídricos para o cultivo de cereais e recolha de frutos, refugiando-se nas suas habitações construídas nas encostas da arriba fóssil do Monte de São Lourenço, protegendo-os dos invernos rigorosos. No entanto, a fixação do núcleo habitacional na arriba fóssil revela-se de cariz estrategicamente militar, uma vez que, por se situarem no ponto mais

⁶ «É evidente que não se pode esquecer, de forma alguma, que a carta régia, de 19 de Agosto de 1572, que elevou Esposende a vila e concelho, ao referir-se aos limites deste (...)» por MARQUES, Francisco, Rio Cávado, 2009 – páginas 9

⁷ «O seu Julgado Municipal é criado por Decreto Régio de 16 de dezembro de 1886. Volvida quase uma dúzia de anos, em 27 de outubro de 1898, é criada a Câmara Judicial de Esposende. E em 19 de agosto de 1993 conquista o estatuto de Cidade.» em <http://www.municipio.esposende.pt/pages/1>

⁸ «Desde os tempos mais remotos que a faixa costeira é continuamente ocupada. Instrumentos líticos do Paleolítico e do Mesolítico têm sido recolhidos em diversos pontos do litoral, tais como Foz do Neiva, Belinho, S. Bartolomeu, Esposende (Farol), Fão (Cordas) e Gandra. (...) Os inúmeros fragmentos de cerâmica castreja, de terra sigillata, de ânforas e de moedas romanas no castro de S. Lourenço e na necrópole de Fonte Boa são bem prova disso, como também o são a necrópole de Fão (...)» por ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado, As Salinas Medievais entre o Cávado e o Neiva, 1979 – páginas 9/10

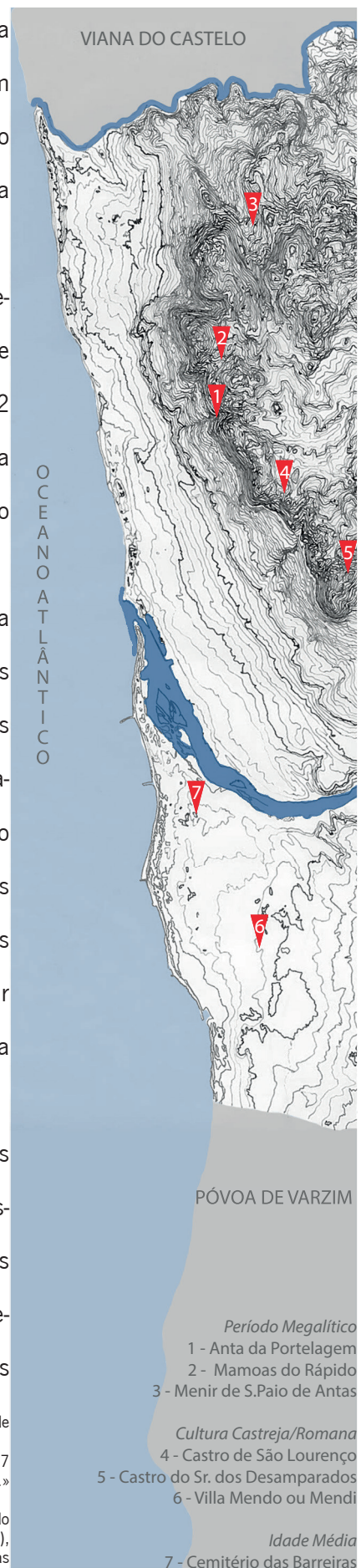


Figura 4 - Mapeamento dos vestígios arqueológicos encontrados no concelho de Esposende



alto da região, facilmente avistavam os invasores que se apresentavam ora por via marítima, ora por via terrestre.

Construído durante o Bronze Final (1300 a.C. – 700 a.C.), foi alvo de sucessivas ocupações, quer na Idade do Ferro, quer no Período da Romanização, quer ainda na Idade Média – a sua última ocupação⁹. A veracidade da datação cronológica da ocupação do castro consta não só nos vestígios encontrados no local, como moedas e cerâmicas, mas também nas suas construções. Ao longo dos três anéis defensivos bem delineados pelas antigas muralhas, encontram-se construções das diversas épocas (1300 a.C. - 700 a.C.), correspondentes aos variados povos e às suas diferentes culturas.

Na incerteza quanto à época da sua formação, crê-se que Esposende descende do Castro de São Lourenço. A população que se protegia no castro foi descendo em direcção ao mar à procura de alimento, encontrando conforto junto ao Cávado. Esta paisagem é o resultado da adaptação do Homem aos cursos de água existentes, e da importância destes para a implementação de culturas ao longo dos tempos, bem como da exploração do leito do rio.

A presença dos romanos nesta porção de território permitiu ao povo da Idade Média usufruir das suas técnicas e tirar melhor partido dos recursos que o mar e o rio lhes proporcionava, conservando-os através da salga do peixe e da actividade salineira.

Estas duas actividades despertaram o interesse dos povos ao longo dos tempos, levando-os a fixarem-se na costa portuguesa. No Norte de Portugal, dá-se especial destaque às vilas piscatórias de Vila do Conde, da Póvoa de Varzim, de Fão, de Esposende e de Viana do Castelo¹⁰.

⁹ «A defesa era assegurada por três muralhas. Nos finais do séc. I a.C. assistiu-se a transformações que perduraram até ao séc. IV d.C., com todos os indícios de romanização. Após um período de abandono o Monte de S. Lourenço volta a ser ocupado, por volta do séc. XIV quando é erguido um sistema defensivo, tipo pequeno castelo.» em <https://www.visitesposende.com/pt/fazer/roteiros/roteiro-arqueologico/castro-s-lourenco-vila-cha>

¹⁰ «A partir do século XII, o sal e o pescado tornam-se num decisivo factor de progresso económico das povoações da orla atlântica minhota. É por esta altura que povoações como Azurara (Vila do Conde), Póvoa de Varzim, Fão, Esposende, Viana e outras, se desenvolvem e se afirmam como centros de pesca e de construção naval.» por ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado, Salinas Medievais entre o Cávado e o Neiva, 1979 – página 14

Figura 5 - Principais vilas piscatórias do Norte de Portugal

I.ii_ Morfologia e Equipamentos

O território da vila de Fão é hoje conhecido pelo extenso areal da praia de Ofir e pelas suas discotecas, bem como pela sua gastronomia local e doçarias típicas, dos quais de salientam o arroz de lampreia e as Clarinhas de Fão.

Inicialmente uma vila piscatória, rapidamente evoluiu para um dos mais procurados destinos de férias do Norte de Portugal, a partir da década de 70. Muitos empresários, na sua maioria de Braga e Porto, encontraram no concelho de Esposende o refúgio para o descanso. Essa procura deve-se, essencialmente, pelo conjunto de estruturas e equipamentos que o concelho oferece, capazes de atrair gentes de todas as idades, com facilidade de acesso.

No início do século XX inicia-se em todo o país uma larga difusão de estradas que o progresso vai impondo, e o concelho de Esposende é hoje dotado de óptimas vias de comunicação, que o liga aos principais centros urbanos, quer seja no sentido norte-sul como no sentido nascente-poente. Desde o século XX, a vila é atravessada por um eixo viário de grande importância – a Estrada Nacional 13 -, que promove a ligação entre a área metropolitana do Porto e a cidade de Valença. Este eixo contribuiu, a par dos jornais da época, para a divulgação do novo centro balnear que Ofir se tornara, sendo este paragem obrigatória para quem percorria a EN13. Porém, dada a expansão da estruturação viária a nascente (A28 – ligação Porto a Vilar de Mouros) a dinâmica desta estrada nacional encontra-se profundamente alterada.

Este subcapítulo reúne vários aspetos fundamentais sobre o estudo das formas urbanas da vila, sendo feita referência aos principais elementos físicos que estruturam e moldam o seu território, como os tecidos urbanos, as ruas, o extracto parcelar, o construído, o espaço livre.

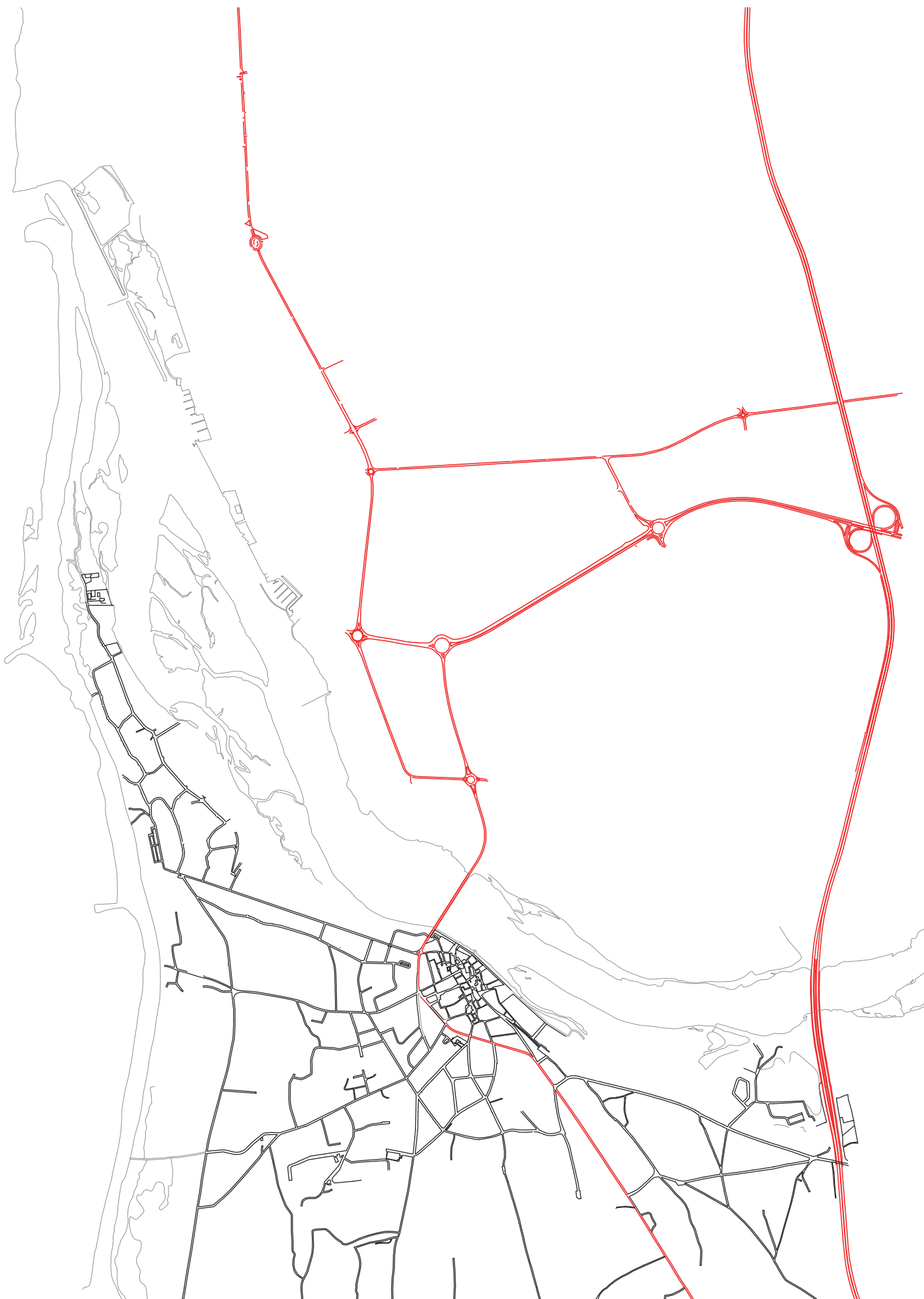


Figura 6 - Estruturação viária da vila de Fão. A vermelho, encontram-se representadas a EN13 (Porto - Valença) e a A28 (Porto - Vilar de Mouros).

Morfologicamente, a amostra assume-se como um território composto por diferentes tecidos urbanos, sendo que, cada núcleo identificado, corresponde a uma época de edificação distinta. Os tecidos observados enquadram-se nas seguintes categorias: Área Histórica, Frente Urbana Contínua Consolidada, Áreas de Habitação do Tipo Unifamiliar, Áreas de Habitação Isolada com Predominância de Habitação Colectiva, Áreas Industrial/Empresarial, Solo Afecto à Estrutura Ecológica e Áreas de Equipamentos¹¹.

Do primeiro tecido observado, o histórico, salienta-se a sua geometria pouco regular, designada por planta não planeada ou orgânica. As ruas e habitações não seguem uma regra, foram dispostas consoante as necessidades do Homem e as características físicas do lugar, ainda na época em que a pesca era o seu principal sustento. A apropriação da cota mais baixa da vila deve-se, então, pela proximidade ao Cávado.

Os núcleos designados como Frente Urbana Contínua Consolidada estendem-se para poente, ao longo da Avenida António Veiga (recta de Ofir); para nascente, na Rua de Serpa Pinto (N205-1 que liga Fão a Fonte Boa) e no troço da EN13 compreendido entre a Avenida António Veiga e a Rua de Serpa Pinto.

Ao longo destes tecidos é observada a clara dominância do eixo viário ao qual são agregados, à face dos arruamentos, os edifícios. Estes, de uso maioritariamente habitacional, surgem no difícil período do pós-guerra. Fão atravessava um período de pobreza quando, em 1947, se escrevia um novo capítulo na sua história com a divulgação do Ofir, «A terra cresceu com algumas dezenas de prédios novos no pinhal e uma pousada de seis andares»¹².

Durante o século XX, com o aparecimento da EN13, as novas construções de carácter habitacional afastam-se da afluência viária, e crescem para poente, agregadas aos tecidos existentes. Esta variante de tecido urbano, definida como Áreas Habitacionais do Tipo Unifamiliar, acontece face à consolidação dos tecidos urbanos

¹¹ OLIVEIRA, Vitor, MARAT-MENDES, Teresa, PINHO, Paulo, O Estudo de Forma Urbana em Portugal, 2015 – página 213

¹² “O pós-guerra foi um período muito difícil. Em 1947, quando se abria um novo capítulo na história de Fão com o arranque da divulgação do Ofir (...) pois a terra cresceu com algumas dezenas de prédios novos no pinhal e uma pousada de seis andares.” em BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FÃO: 80 ANOS, 2007 - página 23

acima referidos, surgindo em áreas mais fragmentadas e afastadas dos principais eixos viários.

Com efeito, o afastamento destas construções justifica-se nos termos económicos, sociais e demográficos, uma vez que nestes núcleos se encontram construções de cariz social (Caldeirão). Nestes casos, verifica-se um traçado geométrico regular das ruas, com lotes de reduzida dimensão e tipologias de baixa densidade (edifícios de três ou quatro frentes) resultando em loteamentos e urbanizações.

O aparecimento de Ofir criou condições para a convergência de interesses de modo a tornar viável o investimento numa área residencial de veraneio das classes altas. A formação, em extensão, de um tecido de ruas constitui uma forma elementar de sistematização urbana, que neste caso de Ofir, se caracteriza pelo traçado geométrico irregular das ruas, o grande dimensionamento dos lotes e as tipologias de baixa densidade – composta por edifícios de quatro frentes.

Como complemento às áreas de habitação, surgem as Áreas de Habitação Isolada com Predominância de Habitação Colectiva. Nesta perspectiva, enquadram-se os aldeamentos e condomínios da Urbanização dos Lírios, imperando, em oposição ao Caldeirão, uma classe média alta. Nos últimos 15 anos, a construção deste tipo de tipologia tem crescido porque «a pressão imobiliária nos tempos de crédito fácil e acessibilidades modernas transformam as zonas de Fão em periféricos dormitórios dos centros empregadores» como Porto, Braga e Barcelos.

Da análise in situ observou-se a existência de pequenas, médias e grandes empresas espalhadas pelo território. Como habitualmente acontece, as Áreas Empresarias/Industriais inserem-se em zonas próprias, isoladas das áreas residenciais e próximas dos eixos viários de maior relevo. No caso de Fão, apesar de algumas indústrias se implantarem na proximidade na EN13 e da N-205-1, também se observam pequenas empresas junto às áreas habitacionais.

Da breve análise global das indústrias, percebe-se que estão essencialmente ligadas à construção de estufas, confecção de têxteis e mobiliário. Na primeira década do século XXI, estavam sediadas em Fão a empresa Portilame-Engenharia e Madeira, Lda (actualmente sediada na Zona Industrial de Neiva) e a Prêtlanti, que

fabricava materiais de construção. Apesar destas duas empresas terem saído do território de Fão, as suas instalações têm vindo a ser ocupadas por pequenas empresas locais.

No contexto do Solo Afecto à Estrutura Ecológica, optou-se pela introdução das áreas florestais, dos solos agrícolas e dos sistemas dunares. Da análise ao mapeamento dos extratos, é possível aferir que o território sul de Fão é essencialmente agrícola e, no eixo sul-poente, florestal.

Por fim, destacam-se as Áreas de Equipamentos. À semelhança do sucedido com a rede viária do território da amostra, também os benfeitores locais mais abastados mandaram edificar equipamentos, fundando centros de assistência social, construindo escolas, cantinas, o hospital em dimensão regional, restauraram igrejas e capelas, fomentaram a actividade desportiva¹³.

¹³ «No ensino – Manuel Pinto de Amorim Campos – a ele se deve a construção da Escola que tem o seu nome, à margem da EN 13, em 1899. / Na Saúde – (...) destacamos Augusto José Teixeira, (...) Manuel Pinheiro Borda, Artur Sobral, Joaquim Mariz e Avelino Pires Carneiro, todos comerciantes, e Maria Paragassu (...) / No Desporto – Artur Sobral intervém decisivamente no actual Campo de Jogos do clube local. / Na Assistência Social – Joaquim Maria criou a cantina da Escola Amorim Campos; Estanislau Soares funda a cresce D. Pedro V. / No Património Arquitectónico e Urbanístico (...)», por ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado, 3 – Em Fão, vila da outra margem do Cávado – Fão, Boletim Cultural de Esposende N°17, 1990-92 - página 43



Figura 7 - Compilação dos diferentes tecidos urbanos observados na vila de Fão.

Sendo o território um espaço de vivências, de relações homem/natureza, contradições socioeconómicas, de equipamentos urbanos colectivos, estes constituem um polo fundamental possibilitando o acesso dos diferentes grupos sociais às políticas de coesão social articuladas com as entidades públicas e com a sociedade civil, preponderantes na promoção social de uma comunidade mais inclusiva, indispensáveis para o bem-estar e qualidade de vida dos habitantes.

A vila de Fão dispõe de inúmeros equipamentos urbanos, não sendo, à semelhança de outras pequenas cidades, inteiramente dependente dos centros urbanos mais próximos devido à insuficiência de infraestruturas e serviços. Neste sentido, através do mapeamento dos equipamentos urbanos presente na vila, notou-se que os equipamentos estão dispostos de forma a atender as necessidades básicas da população local.

«A rede de equipamentos colectivos constitui uma componente necessária à promoção do desenvolvimento sustentável e integrado de um território, nas suas mais diversas dimensões.»¹⁴

¹⁴ <http://www.municipio.esposende.pt/pages/334>





Figura 8 - Mapeamento dos diferentes equipamentos colectivos que compõe o tecido da vila.

I.iii_ Mitos e Lendas da vila de Fão

«O mar e o rio – o Atlântico e o Cávado – foram as fervilhantes realidades que se impuseram, desde sempre, ao homem desta terra chamada Esposende (...) Pelo mar chegaram e saíram mercadorias e bens de toda a ordem, decisivos em cada tempo, para o progresso da economia. Naquele deu-se curso à actividade piscatória mais exuberante. Por ele estabeleceu-se e confirmou-se, durante séculos, um centro de construção naval importantíssimo»¹⁵.

A fundação do território fangueiro e a sua evolução carecem de informação histórica detalhada. No entanto, através da população local e de registos escritos, crê-se que esta amostra territorial já vem sendo ocupada há muitos séculos atrás.

Uns dizem que Fão foi porto romano, outros afirmam que fez parte das 5 vias romanas com epicentro em Bracara Augusta. Há ainda quem faça referência a um concílio celebrado pelo bispo de Braga. Excluídos os fanatismos, neste subcapítulo são apresentados, cronologicamente, os vários pontos abordados pelos autores.

Começa-se por referir as lendas das civilizações que surgiam pelo mar, à procura de ouro, ambicionando riqueza absoluta para os seus reinos. Não havendo registos históricos, baseiam-se os autores nos conhecidos “Cavalos de Fão” para fundamentar os seus argumentos, destacando-se:

- Pelo sonho de construir um Templo do Senhor de Jerusalém, Salomão procurou reunir as maiores riquezas do mundo, pedindo auxílio aos fenícios na procura dessas riquezas. Em busca do melhor ouro, diz a lenda que o bíblico Ofir se situava na actual foz do Cávado, sendo dali que as frotas fenícias carregavam os seus navios em direcção a Jerusalém. Para mostrar gratidão pelo seu auxílio, o Rei Salomão manda oferecer ao povo fenício os melhores cavalos do mundo; no entanto, e dado a uma enorme tempestade, a frota salomónica naufragou e, por obra divina, os cavalos ficaram petrificados, ficando para sempre cativos daquelas águas¹⁶.

- Quando as invasões bárbaras vindas do norte europeu assolaram a Ibéria, chegaram às terras onde hoje se localiza Fão. Na tentativa de evitar a perda do seu território, a

população, com poucos meios, combateu e empurrou os bárbaros que, montados

¹⁵ BERNARDINO, Amândio, Esposende e o seu concelho na história e na geografia, Parte II, 1994- página 20

¹⁶ Por Teixeira da Silva, Duas Lendas sobre Fão e Ofir – Esposende, em <http://www.faroldanossaterra.net/2015/06/02/duas-lendas-sobre-fao-e-ofir-esposende/>

em belos cavalos, e novamente por acção divina, se afogaram e se transformaram numa barreira natural, ainda hoje visível em tempo de maré baixa.¹⁷

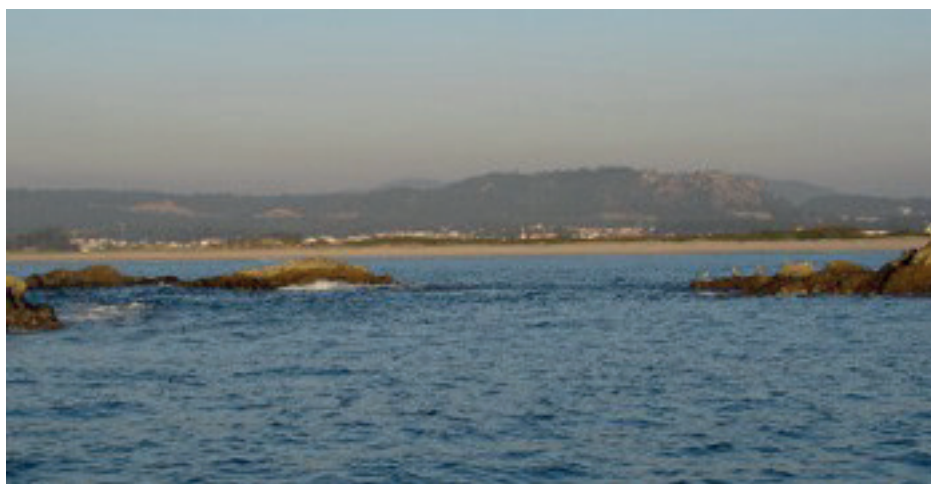


Figura 9 - Fotografia dos Cavalos de Fão.

A construção de uma cronologia baseada em histórias e marcas verídicas, permitiu concluir que Fão, ou Fanum, como aparece várias vezes escrito em documentos antigos, vivenciou, definitivamente, a passagem do povo romano na sua região. Associada a esta presença, destaca-se a possível passagem das civilizações Fenícia e Cartaginesa pela foz do Cávado:

- Pelas Rotas do Avieiro e Estanho, que subia o Mediterrâneo e o Atlântico até à Cornualha, andavam os Fenícios à procura de estanho que, ligado ao cobre, fundia o bronze¹⁸;
- À procura de estanho e não de ouro, este povo parava por curtos períodos e, certamente, a existência de pinheiros bravos não passaram despercebidos para a construção naval e para o acondicionamento dos citrinos e tâmaras que recolhiam na Galiza. Conhecida como uma cultura comercial marítima, também o sal para a conserva do pescado era aprazível a esta civilização¹⁹;
- Carregavam-se, na barra de Fão, navios de ouro para os romanos e cartagineses²⁰;

¹⁷ Por Teixeira da Silva, Duas Lendas sobre Fão e Ofir – Esposende, em <http://www.faroldanossaterra.net/2015/06/02/duas-lendas-sobre-fao-e-ofir-esposende/>

¹⁸ «Grandes navegadores, andavam pela costa à procura de estanho, que ligado ao cobre fundia o bronze. “Rota de Avieno” e “Rota do Estanho”, atravessava o Mediterrâneo e subia o Atlântico, até à Cornualha (...)» por MACHADO, Manuel Ayres Falcão, 1.4. Monografias do Concelho, Monumentos Históricas de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 – página 110

¹⁹ «À procura de estanho e não de ouro, os Fenícios paravam por curtas permanências por estas bandas (...)» por CHAVES, P. Jerónimo Chaves, 1.1 Elementos para a Historia de Fam, Monumentos Históricas de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 - página 172000 - página 18

²⁰ «Consta-se que, neste pôrto dos Cavalos de Fam, embarcou ouro e prata das minas da Terra Negra, para o Templo de Salomão.» por CHAVES, P. Jerónimo Chaves, 1.1 Elementos para a Historia de Fam, Monumentos Históricas de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 - página 17

- «(...) o mar dava-lhes o peixe mais suculento, depois conservado através do sal e seco ao sol, segundo a tradição fenícia e romana (...)»²¹.

Há ainda autores que atribuem a fundação de Fão aos celtas, no ano de 3020 do mundo – 984 a.C. – sendo nesta “cidade”, em 66, martirizados os santos Crispulo e Restituto. Em 402 d.C, foi celebrado o concílio para concluir as doutrinas Priscilianas oriundas de Espanha, por D. Turíbio²².

O contraste entre autores é evidente em certos momentos da história da vila. De um lado, uns tentam reivindicar a idade mais antiga do concelho para a vila; do outro, baseados em factos mais concretos e menos emocionais, tentam reafirmar a identidade da vila de forma sólida.

No entanto, variados autores são unânimes quanto à presença romana neste território. A romanização deu-se em todo o território mediterrâneo, marcando a sua paisagem e vivências.

«A primeira grande transformação deve-se aos romanos e consistiu na descida para as terras baixas, onde as villas rústicas sucederam aos castros que pouco a pouco caíram em ruínas (...)»²³.

A mais importante referência desta amostra refere a existência de uma cidade romana nas margens do Cávado: Aguas Celenas. São apontadas várias hipóteses para a sua localização, como:

- A ocupação da margem esquerda do Rio Cávado, sendo aqui localizado o porto de mar de Bracara Augusta e um importante interposto da via romana²⁴;
- A utilização do Rio Cávado a partir de Vilar de Frades, seguindo até à foz, onde se localizaria a cidade de Aguas Celenas²⁵;
- A célebre via marítima iniciar-se-ia em Maximinos, na margem esquerda do Cávado até Remelhe, encontrando-se com o oceano em Apúlia²⁶;

²¹ FELGUEIRAS, José Eduardo de Sousa, Sete Séculos no Mar (XIV a XX), Capítulo X, 2010 – página 172

²² «A história religiosa menciona que nesta localidade se realizou em 402, um concílio presidido por D. Turíbio (...) para condenar as doutrinas Priscilianas, consideradas gnósticas e manicheas, oriundas de Espanha (...)» por MACHADO, Manuel Ayres Falcão, 1.4. Monografias do Concelho, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 – página 85

²³ RIBEIRO, Orlando, Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico, 1986 – página 171

²⁴ «Persistem no entanto frágeis informações de que na margem esquerda da foz do Cávado se localizava a cidade de Águas Celenas, o porto de mar de Bracara Augusta e importante interposto da via Romana «per ora marítima» desde a cidade de Astorga (...)» por BERNARDINO, Amândio, Esposende e o seu concelho na história e na geografia, Parte II, 1994 – página 22

²⁵ «(...) a célebre via utilitaria o rio Cávado a partir de Vilar de Frades, seguindo até à foz onde se localizaria a cidade de Aguas Celenas.» por BERNARDINO, Amândio, Esposende e o seu concelho na história e na geografia, 1994 – página 29

²⁶ «A seu ver a estrada da «ora marítima» devia ter início em Maximinos e seguir depois a margem esquerda do Cávado até às proximidades de Remelhe. Daqui passaria por perto de Paradela e viria a encontrar o oceano em Apúlia.» por BERNARDINO, Amândio, Esposende e o seu concelho na história e na geografia, 1994 – página 29

- Nos catálogos dos Arcebispos de Braga é mencionada a fundação de uma cidade romana na praia, de seu nome Aguas Celenas, criando a possibilidade da sua localização na praia de Cedovém²⁷;
- Localizada na Galiza, apesar de, no século XI, a Galiza se estender até ao Douro, englobando o território de Fão, sendo, portanto, uma dessas cidades celenas²⁸;
- Pela proximidade ao Cávado e a Bracara Augusta, implantar-se-ia onde hoje se localiza a cidade de Barcelos²⁹.

²⁷ «Neste sentido temos uma vaga ideia que esta cidade existira na praia de Cedovém, um pôrto muito regular para os pescadores da freguesia da Apúlia. Esta praia é muito próxima do limite de Fam, e daqui vem, talvez, a confusão.» por CHAVES, P. Jerónimo Chaves, 1.1 Elementos para a Historia de Fam, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 - página 172000 - página 14

²⁸ «O Agiologio Lusitano cita duas cidades denominadas de Águas Celenas, ambas na Galiza. Porém é de notar que no século XI a Galiza se estendia até à margem direita do Douro, o que permite supor que Fão fosse uma dessas cidades celenas (...)» por MACHADO, Manuel Ayres Falcão, 1.4. Monografias do Concelho, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 – página 84

²⁹ «(...) e a outra tivesse existido no local onde hoje se ergue a cidade de Barcelos.» por MACHADO, Manuel Ayres Falcão, 1.4. Monografias do Concelho, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 – página 84

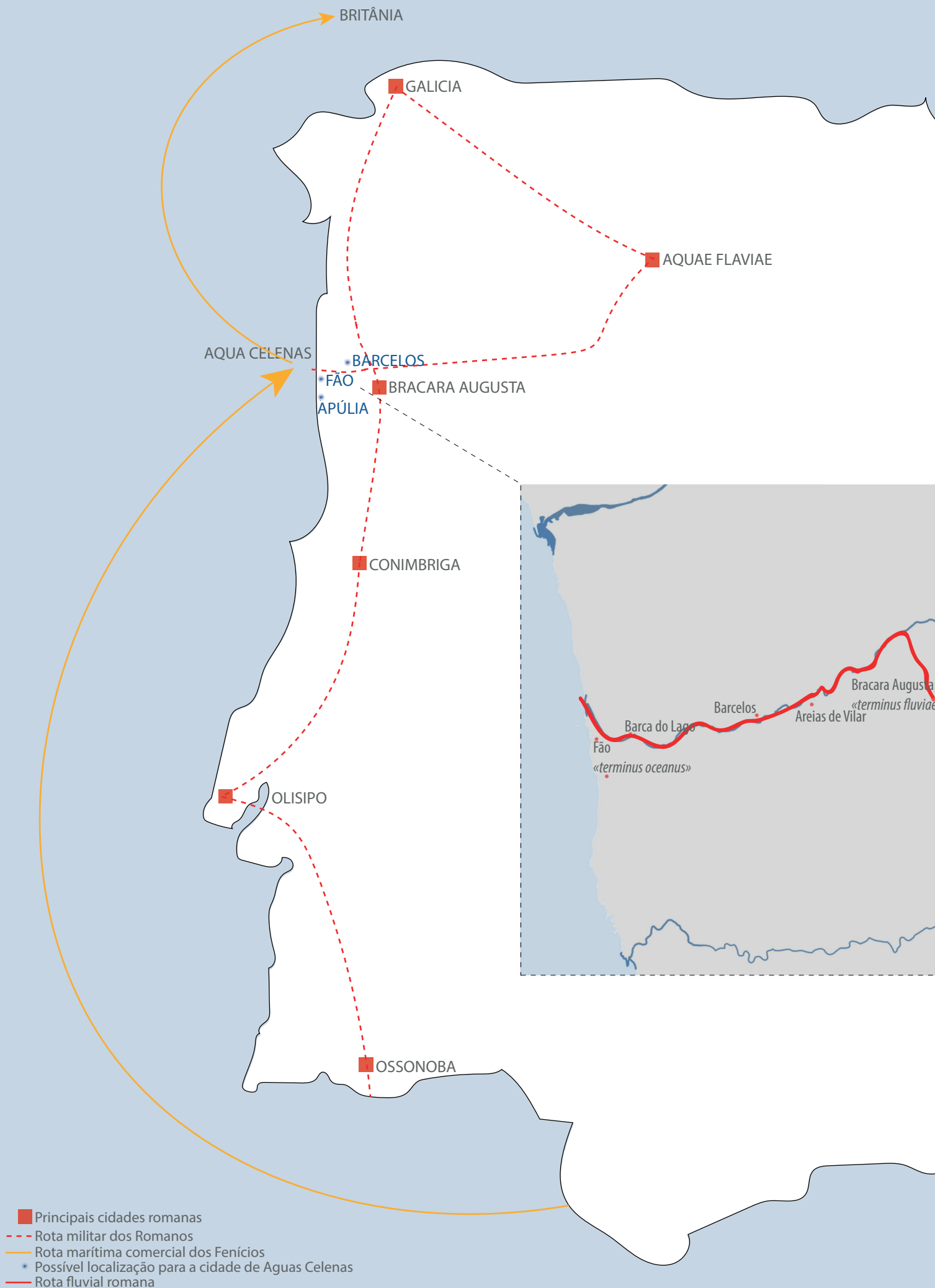


Figura 10 - Mapeamento das ideias de variados autores acerca da história da vila: localização da cidade romana de Aguas Celenas, as 5 principais vias romanas, rota comercial dos Fenícios (em busca de cobre), rota fluvial romana pelo Rio Cávado.

É importante referir que da ocupação romana ressaltam-se algumas marcas deixadas no território, que permitem compreender e datar a sua passagem, destacando-se:

- O rio Cávado, importante via comercial com Bracara Augusta, que originou a atribuição do termo romano ‘terminus oceanus’ ao porto de Fanum, sendo a capital do império o ‘terminus fluviae’ desse complexo, que englobaria os portos da Barca do Lago, Vilar de Frades e Areias de Vilar³⁰; de Bracara Augusta partiam 5 importantes vias militares, uma das quais metade fluvial, metade terrestre, dirigindo-se até ao canal do rio, navegando por ele abaixo até Esposende³¹; esta via tinha por objectivo o comércio e o serviço militar; conta-se ainda que a frota da conquista de Bracara Augusta aportou no ancoradouro natural de Aguas Celenas, servindo-se da importante via marítima: o Cávado³²;

- As salinas, atribuídas à Condessa Mumadona Dias, associam-se tanto à Idade Média como à ocupação romana. Localizavam-se em alguns terrenos a Norte do Cávado, não sendo possível decifrar a sua localização exacta³³;

- Villa Mendo – ou Villa Menendi – localizada na vila de Apúlia, estima-se que, pela sua proximidade com o oceano, os seus habitantes se dedicassem à pesca e à actividade salineira, à semelhança do ocorrido do lugar de Paredes e na foz do Cávado³⁴;

- A actividade mineira, em Barqueiros – Lagoa Negra³⁵, fundamenta a presença da

³⁰ «Fão, no período da romanização, fazia parte do que a Dr.^a Maria Luísa Blot classifica como «Complexo portuário do Rio Cávado», sendo nesses tempos o seu terminus oceânico. Deste complexo faziam parte a Barca do Lago, Vilar de Frades e Areias de Vilar, que constituíam um sistema de pequenos portos de que Braga era o terminus fluvial.» por FELGUEIRAS, José Eduardo de Sousa, Sete Séculos no Mar (XIV a XX), Capítulo XI, 2010 – página 78

³¹ «A importância desta localidade é demonstrada pelo facto de uma das cinco vias romanas que conduziam a Braga terem tido seu início nesta freguesia.» por MACHADO, Manuel Ayres Falcão, 1.4. Monografias do Concelho, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 – página 84; «(...) Jerónimo Contador de Argote, entre outros, coloca aqui (...) a cidade romana de Aquas Celenis, sendo o rio Cávado uma das cinco vias que saíam de Bracara Augusta. Ainda ligada a esta época surge a lenda que identifica os cavalos de Fão – afloramentos rochosos junto à costa – como “Promontório Avaro”, o porto romano onde teriam desembarcado os romanos conquistadores de Braga.» por ALMEIDA, Carlos A. Brochado et. Al., Necrópole Medieval das Barreiras – Fão, Boletim Cultural de Esposende N°17, 1990-92 - página 112

³² «Alguns historiadores referem que na barra de Fão se carregavam navios de ouro para os cartagineses e romanos e que no seu porto esteve fundeada uma esquadra comandada por Aníbal, que desembarcou soldados para a conquista de Braga e seu território.» por MACHADO, Manuel Ayres Falcão, 1.4. Monografias do Concelho, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 – página 84

³³ «(...) mais se prova que as Salinas de Fam foram um facto, que individualidade alguma pode pôr em dúvida. Esta poderá incluir, apenas, na sua localidade, que facilmente se desvanece, considerando que, na margem direita do rio Cávado, existem alguns terrenos, cultivados e não cultivados, conhecidos pelas salinas. Estas salinas estendiam-se desde Fam até à freguesia das Marinhas, cujo nome veio das marinhas aí existentes.» por CHAVES, P. Jerónimo Chaves, 1.1 Elementos para a História de Fam, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 – páginas 14/15

³⁴ «É evidente que a hipótese das salinas poderá não ser muito aceitável já que a distância ao mar é grande e a separar esta do Atlântico existe a fértil Agra de Apúlia. No entanto, e como afirmou Avelino Jesus Costa nada obsta a que, de facto, o termo Paredes se relacione com divisórias de salinas pois na Idade Média foi dada uma “... grande projecção do sal e da salinicultura... era a nossa vulgar indústria do frio” por NEIVA, Manuel Albino Penteado, II- Um Passeio na História de Apúlia, Apúlia na História e na Tradição, 2000 – página 27; «Nas redondezas da “Villa Menendiz”, a cerca de 800 metros do mar, foram encontradas muitas cerâmicas do tipo castreja com cronologia muito próxima dos séculos I a.C. e I d.C.. Cerâmica idêntica apareceu, também, na área de Paredes, vindo a dar algumas razões ao documento, atrás referido, datado de 1111.» por NEIVA, Manuel Albino Penteado, II- Um Passeio na História de Apúlia, Apúlia na História e na Tradição, 2000 – página 32

³⁵ «(...) o enorme poço é conhecido por Lagoa Negra, que, por sua vez, deu o nome ao lugar de Lagoa Negra, freguesia de Barqueiros, concelho de Barcelos.» por CHAVES, P. Jerónimo Chaves, 1.1 Elementos para a História de Fam, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 - página 18

- A actividade mineira, em Barqueiros – Lagoa Negra¹, fundamenta a presença da civilização romana naquela região;
- Na vizinha Apúlia, as praias de Cedovém e Granadoiro, em latim ‘Dê boas vindas’ e ‘Grãos de Ouro’. Pelo seu topónimo possivelmente Granadoiro estará relacionado com a lenda dos Cavalos de Fão. Cedovém seria um ponto de boas-vindas a quem chegasse à costa minhota²;
- Fanum – que em latim significa “pequeno templo romano” – originou o nome Fão dos tempos modernos, possibilita a ligação ao período romano³;
- A distância, medida em estádios, que resulta na actual distância (aproximada) de Fão a Braga, correspondente à distância de Aguas Celenas a Bracara Augusta⁴.

Apesar da incontestável falta de estudo científico capaz de balizar este território num intervalo de datas/séculos específico, as marcas encontradas e agora apontadas obtidas nos recursos bibliográficos que existem sobre Fão, possibilitam concluir que este território começara a ser ocupado por volta do século I a.C, com a presença das tropas que marchavam sobre Braga. A partir daí, a paisagem foi sendo alterada consoante as necessidades dos seus habitantes, até aos dias actuais.

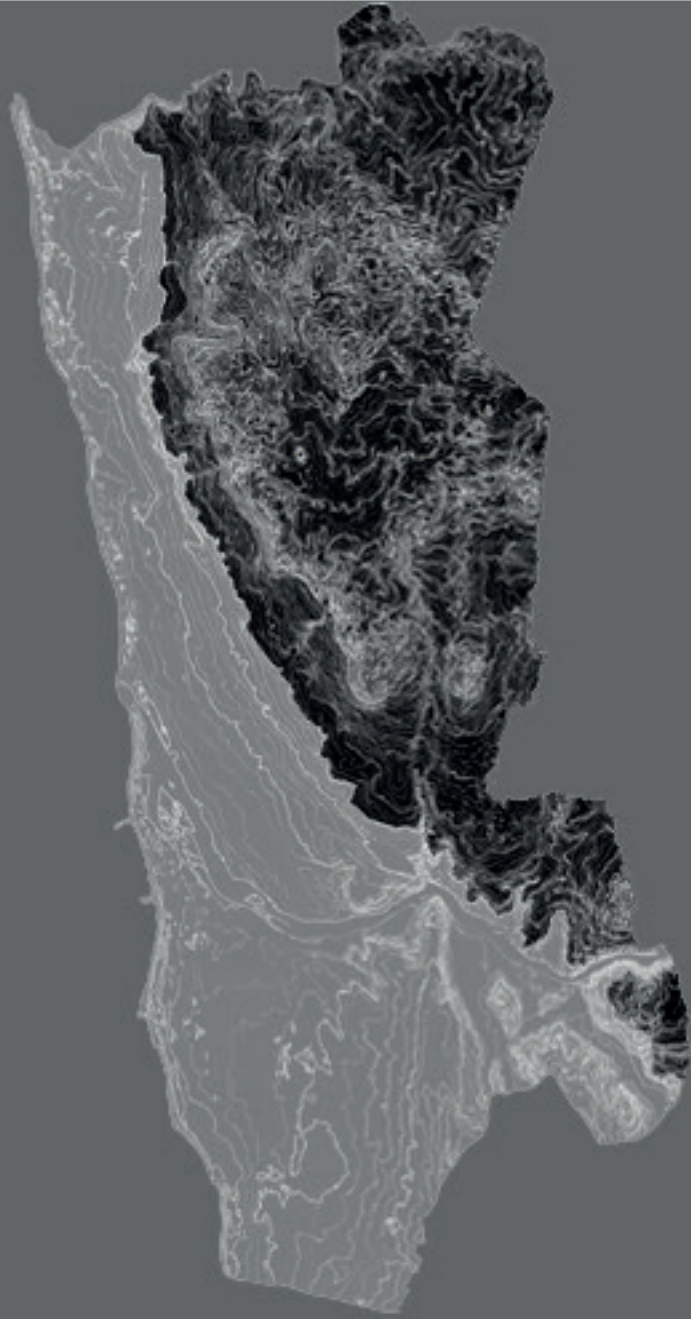
¹ «(...) o enorme poço é conhecido por Lagoa Negra, que, por sua vez, deu o nome ao lugar de Lagoa Negra, freguesia de Barqueiros, concelho de Barcelos.» por CHAVES, P. Jerónimo Chaves, 1.1 Elementos para a Historia de Fam, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 - página 18

² MONTE, Elisabete, OS Lugares de Cedovém e Pedrinhas: Do Reconhecimento do Lugar à Intervenção, 2015 - página 39

³ «A etimologia da palavra Fam vem do latim – Fanum (...)» por CHAVES, P. Jerónimo Chaves, 1.1 Elementos para a Historia de Fam, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 – página 11

⁴ «(...) Julian Perez, sem hesitar, “extrahiu” da vaga indicação fornecida por Antonino – de Braga a Águas Celenas, 165 estádios – os elementos informativos precisos para dizer que esta estação (...), na margem esquerda do Cávado, no local onde agora (no seu tempo) estava o oppidum de Fão.» por SEQUEIRA, Coronel Zeferino, 1.5 Villa Nuncupata Fano, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 - página 120

PRÉ-HISTÓRIA
PALEOLÍTICO



SÉCULO X

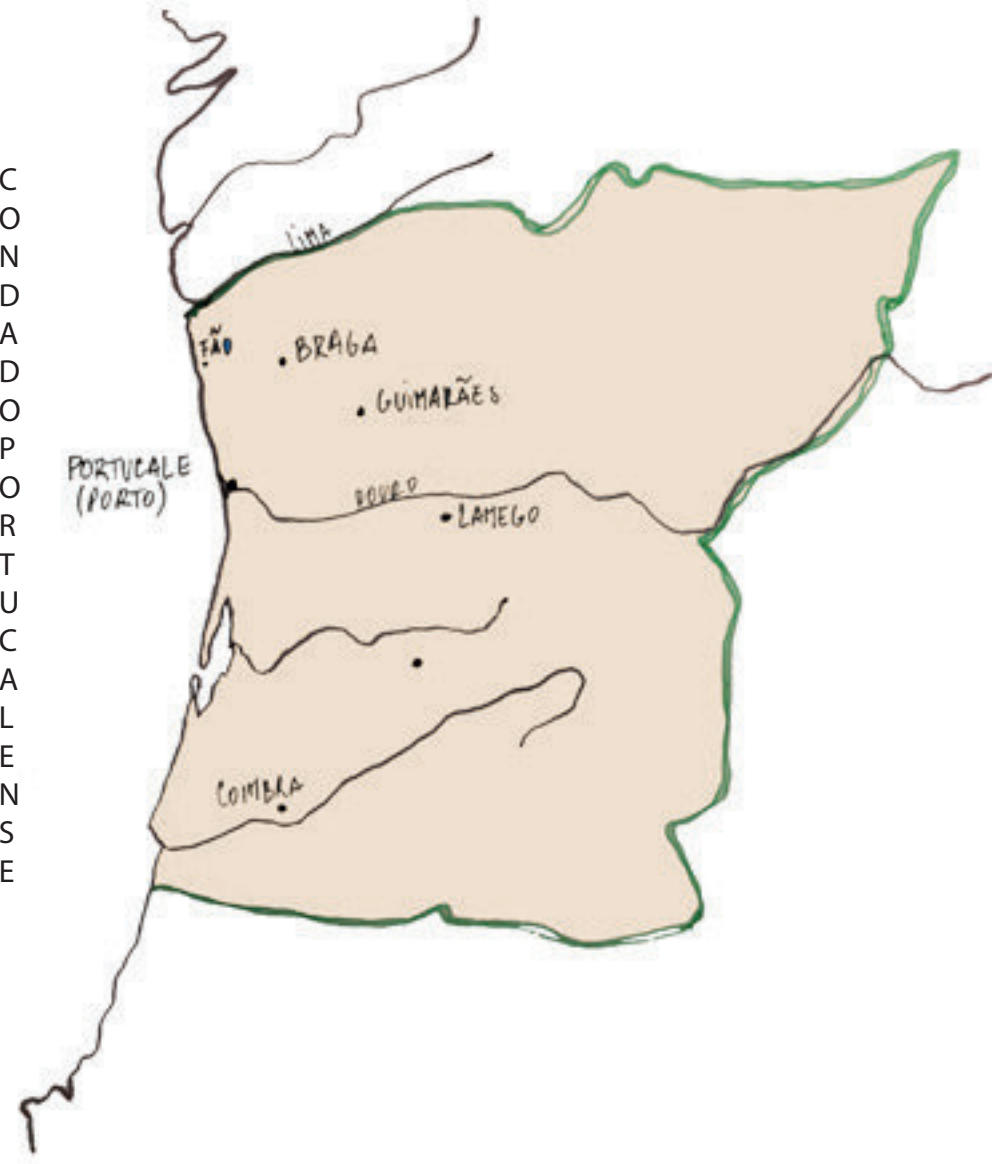
SÉCULO XI

SÉCULO XII

SÉCULO XIII

SÉCULO XIV

C
O
N
D
A
D
O
P
O
R
T
U
C
A
L
E
N
S
E



PRÉ-HISTÓRIA

SÉCULO X

SÉCULO XI

SÉCULO XII

SÉCULO XIII

SÉCULO XIV

I
D
A
D
E
d
a
P
E
R
I
O
D
O

Período Paleolítico

A arriba fóssil do Monte de São Lourenço é um indicador que o mar lá chegou. Acredita-se que há 200.000 anos o mar já tinha alcançado a região.

Vestígios Arqueológicos do Período Neolítico

- Anta da Portelagem
- Mamoas do Rápido
- Menir de S. Paio de Antas

I
D
A
D
E
d
o
s
M
E
T
A
I
S

Vestígios da cultura castreja e romana

- Castro de São Lourenço
- Castro do Senhor dos Desamparados
- Villa Mendo ou Villa Menendi

997 - Fão legado ao Mosteiro Beneditino de Guimarães
Fão pertencia a D. Flamula, sobrinha da Condessa Mumadona Dias

1097 - Inventário de Herdades e Igrejas de Guimarães faz referência à vila

1153 - Fão era "um centro produtor de certo vulto"

1160 - Sob o reinado de D. Afonso Henriques, as salinas continuavam activas

1220 - Inquirições indicam 33 casais

1552 - Reinado de D. João III, presença de 17 m. Cávado

1572 - "(...) trezentos mareantes e sessenta de alto bordo a que (...)"

1574 - os esposos reivindicado obras

IDADE MODERNA				IDADE CONTEMPORÂNEA		
SÉCULO XIV	SÉCULO XV	SÉCULO XVI	SÉCULO XVII	SÉCULO XVIII	SÉCULO XIX	SÉCULO XX
PEQUENA IDADE DO GELO						
ASSOREAMENTO DO RIO						
SÉCULO XIV	SÉCULO XV	SÉCULO XVI	SÉCULO XVII	SÉCULO XVIII	SÉCULO XIX	SÉCULO XX
<p>D. João III: registada a nau na foz do rio</p> <p>os e setenta vizinhos</p> <p>enta e quatro navios</p> <p>que chamam caravelas</p> <p>endenses já tinham</p> <p>na barra</p>	<p>O Facho da Bonança faria ligação a sul com o facho de Apúlia e a norte com o Forte de S. João Baptista (foz do rio Cávado).</p> <p>Estima-se que o facho de Apúlia faria ligação com o facho da Estela, concelho de Póvoa de Varzim.</p> <p>O Forte de S. João Baptista faria ligação ao facho existente entre a barra e a foz do Rio Neiva.</p>	<p>1795 - Plano do Encanamento do Rio Cávado, elaborado pelo Eng. Custódio Vilas Boas</p>	<p>1804 - Suspensa a demolição do forte</p> <p>1820 - Fortificação arruinada e assoreada</p> <p>1831 - Forte não estava em condições de resistir à guerra civil</p> <p>1834 - Facho da Bonança desactivado e transformado em prisão</p> <p>1832 - Desassoreamento lento do Forte de Rio Cávado</p> <p>1840 - Muralhas assoreadas não foram desassoreadas</p> <p>1892 - Construção da Ponte Eiffel</p>	<p>Construção da Estrada Nacional 13 - ligação entre Porto e Valença</p> <p>1945 - Data que assinala o início do crescimento da vila</p> <p>1976 - Elevação de Fão a Vila</p> <p>1989 - Descoberta e início da escavação arqueológica do Cemitério Medieval das Barreiras</p>		
<p>Planta do Encanamento do Rio Cávado do Engenheiro Custódio Vilas Boas. Utilizada pedra do antigo Forte de S. João Baptista para encanar o rio.</p>						
<p>tecnologia dos tempos da história do concelho de Esposende e vila de Fão. Nesta imagem é possível aferir a importância da foz do Cávado enquanto porto comercial e cidade marítima e fluvial.³³</p>						

CAPÍTULO II

DINÂMICAS SOCIAIS E NATURAIS: A RELAÇÃO HOMEM-LUGAR

«J. M. Fernandes vê na “litoralização” dos principais centros urbanos um processo gradual iniciado nos alvares da nacionalidade, e define a cidade portuguesa a partir da Baixa Idade Média, como o fruto de uma evolução lenta que, do núcleo alcandorado se ligou progressivamente à margem, formando a cidade ribeirinha (...))»¹

Desde tempos mais remotos que Portugal se define como um país de actividade marítima. Ao longo da sua extensa costa atlântica, foram surgindo pequenos aglomerados populacionais, que evoluíram para vilas piscatórias.

De dois extremos, geograficamente o país apresenta-se: quente e frio, seco e húmido, plano e acentuado. O seu interior, caracterizado por um clima mais seco e de invernos rigorosos, encontra-se nas cotas mais altas, fronteiras a Espanha. O litoral, plano, fronteiro ao Atlântico.

O interior montanhoso possibilitou a exploração da pecuária; do litoral raso, resultou uma grande exploração dos recursos aquáticos.

«Desta transição lenta mas firme para as costas e os estuários (sobretudo no litoral a norte do Tejo), nascerá finalmente a cidade que se pode apontar como modelo já especificamente português de urbe (...) ainda fortemente castrense, já funcionalmente portuária ou ribeirinha (...)»².

Este segundo capítulo tem por base o estudo da representação das actividades que acompanharam a evolução da vila de Fão e do concelho de Esposende.

Dividido em dois subcapítulos – 2.1. Actividades Atemporais e 2.2. Actividades Temporais – serão abordadas as diferentes actividades praticadas ao longo dos séculos no local da amostra, importantes no seu desenvolvimento.

Com o recurso à ferramenta do desenho, procedeu-se ao cruzamento dos registos fotográficos com os recursos bibliográficos reunidos, a fim de revelar as tradições agrícolas, fluviais e regionais associadas àquele território.

¹ BLOT, Maria Luísa B.H. Pinheiro, Os portos na origem dos centros urbanos Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal, 2003 – pagina 35

² BLOT, Maria Luísa B.H. Pinheiro, Os portos na origem dos centros urbanos Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal, 2003 – pagina 35

Para concluir, o presente capítulo visa a importância da localização da amostra no seu crescimento socioeconómico, revelando a evolução da apropriação dos povos consoante as suas necessidades.

II.i_ Actividades Atemporais

Neste subcapítulo são exploradas as actividades atemporais praticadas na vila de Fão. Por ‘atemporal’ entende-se o «que não é afectado pelo tempo ou que o transcende»³⁸ - intemporal. Assim, é perante esta definição que surgem as actividades aqui apresentadas: a agricultura, a pesca e a pecuária.

Como forma de perceber a sua necessidade, encaram-se estas actividades sob o olhar específico da aproximação ao lugar e às suas tradições.

«A actividade piscatória fluvial e marítima seria uma das ocupações principais de grande parte dos “fangueiros” do séc. XIII. As Inquirições de 1258 fazem mesmo a distinção entre os camponeses não-proprietários que vão pescar e os que não vão, o que pelo facto serão tributados de forma diferente.»³⁹

A evolução dos povos atlânticos e mediterrâneos dá-se pela facilidade destes povos se relacionarem com o mar. Desde a pesca às rotas comerciais, estes povos, ainda nos primitivos barcos a remo, encontravam refúgio nos dias tempestuosos, no desenho recortados das costas do Mediterrâneo. O Atlântico longo e pobre em reentrâncias «(...) fez desse domínio uma faixa de trânsito de cujas vantagens o homem cedo se apercebeu»⁴⁰.

Das civilizações nómadas do período neolítico, resultam a arte da caça, pesca rudimentar e da recollecção, essenciais para a sua subsistência. Após a primeira revolução agrícola, estima-se que terá ocorrido 10.000 a.C., estes povos evoluíram para uma cultura sedentária, incitando o crescimento populacional. A fixação em pequenas porções de território originou a introdução de outro tipo de actividades primárias, como a pecuária e a agricultura. Desta forma, os povos nómadas que dominaram a pré-história tornaram

³⁸ <http://dicionario.priberam.org/atemporal>

³⁹ ALMEIDA, Carlos A. Brochado et. Al., Necrópole Medieval das Barreiras - Fão, Boletim Cultural de Esposende N°17, 1989 – página 114

⁴⁰ «Uma costa longa mas quase rectilínea, pobre de reentrâncias, diante de uma oceano sem ilhas, oferece aos modos de vida litorais um domínio forçosamente limitado. Um traço que se pode seguir, quase sem interrupção, do Minho ao Guadiana, fez desse domínio uma faixa de trânsito de cujas vantagens o homem cedo se apercebeu. Esse traço é a existência de uma planura litoral, ora baixa arenosa, ora talhada sobre uma linha de arribas, que em poucos lugares ultrapassa 100m de altitude», por RIBEIRO, Orlando, Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico, 1986 - página 20

(Imagem ao lado) Figura 12 - Cronologia sintetizada das actividades primárias no contexto português.

AGRICULTURA

1ª REVOLUÇÃO AGRÍCOLA - 10000 ANOS A.C. - NEOLÍTICO
 MIGRAÇÃO DO SISTEMA DE CAÇA + COLETA PARA A AGRICULTURA
 POPULAÇÃO NÔMADA PASSA A SEDENTÁRIA

2ª REVOLUÇÃO AGRÍCOLA - séc. XVIII - XIX
 AUMENTO DA PRODUTIVIDADE + PRODUÇÃO
 NOVAS TÉCNICAS DE CULTIVO
 APERFEIÇOAMENTO AGRÍCOLA.
 CULTIVO INTENSIVO DA BATATA
 INÍCIO SÉCULO XX
 MUITOS ENTRAVES AO DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA
 ECONOMIA DE SUBSISTÊNCIA

AS CORES M...
 ↓
 POUCA PESCA
 ↓
 PEQUENA
 ↓
 ALTERAÇÃO
 ↓
 + PESCAD.

ANOS 50
 "DOS ANOS 50 EM DIANTE, PORTUGAL DEIXOU DE SER CESSENCIALMENTE AGRÍCOLA"
 1º Lugar - cultivo viviam modesto

ANOS 60
 DIMINUIÇÃO DA ACTIVIDADE AGRÍCOLA
 ÊXODO MASIVO PARA VÁRIOS PAÍSES EUROPEUS
 2º Lugar - des...

ANOS 70
 RECESSO DOS "RETORNADOS",
 AUMENTO DA EMIGRAÇÃO AGRÍCOLA

ANOS 80
 ENVELHECIMENTO CROMENTE DOS AGRICULTORES
 JOVENS PROCEM MELHORES CONDIÇÕES, SERVINDO
 PELO SECTOR TERCIÁRIO

NO VITÓRIO DA CAÇA E DA AGRICULTURA, A PESCA SOFREU POUCAS ALTERAÇÕES AO LONGO DO TEMPO.

PESCA - ACTIVIDADE ECONÓMICA IMPORTANTE.
 GERA: TRANSPORTE, RESTAURAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E VENDA DE PRODUTOS DE PESCA, MANUTENÇÃO + REPARAÇÃO DAS EMPREENDIMENTOS, CONDIÇÃO DE APOIO E UTILIZADOS À PESCA. EMPREGA GRANDE QUANTIDADE DE PESSOAS.

SÉCULO XXI
 POPULAÇÕES ATRAÍDAS PARA O LITORAL.
 ACTIVIDADES DE Lazer, DESPORTO E TURISMO
 AGRICULTURA LATIFUNDIÁRIA
 POUCOS AGRICULTORES LOCAIS
 POUCA ACTIVIDADE SECTOR PRIMÁRIO
 3º Lugar - FIC

HISTÓRIA
POVOS NEOLÍTICOS

viviam na caça e na pesca
 ROMANOS
 REINTRODUZEM A PESCA.

IDEIA MEDIA
 DESENVOLVIMENTO DA ACTIVIDADE.
 ECONOMIA DE SUBSISTÊNCIA.
 AS OBRAS DO LITORAL DAS BARRAGENS AUMENTAM O QUANTO DE PESCA.
 TÉCNICAS FUNDAMENTAIS.

EVOLUÇÃO UNIVERSAL
 NOTÍCIAS. PAÍSES VÁRIOS
 TECNOLOGIA DA TREFILAÇÃO: FIOS.
 MEMÓRIA NAS TÉCNICAS USADAS, CÉLULAS (FIOS SINTÉTICOS)
 SÉCULO XXI
 PESCA RECENTIVAMENTE RICA NA LITORAL (SAZONAL)
 PESCA DE MAR EM ÁGUA
 TECNOLOGIA: OPERA-VE M...
 DOS (MODERNOS) USUÁRIOS

-se em civilizações sedentárias, sedeadas em pequenas vilas.

Dos povos neolítico e megalítico emergiu uma agricultura muito pobre e irregular. A estes povos sucede uma civilização arcaica, estrategicamente colocada nos pontos mais altos da região, sucessivamente de costas viradas para o mar. A cultura rudimentar dos castros supre as necessidades da agricultura com a criação de rebanhos, que lhe fornecia carne de cabra, queijo e leite, bem como peles. Também aqui se dá início à prática da tecelagem.

A romanização teve um importante papel na evolução da cultura agrícola. Com a introdução das novas técnicas, obrigou as populações rudimentares dos montes altos a descerem em direcção ao mar, em busca dos solos mais férteis, essenciais para a agricultura. A reforma romana na agricultura introduziu uma actividade mais regularizada, com maior rotação de cultura, à base de cereais; implantou novas culturas como o a vinha, a oliveira e as searas; a irrigação das hortas e a crescente procura de fertilizantes naturais facilitava o crescimento das culturas; foi ainda nesta época que se introduziram os conceitos de agricultura latifundiária e minifundiária. Nas terras altas, a prática do latifúndio era impraticável, uma vez que o acentuado declive da topografia não facilitava o seu cultivo. Após a descida para as terras baixas⁴¹, foi possível a implantação de villas, propícias pela extensão dos seus terrenos, a uma economia mais rentável. Com a introdução das vilas, a paisagem foi-se alterando consoante as necessidades de cultivo.

Pode ainda distinguir-se uma nova vertente na prática da agricultura: o recurso aos animais. Para os romanos, a distribuição do gado era feita da seguinte forma: as vacas produziam o leite; os burros e os bois eram usados no trabalho do campo; as ovelhas e as cabras, à semelhança da época castreja, forneciam o queijo e as peles; os cavalos, ora para a agricultura, ora para a guerra.⁴²

De facto, a integração do gado na agricultura intensificou a produção agrícola, cuja intensificação derivou o aumento de trocas comerciais.

⁴¹ «A primeira grande transformação deve-se aos romanos e consistiu na descida para as terras baixas, onde as villas rusticas sucederam aos castros que pouco a pouco caíram em ruínas (...)» por RIBEIRO, Orlando, Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico, 1986 – página 111

⁴² «A ovelha e a cabra desempenham, na economia destas terras pobres, papel da maior importância: fornecem o leite, o queijo, a carne, a pele, a lã e o pêlo. Uma indústria caseira típica de toda a região é a tecelagem de panos grosseiros, de mantes, tapetes e tapeçarias, em cujo emprego já se quis ver uma sobrevivência nómada, debaixo de tenda.» por RIBEIRO, Orlando, Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico, 1986 – página 18

Mas, se à acção da romanização se desenvolveu a agricultura, também à mão dos romanos se deu um grande passo para o crescimento das novas populações costeiras: a pesca.

Embora a actividade agrícola desempenhe um importante papel na alimentação dos povos pré-históricos, as regiões costeiras devem mais à atividade piscatória. Foi através deste ofício que se desenvolveram as primeiras vilas piscatórias, que viviam tanto da pesca como da actividade comercial.

O próprio concelho de Esposende, mais as suas freguesias, conservam, na sua história e nos seus costumes, o selo da arte da pesca.

É, aliás, à unidade natural que se pode atribuir o crescimento do concelho e à facilidade com que os povos se aventuraram pelo mar. A relação do povo esposendense com os recursos aquáticos foi muito importante pois era da água que provinha a principal fonte de sustento.

O desenvolvimento desta actividade acelera o crescimento económico do concelho, gerando: transporte, armazenamento, transformação e venda não só do pescado, mas também dos produtos associados à arte; construção e reparação de embarcações; melhoria e construção de artes e utensílios para a pesca; mais postos de trabalho.

«Remontemos à Fão Medieval que, tanto quanto a tradição medieval nos elucida, cultivava a terra, pescava a lampreia e o polvo nas sua águas, ou explorava a salinicultura na foz no Cávado.»⁴³

Este povo viu por diversas vezes a sua principal actividade ameaçada pelo assoreamento do rio, que «chegou á vergonha de ser urgente abrir, à pá e à enxada, regos para os barcos da faneca poderem sair para o mar!»⁴⁴.

Este fenómeno de movimentação das areias ocorreu durante a Pequena Idade do Gelo⁴⁵, intervalada entre os séculos XV e XVII. Estas areias, que deixaram o rio areado e parte da vila soterrada, obrigando a população a cavar novo leito do rio,

⁴³ ALMEIDA, Carlos A. Brochado et. Al., Necrópole Medieval das Barreiras - Fão, Boletim Cultural de Esposende N°17, 1989 – página 112

⁴⁴ CHAVES, P. Jerónimo Gonçalves, 1.1 Elementos para a história de Fam, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e textos históricos sobre Fão, 2000 - página 31

⁴⁵ «Seguiu-se a Pequena Idade do Gelo, na transição para o século XIV, com danosas condições climáticas que prejudicaram pesca, agricultura, salinas. O Cemitério das Barreiras ficou sepultado pela areia, desaparecendo igreja (...)» por MORAIS, Faria, Fão antigo era assim, 2015 – página 10

deslocando a sua foz mais para Norte, onde se localiza nos dias de hoje. A riqueza do rio conseguiu-se à custa do espaço e de trabalho humano. Quando, nesta época se deu a movimentação das areias, a população viu as suas herdades cobertas de sedimentos, com poucos lucros. Foi da junção da agricultura com a pesca que a população fangueira conseguiu voltar a reerguer-se.⁴⁶

No século XX, durante uma escavação na vila, foram encontrados vestígios de um cemitério Medieval, o Cemitério das Barreiras. As ossadas encontradas e estudadas, revelam que a população medieval soterrada, provavelmente vítima da Peste Negra, consumia peixe salgado na sua alimentação⁴⁷.

Esta população pesqueira vivia de uma pesca artesanal e costeira, servida de meios e técnicas de captura muito rudimentares, bem como de barcos de reduzidas dimensões. Esta actividade, bem como a caça, sempre acompanharam o Homem, suprimindo as suas necessidades na alimentação. Desde pesca à mão ou mergulho, pesca com cana afiada na ponta, pesca com técnica de arco e flecha ou ainda pesca de barragem, estas técnicas primitivas garantiam a fácil captura de peixe no rio, pela sua abundante existência.

Com o aumento da população, as cidades foram-se desenvolvendo. As técnicas em prática na agricultura, caça e pesca não serviam as exigências do aumento populacional. Com a chegada das Revoluções Agrícola e Industrial, ocorridas entre os séculos XVIII e XIX, as técnicas rudimentares evoluem para técnicas modernas, capazes de satisfazer as necessidades das cidades.

⁴⁶ «(...) mas os pescadores, associando à sua arte a da agricultura, tornam-se pescadores-agricultores, guardando no seu telheiro, ao lado das alfaias agrícolas e do carro de lavoura, o barco de pesca e acessórios, que lhe dão o peixe para a lota e até o adubo para a terra.» por BERNARDINO, Amândio, Esposende e o seu Concelho na História e na Geografia, 1994-1996 -página 38

⁴⁷ «Sobre a população que se pretende analisar, sabe-se, historicamente, que deve corresponder a uma pequena comunidade piscatória (...)» por CUNHA, Eugénia et. Al., Paleodemografia da população medieval de Fão – Resultados Preliminares, Boletim Cultural de Esposende N°17, 1989 página 128

(Imagem ao lado) Figura 13 - Registo da alteração do leito do rio Cávado para norte da Ermida da Sra. da Bonança, a poente das salinas. Registo baseado nas palavras de Amândio Bernardino.

→ O armazenamento do rio não só provocou o desvio da foz para Norte, como também fez desaparecer as salinas cuja constante inundação não permitia a solidificação da água.

→ Solo renovo. Leva-se a crer que o mar passou para além da freguesia e que a primitiva povoação tivesse vindo pelo Castro de São Bento.

→ Plano de levantamento do Inf. Lubido de Vila-Bona

"...pelo Norte da cidade de Vila Bona e pelo Vila Bona indo sempre no mar pelo norte de pedra de pedra; tal que ao Vila Bona, bem como a maior parte da cidade de Faro, foi arrastado por muitas de água muito fria, oriundas do Norte..."

→ O armazenamento de terra provocado pelas águas de Norte foram a principal causa para a extinção das salinas.

1059 - já havia na vila de Faro uma igreja cujo santo protector era S. Paio miúdo. Construída entre 959 e 1059. → era uma igreja do povo que ficou entrando no âmbito das barbas?

"Pelo da foz do Cívado, na vila de Faro, estavam as moendas pertencentes ao Mosteiro de Guimarães (...) as oito minilhas de sel que S. Paio Forjat deu à si de Braga, em 27 de Abril de 1111. Livro produtor de certo valor, pelo modo do século XII, dele se seria el-hei D. Afonso Henriques (...)"
Virginia Kan.

1 DARE PÉVIA
Ordem de barra de Faro para Esporheiros

Assoreamento na cidade, houve vigência de canal no lado da Caldeirão para baixo, atravessando pelo poente das salinas - de lado para Cívado.

2º Percorso do rio (actual)

POENTE DAS SALINAS

Séc. II - Faro pertencia a D. Plamula, sobrinha de Condessa Namadona; em 997 foi legado ao mosteiro beneditino de Guimarães.

Tornaram-se notáveis as salinas de Faro.

Salinas → margem direita do rio Cívado, existem alguns terrenos cultivados e não cultivados, conhecidos pelas salinas. Estendiam-se de Faro até Vila Bona.

"Nobre e Cívado, compreende hoje em Cívado, que é o nome dado ao rio, porque antigamente a foz do rio era mais para sul, atravessando o Lubido."

SUA DA CALDEIRA

Do Caldeirão para baixo, o rio Cívado seguiu-se pelo antigo tipo de travessa da entrada das tubinas; e depois pelo sul do Camalhão, indo desagua próximo da grande de Nova Senhora de Gomara.

se atravessava o Lubido, dava para a Norte da Grande.

3º Percorso do rio (suposição)

→ A barra do Cívado situava-se no meio dos Cavalos de Faro. Com o armazenamento, o porto natural só é acessível a barca de pequeno calado.

SALINAS → PROCURAR SALINAS ANTIGAS & PROBLEMA DE SALINIZAÇÃO, POR FORMA A LOCALIZAR COM MAIOR PRECISÃO AS SALINAS DE FARO.

DESENHO DO RIO. ALTERAÇÃO DO SEU LEITO. POSSÍVEL LOCALIZAÇÃO DAS SALINAS. APROXIMADO DO RIO.



Na agricultura, o reflexo da revolta agrícola vê-se essencialmente na plantação em larga escala do milho e da batata. Esta mudança permitiu a concentração de terras de um só cultivo numa larga porção territorial, o latifúndio. O investimento e a busca por novas técnicas de redução do empobrecimento do solo e a produção de nutrientes para enriquecer o solo e garantir uma melhor produção de alimentos marcam também esta época.

Inicialmente, a base económica da região ocupada pelo território de Esposende era essencialmente agrícola e pastoril, salvo os casos em que o rio e o mar eram fonte de alimentação e sustento da população residente. O milho, a batata, a hortaliça e a vinha constituem a base da produção no concelho. O trigo, o centeio, o feijão e alguma fruta são também cultivados, em menos extensão.

Dada a pobreza em Portugal, na primeira metade do século XX, ainda se praticava uma economia de subsistência, com baixos rendimentos e arcaísmo técnico, de muito baixa produtividade. O êxodo rural obrigou os agricultores de latifúndio a mecanizar intensivamente as suas plantações de trigo e reduzir a sua área de cultivo, substituindo o trigo por outras culturas menos absorventes de mão-de-obra humana.

O abandono agrícola foi uma constante no país. A forte emigração⁴⁸ para países europeus, a industrialização e a guerra colonial representam as causas do abandono agrícola.

Nos anos 70, o regresso de mais de 600.000 portugueses do ex-ultramar levou à redução do abandono agrícola no país, uma vez que muitas dessas pessoas retornavam à sua região de origem e iniciavam uma actividade agrícola, minifundiária, de subsistência.

Simultaneamente, a revolução industrial veio provocar grande desenvolvimento na pesca. Com a motorização, deu-se o florescimento da indústria pesqueira. A motorização permitiu o avanço da pesca costeira para regiões de alto-mar. A descoberta dos novos métodos de conservação de pescado – refrigeração e congelação – permitiu a população expandir a actividade para regiões mais afastadas da costa.

⁴⁸ «Quem emigra? De acordo com as estatísticas de 1912, os emigrantes pertencem a classes consideradas desfavoráveis, avultando os operários agrícolas, pequenos agricultores, carpinteiros, pedreiros, empregadores de comércio ou simples serventuários domésticos. Em Portugal corresponde às zonas populosas do Norte o índice mais elevado de emigrantes, constituindo o Brasil, há 40 ou 50 anos atrás, o destino mais procurado.» por TEIXEIRA, Agostinho Pinto, O Contributo Brasileiro para o desenvolvimento de Esposende, Boletim Cultural de Esposende n°17, 1990-1992 – página 31



Figura 14 - Registos fotográficos que demonstram a tradição fangueira da arte da pesca.

De facto, estes avanços tecnológicos reafirmaram o sector primário no início da segunda metade do século XX em Portugal, fazendo corresponder 50% da actividade do país ao sector primário, 30% ao sector secundário, e 20% ao sector terciário.

«Dos anos 50 em diante Portugal deixou, na realidade, de ser «essencialmente agrícola»⁴⁹, facto visível pela elevada procura balnear em todo o país que levou ao crescimento demográfico das pequenas vilas piscatórias, incluindo-se Fão nesse crescimento.

A partir dos anos 50, a actividade que mais contribuiu para o desenvolvimento de Fão e do concelho de Esposende foi o turismo⁵⁰. A pesca e a agricultura caíram drasticamente. Nos anos 90, a maioria dos jovens agricultores abandonaram a profissão, aliciados por salários mais atractivos e melhores condições de trabalho no sector terciário. Contrariamente, os agricultores que nos anos 30 não migraram, demonstram agora um envelhecimento crescente, não havendo população restante para trabalhar a terra.

Portanto, da identidade de Fão apenas poucos lhe dão vida. A pesca revogou-se para recreativa ou para venda exclusiva dos restaurantes locais, não raros casos, sendo os pescadores os próprios proprietários. Ao nível do sector agrícola, poucos são os agricultores que vendem ao público como antigamente acontecia nos mercados ou nas feiras. Esta actividade também se tornou exclusiva para próprio consumo dos agricultores. Da pecuária restam algumas vacas, produtoras de leite.

⁴⁹ <https://pt.slideshare.net/seculoXXI/evolu-da-agricultura-em-portugal>, slide 6

⁵⁰ «De facto, a década de 60, época da afirmação de Esposende como destino turístico, marcou a viragem na construção urbanística do concelho, com a edificação dos primeiros bairros de residências secundárias unifamiliares, de entre os quais se destacou o Aldeamento da Bonança (1967), edificado sobre as dunas de Ofir, assinalando o início do interesse dos promotores turísticos por aquela praia.» por FREITAS, Joana, O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve, 2010 – página 148

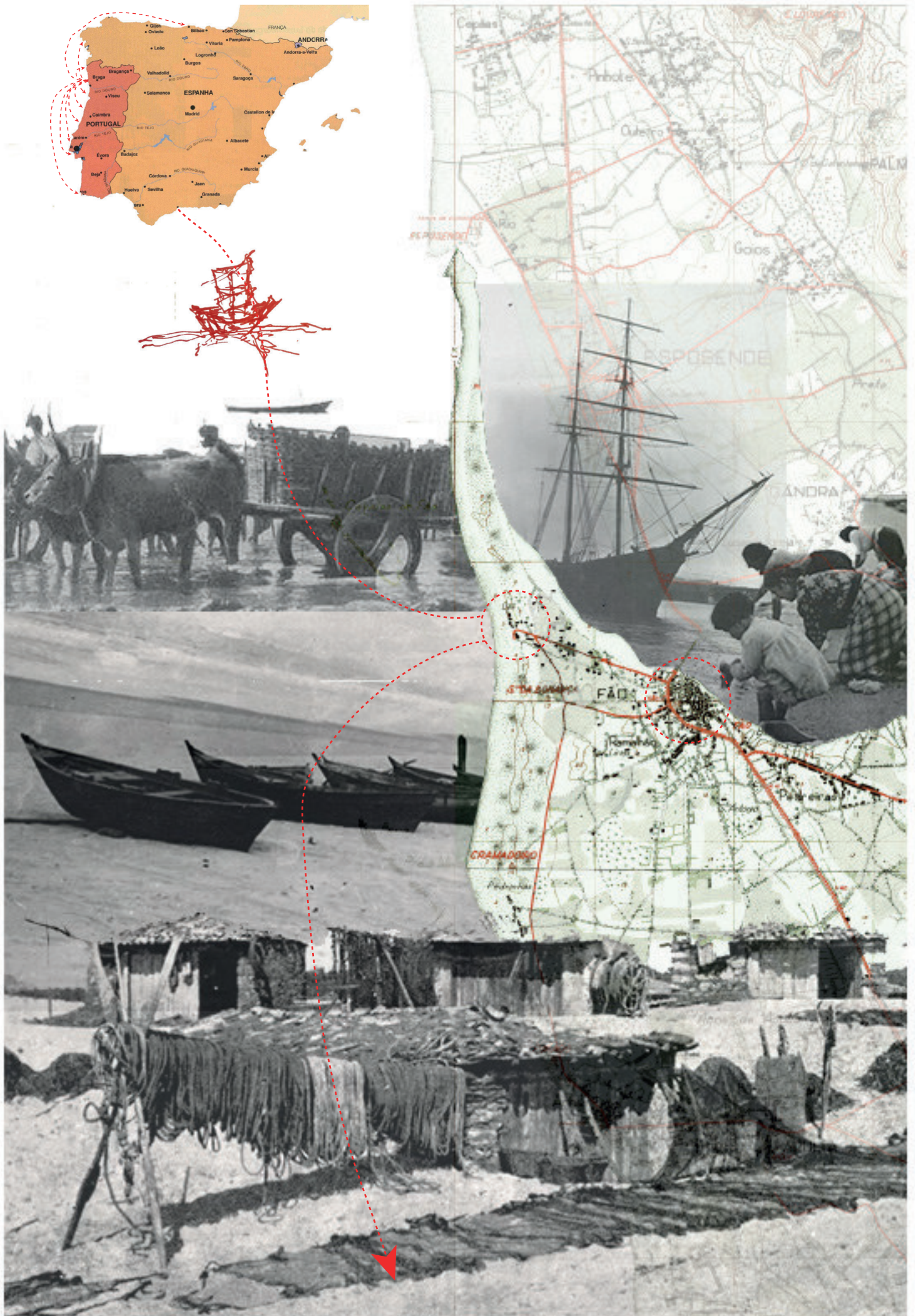


Figura 15 - Exemplo de ocupação do território anterior ao crescimento económico. A população vivia da terra, do rio e do mar.

Assim se desvaneceu a cultura de um povo que tanto deve à exploração marítima. Apesar de unidas, Apúlia e Fão distinguem-se pelo seu ramo de actividade. Ambas as vilas têm elevada procura no verão, no entanto, Apúlia ainda mantém, com técnicas mais modernas, as actividades dos tempos mais remotos. Na pesca, e apesar de abastecer os restaurantes locais, parte do peixe é vendida no mercado ou em peixarias, ora a habitantes locais ora a visitantes que se deslocam propositadamente à vila à procura do peixe fresco. Na agricultura, os campos agrícolas preenchem a paisagem de cultivos variados, consoante a estação. O sucesso desta actividade deve-se à técnica usada pelos agricultores apulienses: a masseira⁵¹. Esta técnica define-se como valas no território, escavadas por forma a ficarem mais próximas do nível freático e, conseqüentemente, resguardadas das fortes nortadas características da região. Aliada ao sargaço, esta técnica garante a prosperidade dos produtos cultivados. À semelhança do sucedido com a pesca, também a agricultura seduz as gentes de fora com os seus produtos fruto da terra.



Figura 16 - Exemplos de “masseiras”

De facto, e por forma a mostrar aos de fora as tradições da vila, todos os verões é realizado um desfile etnográfico, recriando-se as técnicas antigas em honra dos antepassados, enaltecendo a cultura.

Também em São Bartolomeu do Mar, anualmente se realiza o ‘banho santo’⁵².

Em Gandra, Gemeses e Fonte Boa, a agricultura mantém-se bem presente.

Os povos esposendenses nasceram do mar e da terra. Actualmente, o concelho ainda conserva alguma da sua identidade de outrora, ora nas romarias, ora no ramo da actividade agrícola. O rio, que antigamente sustentava famílias inteiras, passou a ser sinónimo de lazer e diversão.⁵³

O crescente aumento do turismo fez o concelho crescer, junto à sua frente

⁵¹ «Estes campos em forma de gamela são escavados de forma a se localizarem um pouco mais perto do lençol freático. As terras que são removidas para o efeito são colocadas na extremidade da área de cultivo de forma a servirem de barreira à acção do vento, produzindo igualmente um efeito de estufa – concentração de calor e elevada evaporação de água – microclima ideal para o crescimento de produtos hortícolas, como, por exemplo, cenoura, batata, cebola e hortaliça» por NEIVA, Manuel Albino Pentead, Esposende: Breve roteiro turístico, 1987 – página 23

⁵² «O “banho santo” é um ritual religioso popular, onde algumas centenas de crianças tomam parte e que se realiza na freguesia esposendense de São Bartolomeu do Mar, na tentativa de sarar os seus medos, nomeadamente o “de estar sozinho à noite, no escuro”, afastar as más influências e “esconjurar todas as doenças e malefícios do diabo”. Esta tradição tem lugar no dia 24 de agosto em plena celebração da Festa de São Bartolomeu», por Teixeira da Silva in <http://www.faroldanossaterra.net/2015/06/26/lenda-do-banho-santo-sao-bartolomeu-do-mar-esposende/>

⁵³ «Os sargaceiros de Apúlia e de Fonte Boa, de Fão e de Esposende, de Marinhas, Mar, Belinho e Antas, são o mais flagrante exemplo dessa tradição que não morreu – que jamais morrerá.» por BERNARDINO, Amândio, Esposende e o seu Concelho na História e na Geografia, 1994-1996 -página 38

atlântica, por forma a satisfazer as necessidades dos transeuntes. O interior do concelho, esse evoluiu de forma mais lenta, como ainda hoje se comprova, pela forte actividade agrícola que mantém. A vida junto do litoral faz aumentar o número de habitações, de superfícies hoteleiras e de estabelecimentos comerciais, como cafés, restaurante e minimercados.

A distribuição dos centros hoteleiros por todo o concelho revelou-se irregular, uma vez que a Norte de Esposende – S. Bartolomeu, Belinho, S. Paio de Antas –, e apesar de terem a mesma rede de acessos que Fão dispõe, as freguesias pouco se desenvolveram turisticamente. Essa irregularidade é notável quanto ao crescimento urbanístico e demográfico das freguesias, bem como pelos níveis de actividade agrícola verificados.

II.ii_ Actividades Temporais

A riqueza de um povo mede-se pela sua história, costumes e cultura. Em Fão, a par das actividades anteriormente referidas – agricultura, pesca e pecuária – foram surgindo outras, ligadas ao mar, de prosperidade para o povo fangueiro.

Este subcapítulo relata as actividades que, quando surgiram, se transformaram nos principais ofícios da vila, remetendo, muitas vezes, as actividades praticadas desde os romanos para segundo plano. Com efeito, as novas actividades elevavam o nome da vila, sufocando as mais tradicionais.

Pretende-se entender o impacto que o dinamismo destas novas práticas causou na vila de Fão, desde o crescimento demográfico, o crescimento socioeconómico, a criação de novos hábitos e tradições. As marcas físicas deixadas neste território foram importantes na leitura e descoberta de localizações exactas destes ofícios há muito extintos no local da amostra. Também são abordados os vestígios encontrados no concelho, que remetem para a presença destas mesmas actividades noutras freguesias de Esposende.

A imagem ao lado ilustra o tempo cronológico - aproximado – destas actividades que surgiram, ligadas ao mar ou ao rio. De facto, estas actividades vêm demonstrar o importante papel que estes recursos representam na vila de Fão e nas suas tradições.

Como já fora referido no subcapítulo 1.3. Lendas e Mitos, em Fão relata-se a existência de forte actividade salineira, como consta num documento presente na Torre do Tombo, assinalando a existência dessa actividade no século X, em 997. Esta data também é referida por Teotónio da Fonseca, afirmando que no século X Fão pertencia a D. Flamula Dias, sobrinha de Mumadona Dias⁵⁴.

Todo o litoral esposendense oferecia as condições ideais para a produção de sal. A localização privilegiada do concelho reúne as condições ideais à obtenção deste produto, bem presentes no solo da região: as zonas costeiras e mananciais de água salgada.

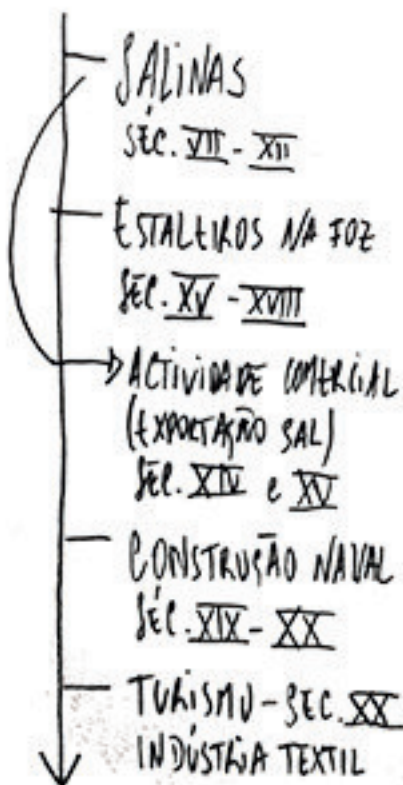


Figura 17 - Cronologia esquemática das actividades praticadas.

⁵⁴ «Assim no século X o lugar de Fão pertencia a D. Flamula, sobrinha da Condessa Mumadona, a qual em 997 em seu testamento o legou, juntamente com Vila do Conde ao mosteiro beneditino de Guimarães», por FONSECA, Teotónio, 1.2. Esposende e o seu concelho, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de Monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 – página 39

Em Fão, a primeira notícia da existência de salinas na vila é dada em 959⁵⁵, num documento de doação das salinas por parte de D. Flamula Dias ao mosteiro beneditino de Guimarães.

Esta actividade, provavelmente trazida para a região pelos romanos, «proliferou por toda a costa portuguesa»⁵⁶ e ganhou forte impacto no desenvolvimento económico do concelho, em particular, na vila de Fão.

Virgínia Rua refere que a partir do século XII Fão surge como um grande centro salineiro⁵⁷.

A crescente produção era aproveitada para a conserva do pescado, no entanto, era do comércio do sal que se alcançava o maior lucro. As trocas comerciais de sal e outros produtos com o reino foram o principal impulsionador do crescimento de Fão na época. A localização do seu porto de mar natural junto do Atlântico facilitou a exploração da actividade comercial. Através do recurso hídrico que atravessa todo o distrito de Braga – o Cávado – também eram realizadas trocas, sendo esta via ainda navegável até Barcelos em 1732⁵⁸.

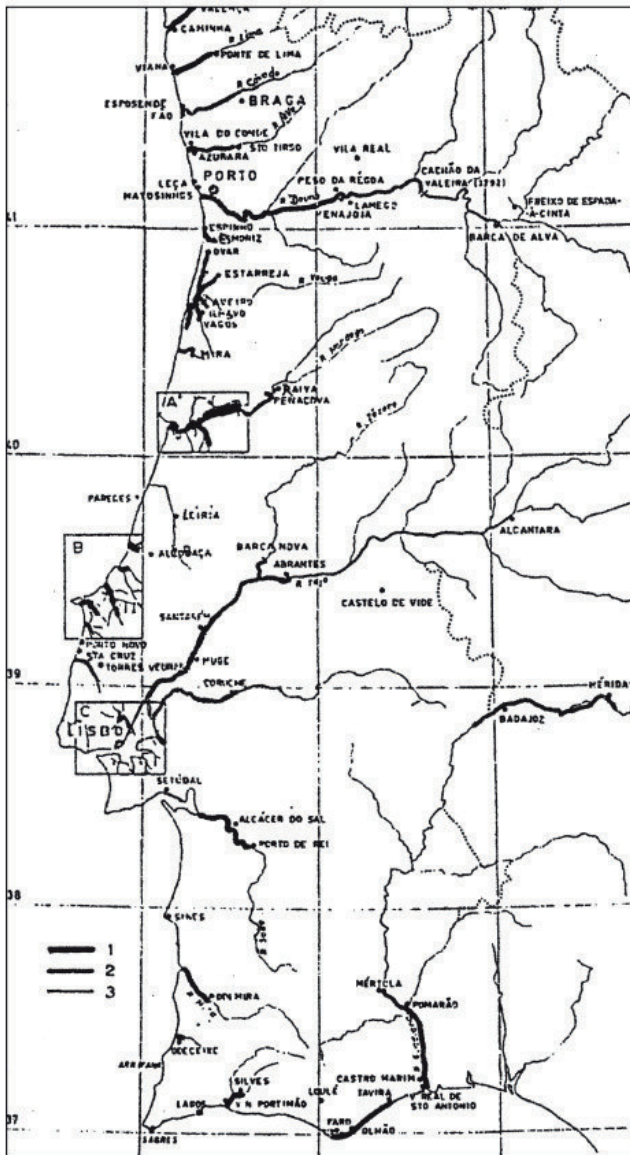
Os mapas abaixo apresentados demonstram a actividade comercial no reino de Portugal, entre os séculos XIV e XV, e revelam a importância do centro salineiro existente em Fão. A forte exportação era consequência do elevado grau de produção, sendo visível que, como se conclui através da análise das imagens, o porto de Fão era o único exportador de sal no reino, contrariamente aos outros portos assinalados, importadores.

⁵⁵ «As primeiras referências documentais a esta comunidade datam do séc. X. Uma carta de doação de 959 fala da vila fano, devota a Pelagii (S. Paio), na embocadura do Cávado, bem como da existência de salinas.» por ALMEIDA, Carlos A. Brochado et. Al., Necrópole Medieval das Barreiras - Fão, Boletim Cultural de Esposende N°17, 1989 – página 112

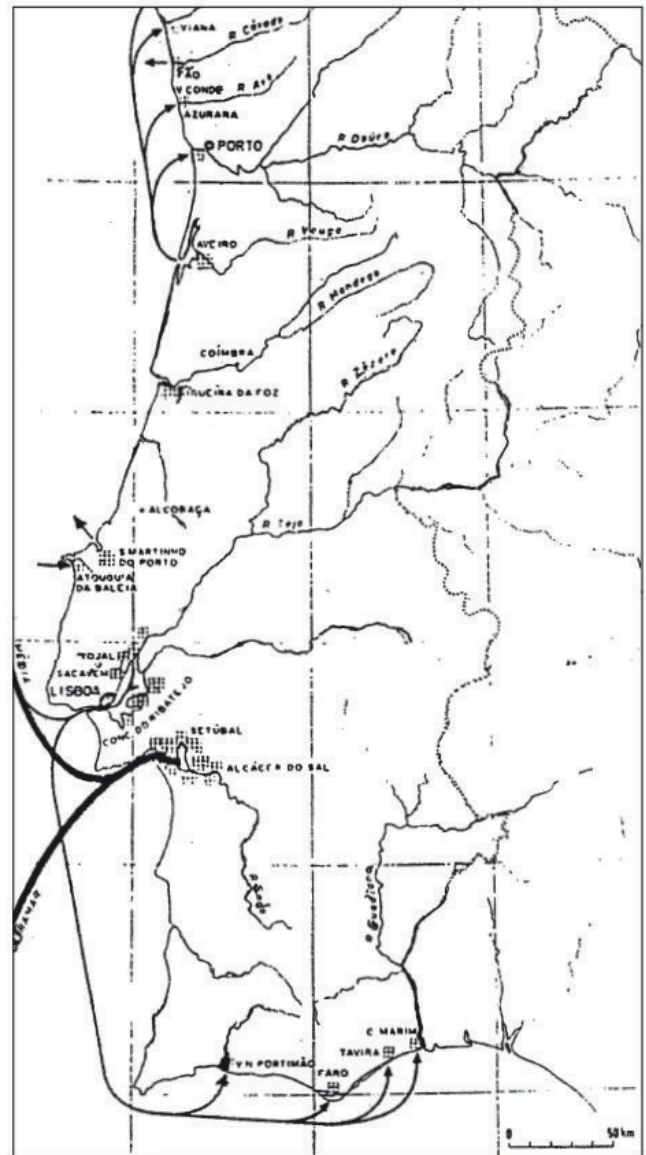
⁵⁶ «É a partir do séc. XI que as salinas proliferam um pouco por toda a costa portuguesa, atingindo o auge no séc. XII; declinam a partir dos meados do séc. XII e muitas delas encerram por não terem condições favoráveis a uma exploração rentável.» por ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado, Salinas Medievais entre o Cávado e o Neiva, 1979 - página 15

⁵⁷ «Na Foz do Cávado, em Fão, transacionavam-se marinhas em Maio de 959, e, ao redor de 980, das «Coneliaria» se tiravam todos os anos vinte moios de sal para o Mosteiro de Lorvão», por RAU, Virgínia, A exploração e o comércio do sal de Setúbal, 1951 – página 54

⁵⁸ «Em 1732, ainda era possível navegar até Barcelos, e poucos anos antes os barcos de Fão iam até Vilar de Frades» por FELGUEIRAS, José Eduardo de Sousa, Sete Séculos no Mar (XIV a XX), Capítulo XI, 2010 – página 43



O litoral português com os portos antigos. 1- rio ou laguna acessível à navegação marítima; 2- navegação fluvial importante; 3- navegação fluvial excepcional. Reproduzido de Ribeiro (1977, p. 99, mapa IV)



Importação e exportação de sal durante os séculos XIV e XV. O sentido das setas indica a importação ou a exportação. Reproduzido de Ribeiro (1977, p.133, mapa VIII)

Figura 18 - Mapas da principal actividade salinífera registada no reino (Séculos XIV e XV)

A hegemonia do centro fangueiro sofreu uma forte quebra em meados do século XV, devido ao processo de sedimentação de areias referente à Pequena Idade do Gelo e à passagem da Peste Negra, que deixou a vila deserta.

A crescente exploração das salinas na orla marítima fangueira impulsionou o crescimento populacional na região. Aquando das Inquirições de 1220, foram contados na vila de Fão trinta e cinco casais, que pagavam ao rei o preço do pão, do linho e do sal - «com as duas produções agrícolas predominantes emparelhavam-se o último em importância»⁵⁹.

⁵⁹ SAMPAIO, Alberto, ob. Cit. I, pág. 320

Já em 1412, contavam-se zero habitantes na vila. Vítima de uma das maiores catástrofes humanitárias, pela falta de condições e de saneamento, com a presença constante de pulgas e ratos de esgotos⁶⁰, a Peste Negra foi-se alastrando, causando uma redução significativa de no número da população mundial. Nas pequenas cidades medievais, como era o caso de Fão, a proporção do número de rato/pessoa era muito similar, afectando todos os humanos, restando apenas os mortos e os imunes. Estima-se que as ossadas da população perecida estejam depositadas no Cemitério das Barreiras, recentemente descobertas.⁶¹

«Nos inícios do séc. XV, a situação seria gravosa já que, em 1412, D. João I concede privilégios a 10 homens que fossem morar em Fão, uma vez que o local se encontrava “despobrado por mingua de gentes que em ele nom vivem”»⁶².

O rio assoreado pelo depósito das areias levou a população a cavar novo percurso para o rio, a poente das salinas. Se, por um lado a urgência de sair com os barcos para a pesca foi resolvida, por outro, este novo leito originou a destruição das salinas, restando, unicamente, o seu topónimo.

Com a alteração do leito do rio⁶³, a inconstância do nível da água do mar, suportada pelos períodos de maior precipitação, inundava novamente as salinas, interrompendo o seu processo de solidificação. Com o encerramento desta actividade e da conseqüente comercialização do sal, a população local fica novamente à mercê das actividades atemporais: pesca, agricultura, pecuária.

O desvio da foz para Norte da Ermida da Bonança, consequência da Pequena Idade do Gelo, levou à desactivação do Facho. Em conjunto com os Fachos de Apúlia, Esposende e Belinho, estes fachos iluminavam toda a costa concelhia, com especial destaque para o da Bonança, que alertava os navios para a presença dos perigosos Cavalos de Fão, «feita através de uma lanterna colocada no alto de uma vara e o

⁶⁰ BERNARDINO, Amândio, Esposende e o seu Concelho na História e na Geografia, 1994-1996 - página 10

⁶¹ «(...) que correspondem a 4 séculos de enterramento sucessivos: séc. XI/XIV. É esta a cronologia da presente necrópole que pôde ser determinada com algum rigor com base em elementos históricos, geológicos e arqueológicos (...)» CUNHA, Eugénia et. Al., Paleodemografia da população medieval de Fão – Resultados Preliminares, Boletim Cultural de Esposende N°17, 1989 página 128

⁶² A.N.T.T., Chanc. de João I, Liv. 3, fl. 136, citado por MARQUES, José da Silva, Descobrimientos Portugueses, vol. II, Lisboa, 1994, p. 457 e MARQUES, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, L.N.C.M., Lisboa, 1988, in ALMEIDA, Carlos A. Brochado et. Al., Necrópole Medieval das Barreiras - Fão, Boletim Cultural de Esposende N°17, 1989 – página 114

⁶³ «Com a instabilidade da barra, que se deslocou para norte, Fão começou a sentir inquietantes sinais de assoreamento ainda no século XV, altura em que entraram em decadência salinas e fangas, com que se media o sal, na origem do termo fangueiro. Se a situação já era preocupante no século XVII, depois foi sempre a piorar. A areia desmedida esteve na origem da decadência económica e social de Fão – elemento hoje tão apreciado e protegido, bem indispensável para classificar praias com bandeiras azuis ou douradas apelativas ao turismo de massas.» por MORAIS, Faria, Fão antigo era assim, 2015 – página 10

(Imagem ao lado) Figura 19 - Representação da cota de cheia.

serviço assegurado por soldados»⁶⁴.

A regressão do mar com maior impacto neste segmento costeiro ocorreu nesta época – séc. XV e meados séc. XIX – que gerou um sistema pantanoso, com acesso ocasional à água do mar, desta forma criando depósitos turfosos ricos em algas microscópicas siliciosas. Posteriormente à criação desses depósitos através de um processo de acumulação, sobre os mesmos, surgem as geoformas mais características deste segmento costeiro: as dunas.

O crescente afastamento da Ermida ao mar⁶⁵, causado pelos segmentos dunares criados durante a Pequena Idade do Gelo, inutilizou o seu uso, remetendo o Facho da Bonança para o serviço militar, servindo de antiga cadeia da vila. Sem Facho, sem comércio de sal, o porto natural de Fão viu-se abandonado, sem rendimento, originando uma regressão no crescimento da vila.

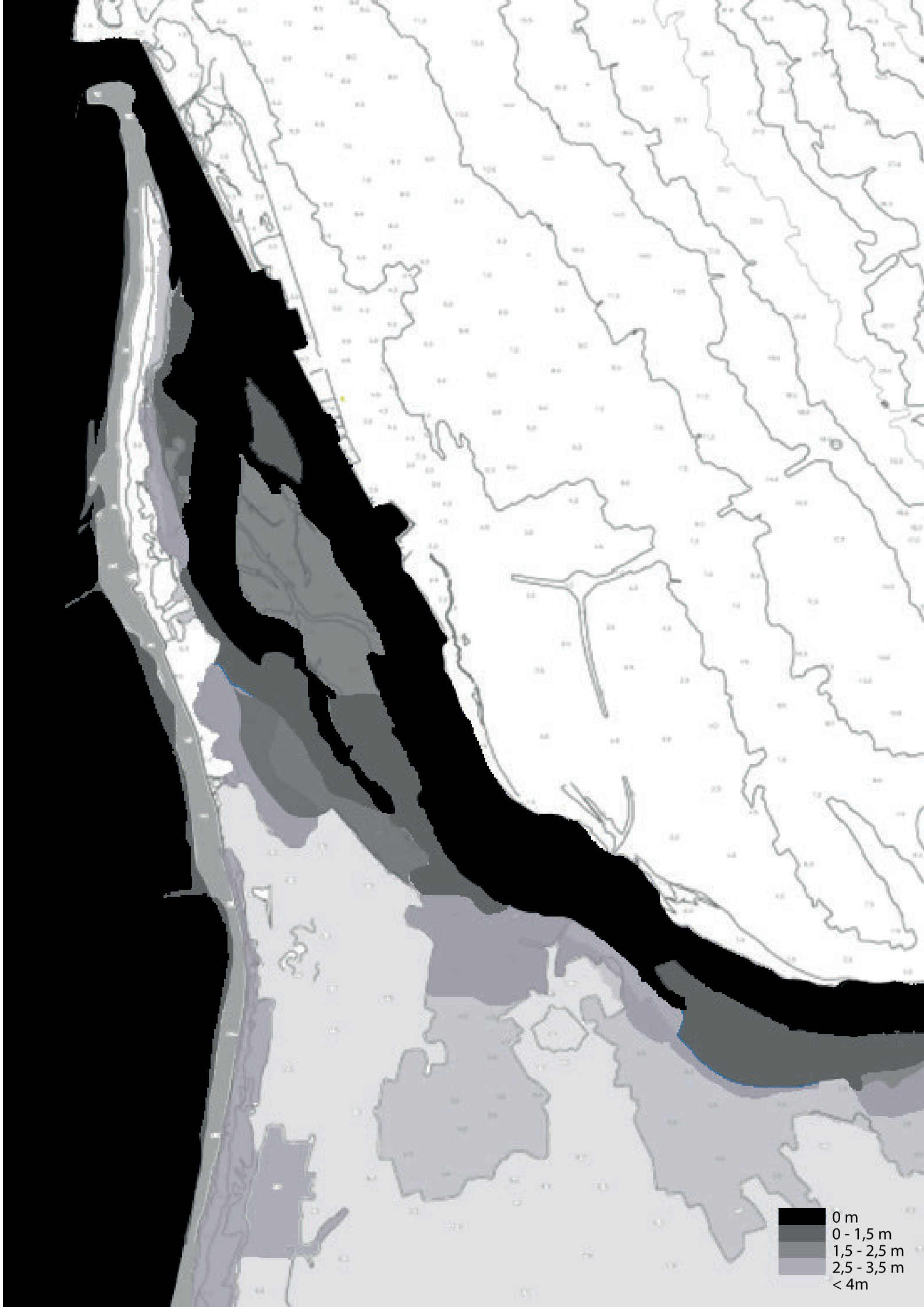
Anos mais tarde, o rio vê-se novamente assoreado. A população, que vivia do aproveitamento dos campos agrícolas, pesca e recolha de plantas marinhas, servia-se de poços e canais cavados pelo homem para regar os campos agrícolas. Pela falta de limpeza e cuidado, o rio inundava constantemente os campos marginais, destruindo culturas agrícolas. Aliado ao volume das cheias, o inconstante regime dos cursos de água ora é o benefício das culturas, ora a sua desgraça⁶⁶.

⁶⁴ NEIVA, Manuel Albino Penteadó, Boletim Cultural de Esposende nº 15/16, 1989 – página 93

⁶⁵ «d'ahi ao mar irão uns 1500 metros havendo as areias formado novas dunas numa linha média, ou a meia distância da praia, e como os pinheiros nasceram sobre a areia, hoje acha-se encoberta a vista para o mar, que certamente foi o que já fez depois de 1834 abandonar a casa do Facho», por AMÂNDIO, Bernardino, Os fachos da borda mar da Província do Minho, 1999 - página 82

⁶⁶ «O regime variável dos cursos das águas ora é o benefício dos cultivos, ora a sua maldição» por RIBEIRO, Orlando, Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico, 1986 - página 21

(Imagem ao lado) Figura 19 - Representação da cota de cheia.



0 m
0 - 1,5 m
1,5 - 2,5 m
2,5 - 3,5 m
<4m

«O Cávado garantia cheias que inundavam a baixa de Fão, deixavam limo e humidades enranhados nas paredes das lojas que acolhiam animais, arrumos, lenhas, alimentos ou profissões. As casas, de costas para o rio ou dele afastadas a distância que garantisse alguma segurança, protegiam-se com paredes grossas como muralhas, levantadas a lousa e barro extraídos no Caldeirão. As cheias limpavam o leito e renovavam a praia reabastecendo-a de inertes. A areia, porém, foi sempre mais poderosa a torrente e acabou por assorear a barra.»⁶⁷



Figura 20 - Cheias na Rua Azevedo Coutinho. As duas imagens de cima ilustram as cheias no século XIX. A imagem abaixo ilustra a cheia ocorrida no ano 2000.

conservação de valas e canais, que aqui se entulham e ali se esboroam. A fertilidade destas regiões é uma frágil obra do homem e não um dom permanente da natureza»⁶⁸.

Em 1795, por Alvará da Rainha D. Maria I, foi aprovado «o plano de obras de canalização e navegação do Rio Cávado, desde a sua foz até Vau de Bico, na confluência dos rios Cávado e Homem»⁶⁹ - elaborado pelo Engenheiro Custódio de Vilas Boas – considerando ser «um problema de vida ou de morte para o povoado que nascera do mar e sentia a perda irremediável do próprio mar enclausurado por grandes dunas que se acumulavam na foz do Rio Cávado»⁷⁰.

O plano consistia em «cortar a volta que o Cávado faz em Rio Tinto, na embocadura do Regado, abrindo-se um novo Alveo do Rio nos matos e terras da freguesia de Gemeses (...); «(...) E no dito lugar de Fão será edificado um cais de Pedra, que evite as inundações da Povoação e sirva de Arrumadouro dos Barcos de Pesca»; «De fão até Esposende se devem fortalecer ambos os lados do rio, limitando-se o seu leito, (...) para conter as águas das cheias e das marés (...) E para este mesmo fim se formará desde Esposende até à Barra um outro Cais de Pedra, que sirva ao mesmo tempo para o uso dos Embarques e da Pesca»⁷¹.

Posto em prática o plano de encanamento, comandado pelo próprio Eng. Custódio, que visava a conservação da vila de Esposende, é destruída parte da muralha do Forte S. João para aproveitamento da pedra a ser aplicada no molhe da barra ainda hoje existente. Após uma inspecção, em 1804, a desactivação do Forte é suspensa, «considerando-o útil para a defesa do porto e barra de Esposende»⁷².

⁶⁸ RIBEIRO, Orlando, Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico, 1986 - página 37

⁶⁹ BERNARDINO, Amândio, O Engenheiro Custódio José Gomes de Vilas Boas e os portos de mar de Esposende em 1795 e Viana em 1805, 1994 – página 24

⁷⁰ BERNARDINO, Amândio, O Engenheiro Custódio José Gomes de Vilas Boas e os portos de mar de Esposende em 1795 e Viana em 1805, 1994 – página 24

⁷¹ BERNARDINO, Amândio, O Engenheiro Custódio José Gomes de Vilas Boas e os portos de mar de Esposende em 1795 e Viana em 1805, 1994 – página 31

⁷² BERNARDINO, Amândio, O Forte de S. João Baptista e o Farol de Esposende, 1995 – páginas 17/18

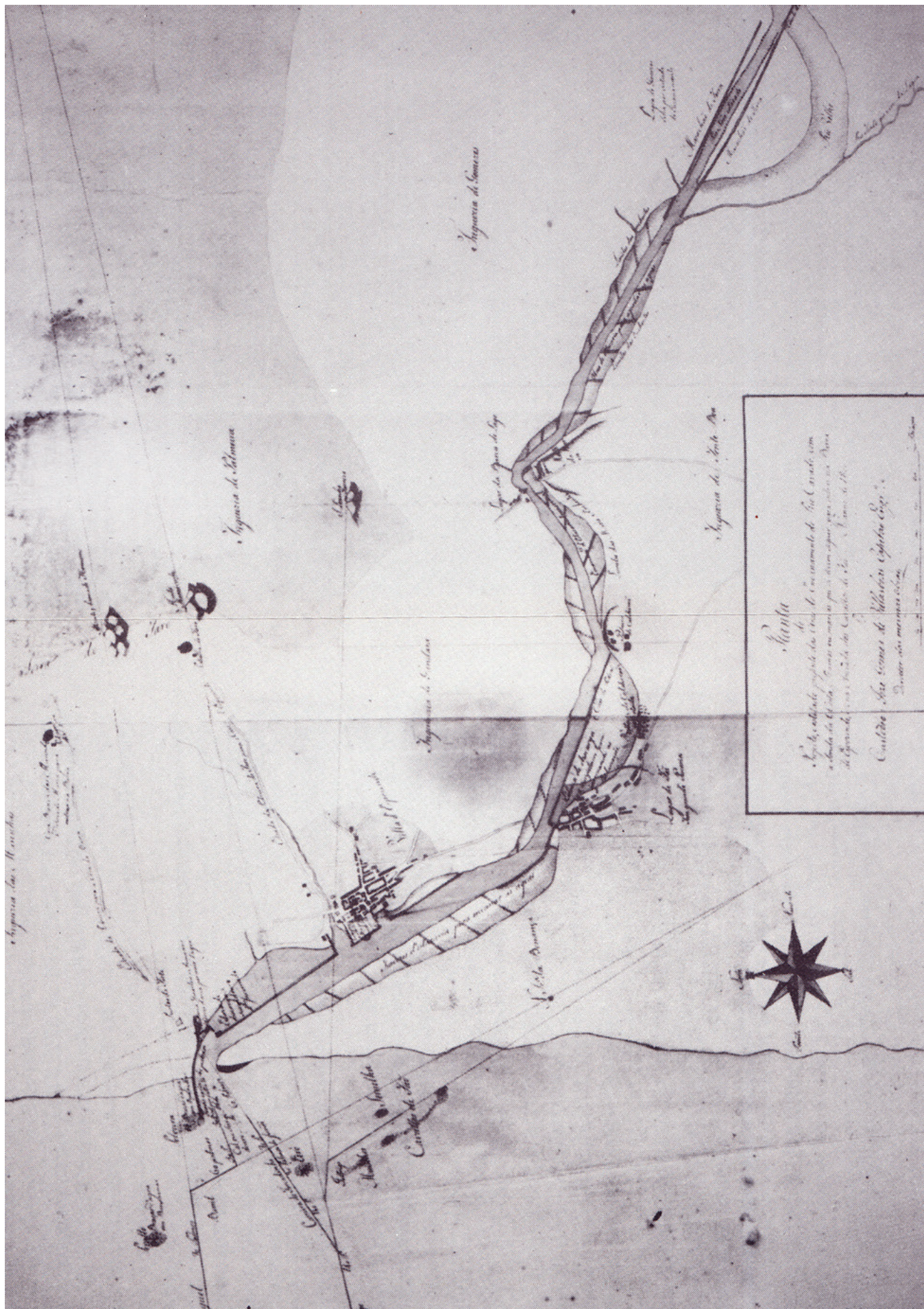


Figura 21- Planta de Encanamento do rio Cávado Engenheiro Custódio de Vilas Boas - 1795

Em 1809, com a morte do Eng. Custódio, dá-se novamente a suspensão das obras no rio, por se revelarem dispendiosas e contraproducentes. Até aos dias actuais, apenas se verifica realizada a rectificação do percurso do rio entre Gemeses, Rio Tinto e Fonte Boa, assim como os molhes da foz do Cávado defronte a Esposende e Fão.

Posteriormente, surgem os estaleiros navais de Esposende e Fão. A falta de documentação no que respeita à formação dos estaleiros navais não permite uma afirmação conclusiva. Acredita-se que estes estaleiros sejam de séculos bem anteriores à era moderna, uma vez que «já a partir do século XVI, precisamente em 1552, estacionavam no porto de Esposende 17 caravelas ou em 1572 o registo de 74 navios de alto bordo, a que chamavam caravelas»⁷³. A referência ao porto de Esposende é muitas vezes sinónima do porto da foz do Cávado, englobando tanto a vila de Fão como a cidade Esposende.

Ora, esta afirmação leva a crer na existência de um estaleiro naval no século XIX, uma vez que se torna incoerente aceitar que os navios ancorados no porto da foz do Cávado se deslocassem aos portos mais próximos para possíveis consertos.

Esta época é marcada pela prosperidade económica sustentada na produção e comercialização de sal, bem como pelo excedente da agricultura ribeirinha do Cávado e da pesca. Desta forma, «é fatal que, com maior ou menor dimensão, tenham existido estaleiros por esses recuados tempos dos séculos XV e XVIII no porto de Esposende»⁷⁴.

Com registos precisos, e na ausência de outros mais antigos, surgem as primeiras datas de construção de navios nos estaleiros da foz do Cávado: Esposende, 1830 e Fão, 1836. Não é possível datar as construções mais antigas, talvez por obra de incêndios ou roubos, contudo, a actividade naval já se encontra iniciada no séc. XIX. O certo é que para estes navios serem construídos e registados, inúmeras tentativas sem sucesso deverão ter ocorrido nos estaleiros navais, remetendo, possivelmente, o início deste ofício para o princípio do século.

A história da construção naval dos estaleiros de Esposende e Fão passa-se

⁷³ BERNARDINO, Amândio, Os Estaleiros Navais de Esposende e Fão nos séculos XIX e XX, 1989 - página 16

⁷⁴ BERNARDINO, Amândio, Os Estaleiros Navais de Esposende e Fão nos séculos XIX e XX, 1989 - página 16

em, aproximadamente, dois séculos. Dois séculos de prosperidade e de avanço económico e tecnológico, fruto do trabalho, dedicação e direcção eficientes de mestres e construtores maioritariamente da terra, que elevaram o bom nome do concelho. Durante os séculos XIX e XX, os portos de Esposende e Fão são dos mais afamados portos portugueses para construção de navios de longo curso⁷⁵.

A arte de marear, construir e comandar não surge caprichosamente nas gentes do concelho. Embora faltem os documentos, é indiscutível a tradição marítima quinhentista dos pescadores esposendenses.

«As potencialidades da cabotagem e a necessidade do transporte barato para outras localidades costeiras, foram muito bem aproveitadas pelos marinheiros de foz do Cávado»⁷⁶. Até meados do século XIX, os mareantes esposendenses e fangueiros estavam especializados em áreas distintas: os esposendenses lançaram-se no longo curso, enquanto os fangueiros exploraram a cabotagem.

Os quadros presentes no anexo I mostram a importância dos estaleiros navais da foz do Cávado no século XX, não sendo possível escapar a notável posição dos estaleiros de Esposende e Fão em todo o país, no que respeita às embarcações de grande tonelagem. Também se verifica o crescimento da indústria da pesca pela construção de barcos de pequeno porte a par dos estaleiros onde se construíram barcos de maior tonelagem. Comparativamente a outros portos portugueses, com especial destaque pela proximidade ao estaleiro de Viana do Castelo, os estaleiros da foz do Cávado posicionavam-se no lugar cimeiro quanto ao número de barcos construídos no início do século.

Direcionando o olhar para os estaleiros a Sul do Cávado, anteriormente à construção da ponte Eiffel, estes localizavam-se no largo do Cortinhal. Cercado por arruado, casas de família e perto do antigo Hospital da Misericórdia, o estaleiro estendeu-se para Norte, até ao “Cais”, movido pelo excesso de procura e por problemas administrativos com as autoridades de Esposende.⁷⁷

⁷⁵ «Esposende e Fão viram-se preferidos por quase todos os portos portugueses, para a construção de navios de longo curso», AMÂNDIO, Bernardino, Os Estaleiros Navais de Esposende e Fão nos Séculos XIX e XX, 1989 - página 11

⁷⁶ FELGUEIRAS, José Eduardo de Sousa, Sete Séculos no Mar (XIV a XX), Capítulo XI, 2010 – página 130

⁷⁷ «Os primitivos estaleiros de Fão, cuja tentativa de instalação remonta ao primeiro quartel do século XVIII, foram muito provavelmente, no sítio de Cortinhal, alargando-se para norte, até ao “Cais” que em 1856 é motivo de intervenção, por se encontrar bastante danificado pelas águas das enchentes. A partir de certa altura, (...) criou-se um mal-estar entre as autoridades administrativas de Fão e a Câmara de Esposende, por causa da localização desse estaleiro, no Cortinhal, porquanto os barulhos produzidos durante a construção dos navios, incomodavam sobremaneira os doentes internados no hospital, que ao tempo era

Em 1856, o estaleiro é motivo de intervenção por se apresentar bastante danificado, devido à constante alteração do caudal do rio. Com a morte do Engenheiro Custódio de Vilas Boas, a obra do encanamento fica suspensa, deixando a zona ribeirinha de Fão desprotegida das frequentes cheias. Assim, em 1864 foi arrematada a «obra das escadas do cais»⁷⁸ com o intuito de reformar as escadas do cais e calçar, em todo o comprimento, o lado do rio e do estaleiro, a fim de evitar futuras enchentes.

Em 1892, com a inauguração da Ponte D. Luís Filipe – ponte Eiffel – o primitivo estaleiro desaparece por completo, movendo-se novamente os estaleiros para Norte, a jusante da ponte.

A elevada procura pelos estaleiros navais de Esposende e Fão levou a um ligeiro aumento populacional. O surgimento das indústrias de serração e metalúrgica de apoio à construção naval, o aumento da procura de mão-de-obra especializada, o comércio de madeiras, fizeram com que muitos artífices das proximidades – Póvoa de Varzim, Aguçadoura, Vila do Conde, Viana – se mudassem para a vila. Pelas palavras de José Eduardo de Sousa Felgueiras, «era um “mundo” de negócios, directos ou indirectos, o que se relacionava com a construção naval»⁷⁹.

um edifício contíguo à Misericórdia, ainda hoje existente», FELGUEIRAS, José Eduardo de Sousa, *Sete Séculos no Mar (XIV a XX)*, Capítulo XI, 2010 – página 132

⁷⁸ «30 de Janeiro de 1864 – arremata a «obra das escadas do cais»: Reformar as escadas do Cais Novo, levando estas seis peças novas de um metro e trinta e seis centímetro de comprido e sessenta a seis ditos de largo, pela parte do rio; calçar o mesmo cais, em todo o comprimento, do lado do rio e do lado do estaleiro – levantar o lajeado do mesmo cais no comprimento de dez metros e troná-lo a assentar, dando para isso o que lhe faltasse de novo – seis argolas de ferro, novas e chumbadas no lugar que se destinasse e deslocam três que se achavam no sobredito Cais Velho, estas chumbá-las onde se destinassem», BERNARDINO, Amândio, *Os Estaleiros Navais de Esposende e Fão nos séculos XIX e XX*, 1989 – página 131

⁷⁹ FELGUEIRAS, José Eduardo de Sousa, *Sete Séculos no Mar (XIV a XX)*, Capítulo XI, 2010 – página 270

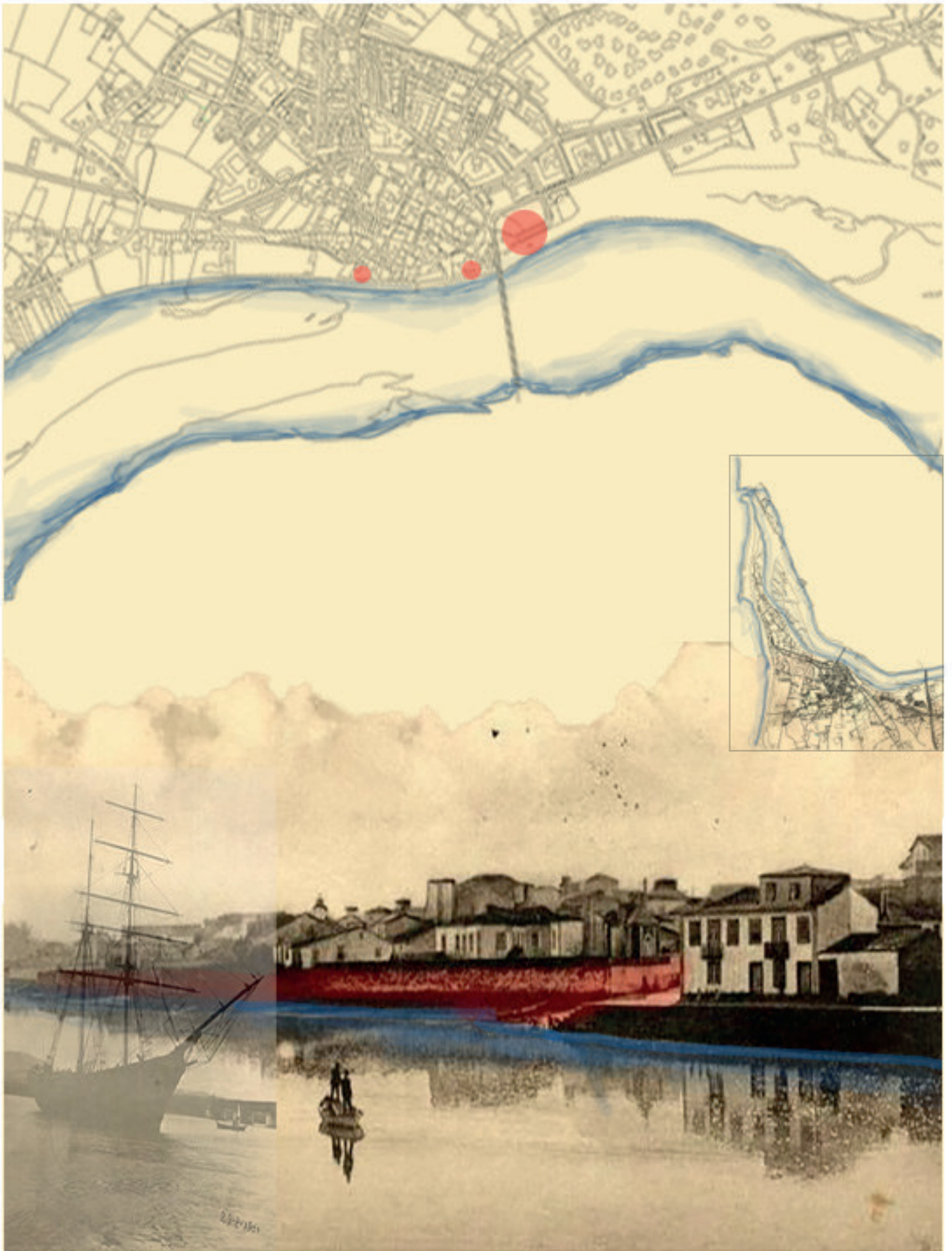


Figura 22- Localização dos antigos estaleiros navais de Fão

Mas, no «sítio onde se criou a povoação que posteriormente se afanou na arte de construir embarcações e navegar»⁸⁰, toda a agitação marítima durou apenas até 1927. Novamente assoreado, o rio dificultava a navegação dos navios construídos até à foz, levando assim à ruína uma das actividades de maior memória na vila.

Contrariamente ao estaleiro de Fão, o de Esposende continua em laboração, terminando funções em 1947. Contudo, o intervalo entre 1979 e 1987 marca uma nova fase nos estaleiros de Esposende, havendo registos de construções/reparações ao nível das construções antigas, continuando em prática a arte naval do século XIX.

A tradição centenária foi-se perdendo, resistindo apenas na reparação e construção de pequenas embarcações para a pesca. O interesse pela indústria artesanal desvaneceu, e a ligação ao mar e ao rio, que tanto deram a esta povoação, perdeu-se. Entre as salinas e a construção naval, os fangueiros – os que se recordam – guardam apenas na sua memória as histórias em torno da actividade salineira e do desvio do leito do rio, e as vivências dos bota-abixo dos navios e da vida em torno do rio.

Com o assoreamento do rio, a emigração e a crise, a população volta a dedicar-se às actividades primárias, em particular à pesca artesanal, com os pequenos barcos construídos no antigo estaleiro, «primeiro para suprir as dificuldades da navegação e posteriormente como única solução para resolver os seus graves e crescentes problemas económicos trazido pelos aumentos demográficos»⁸¹. O encerramento desta actividade trouxe à vila um período económico mais instável, combatido, a partir dos anos 40, com o turismo. Em meados do século passado dá-se a expansão da hotelaria em Ofir, a construção de modernas unidades de habitação uni e multifamiliares e a imposição da indústria têxtil.

⁸⁰ Prefácio de Alberto Sampaio, in FELGUEIRAS, José Eduardo de Sousa, *Sete Séculos no Mar (XIV a XX)*, 2010 – página 9

⁸¹ BERNARDINO, Amândio, *Esposende e o seu Concelho na História e na Geografia, 1994-1996* -página 38

Para conclusão deste capítulo, transcrevem-se as palavras de autor desconhecido, que resumem o último milénio da história de Fão:

«Há muito se perderam as salinas, embora subsista o seu topónimo. As areias invadiram os terrenos, assorearam a foz do Cávado (cuja foz se deslocou para o Norte, onde Pedro II mandou erguer um pequeno castelo). Hoje, na costa, dominam as dunas, que os pinheiros detêm. Também possuiu bons estaleiros, em que se armaram navios de alto bordo, agora abandonados. Das suas pequenas indústrias caseiras mantêm-se a dos bordados finos em roupa branca»⁸².

⁸² Autor desconhecido, 1.13 Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Monumentos Históricos de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão, 2000 - página 192



Figura 23- Exemplo de ocupação do território após o desenvolvimento do turismo.



Tarrassa e partilha do peixe após dia de pesca. Actividade primária ligada ao rio, praticada durante séculos. Estima-se que os romanos trouxeram a prática da salga do peixe para o concelho.



Construção da Ponte Eiffel, em 1892. A Estrada Nacional 13 unia Porto a Valença, atravessando o Cávado por esta ponte. A sua construção contribuiu para o rápido acesso à zona balnear e posterior desenvolvimento de Ofir.



'Bota-abaixo' de um navio construído no estaleiro de Fão, data de 29.08.1901.

Actividade naval prolonga-se até 1927, terminando assim um ciclo de tradição ligada à construção naval.

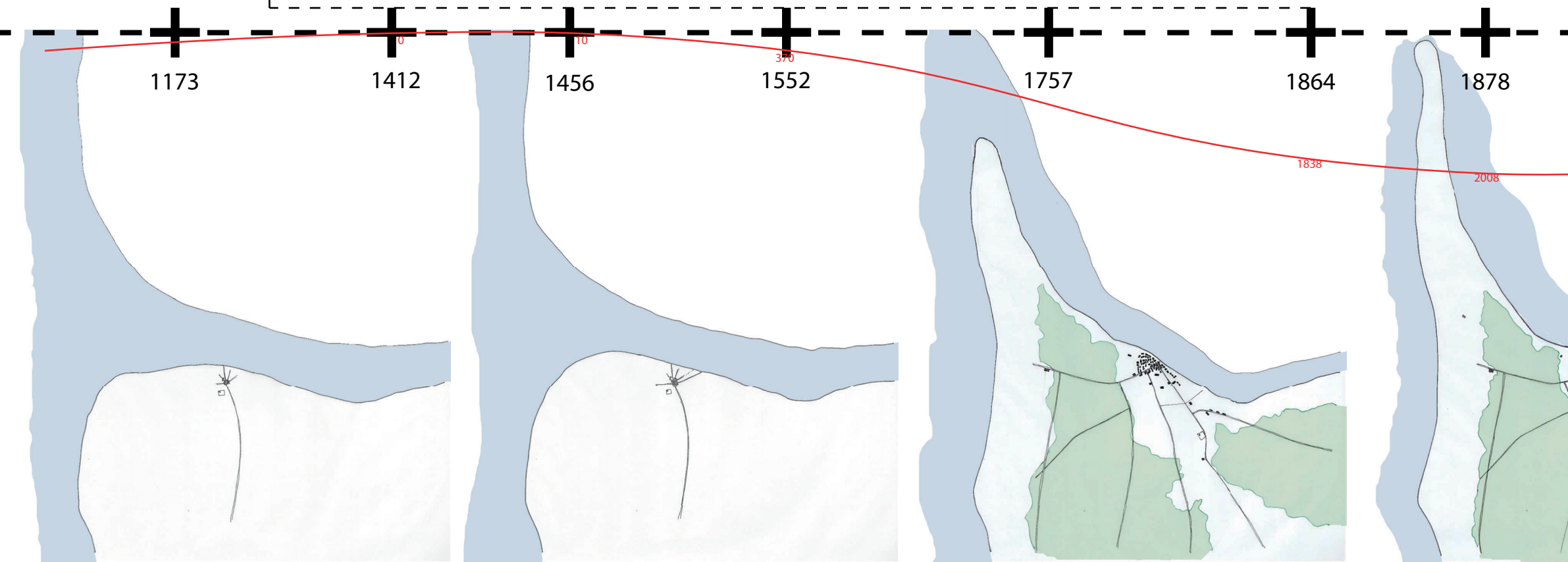
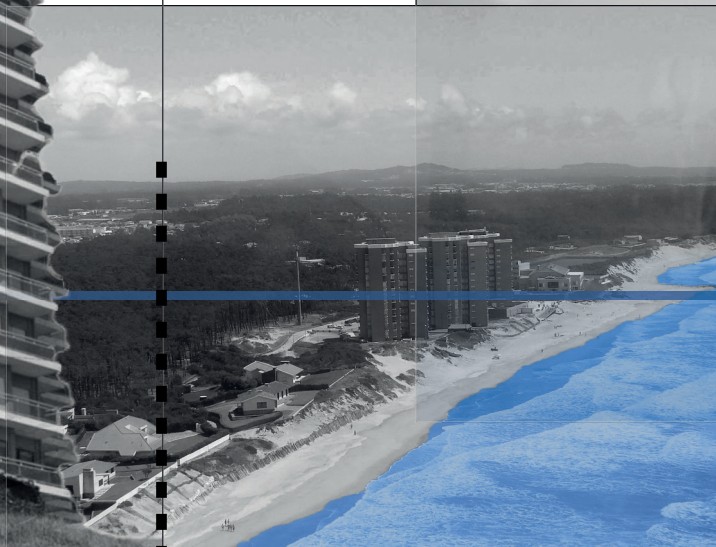
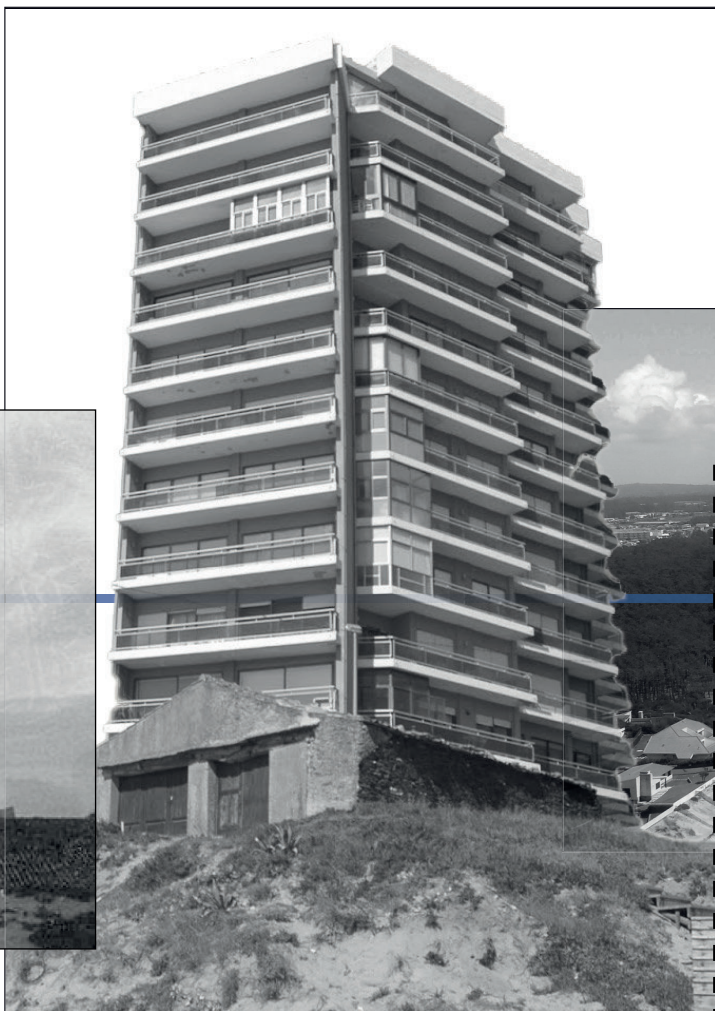


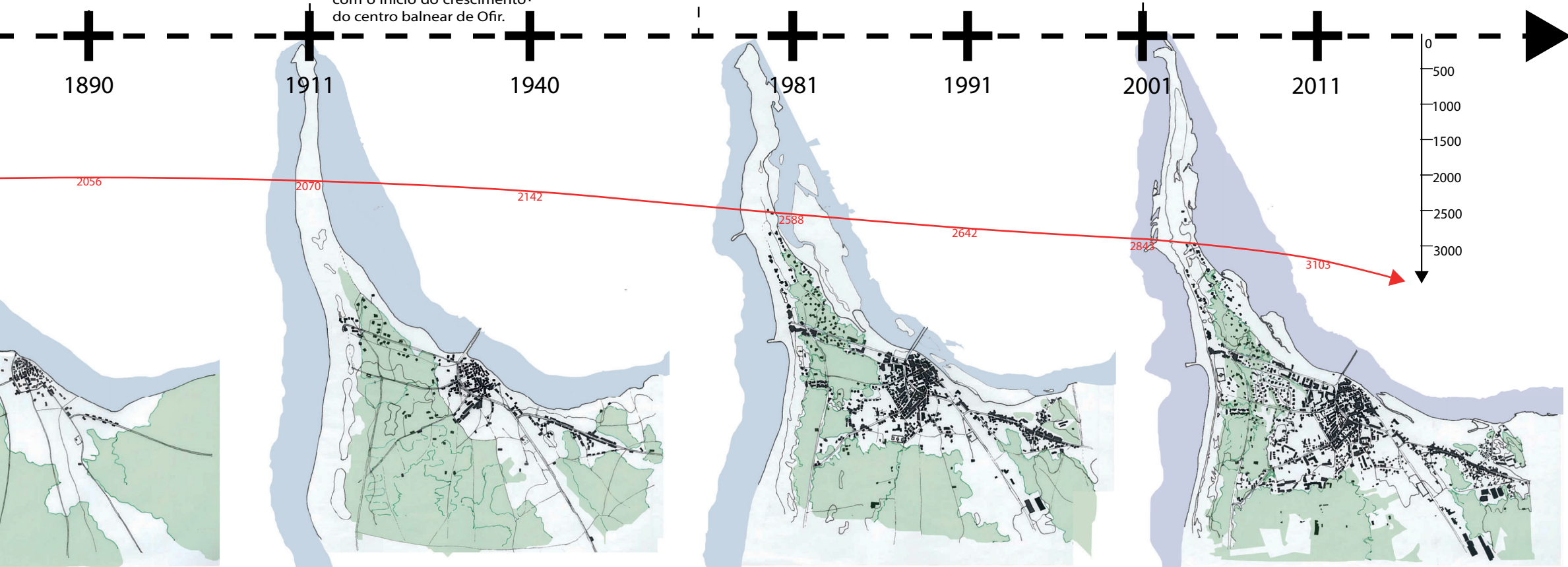
Figura 24- Cronologia dos tempos de transformação do território de Fão e alterações morfológicas. A vermelho está representado o crescimento populacional, obtido através dos registos bibliográficos e com recurso aos censos. É possível concluir



Hoje, a foz do Rio Cávado é procurado para os mais diversos desportos aquáticos, entre eles, o surf.

Anos 70 e 90: Com a construção do complexo das Torres de Ofir e das casas no pinhal, Ofir torna-se um dos principais destinos turísticos do norte do país. O crescimento da zona balnear traz prosperidade económica à vila, tendo como resultado o desenvolvimento urbano do território.

Anos 40: Lavadeiras no Cávado e primitivo Hotel Ofir. A tradição contrasta com o início do crescimento do centro balnear de Ofir.



...uir que foi através da relação Homem/Mar/Rio que o povo fagueiro conseguir prosperar. Apesar do declínio, Fão conseguiu recuperar a sua economia após os anos 50 - com o surgimento das primeiras construções junto à praia.

CAPÍTULO III
TRÊS (DES)OCUPAÇÕES

Num olhar sobre o território português encontram-se regiões muito díspares, mas com um denominador comum: a sua descaracterização. Regiões ricas em história, património e cultura esquecidos e abandonados ao amargo sabor do tempo, fruto da emigração e crescimento intensivo do litoral. O interior foi entregue às gerações mais velhas que se recusam a sair da terra onde nasceram, vivendo num estilo de vida rudimentar, da agricultura e criação de gado.

Anteriormente, no Capítulo I, fez-se referência à bacia hidrográfica do Cávado e aos territórios que a constituem. Ao longo dos 135km de extensão do rio encontram-se aldeias, vilas e municípios esquecidos, exemplo do antagonismo entre litoral e interior. Territórios com heranças culturais arquitectónicas – como construções em xisto, edifícios comunitários (fornos, fontes e tanques), vestígios da passagem dos romanos pela Península Ibérica – que se encontram parados no tempo, aguardando o regresso sazonal dos emigrantes.



Contrariamente à ruralidade do interior, o litoral urbano encontra-se agitado. É indiscutível afirmar que no interior a qualidade de vida é superior à do litoral, no entanto, com a fixação dos retornados das ex-colónias no litoral e com a forte emigração dos anos 60, torna-se cada vez mais complicado ter população que alimente o funcionamento dos serviços públicos e, como consequência, o acesso a estes serviços é progressivamente mais limitado.



Figura 25 - Marco Milenário do Cortiço e Forno comunitário de Arcos, Montalegre

Reafirma-se, desta forma, que a descaracterização dos territórios é uma problemática inerente ao território luso, com especial incidência nas vilas piscatórias.

Sendo o foco deste trabalho a vila de Fão, confronta-se e questiona-se este território percebendo as causas que provocaram a sua descaracterização, traduzindo-se este capítulo numa representação e entendimento do lugar.

O fenómeno da transformação do território não se dá apenas pela movimentação das areias ou pelo avanço do mar, dá-se também pela ocupação humana. O território está em constante construção e algumas intervenções – naturais ou humanas – alteram irremediavelmente a sua forma.

Assim, este terceiro capítulo prende-se a uma escala mais aproximada sobre o território de Fão. Pretende-se demonstrar as suas alterações e inconstâncias, visíveis

ao longo das últimas décadas, «dando foco “(...) à complexidade e à reversibilidade dos movimentos de uma geografia fundamentalmente humana”»⁸³.

A estrutura deste capítulo divide-se em três subcapítulos, que analisarão: a construção do Pinhal de Ofir – plantação e paisagem do moderno; o abandono do centro histórico e a sobrecarga da praia. As questões mais pertinentes a colocar relacionam-se com: a importância do aparecimento do pinhal junto à costa e de que forma serviu a população; as construções no pinhal e a influência no abandono e esquecimento do centro da vila; o impacto da rápida transformação do pinhal e da zona costeira no território fangueiro.

É com o intuito de representar os processos de (des)ocupação e transformação do território que surge este capítulo. À semelhança de Fão, inúmeras vilas com tradição pesqueira foram transformadas em centros de turismo e lazer, originando desenvolvimentos precoces e não planeados. O resultado? A alteração da identidade dos lugares, que permanecem apenas na memória dos mais velhos, e alterações na morfologia e tipologia do território.

Em suma, este capítulo é uma articulação entre os fluxos, modos de vida e geografia do lugar da amostra.

⁸³ FERNANDES, Marisa, Projecto de representação da impermanência: entre a Nazaré e a Lagoa da Pederneira, 2014 - página 16

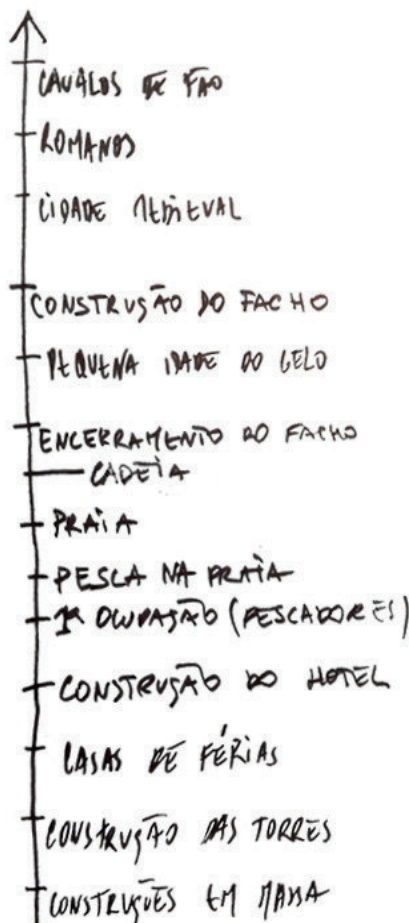


Figura 26 - Cronologia esquemática dos tipos de ocupação da foz do Cávado

III.i _ A construção do Pinhal

A ocupação do extenso pinhal que preenche o litoral da amostra agrupa um conjunto de transformações derivadas do uso e apropriação dos habitantes, trazendo uma multiplicidade de aproximações singulares no entendimento da transformação da paisagem.

Como fora anteriormente referido, dada a variedade de lendas e mitos sobre Ofir, é difícil intervalar uma data para a sua formação. Estas dinâmicas estão inerentes à sua condição geográfica articulada com os primeiros povos e as suas actividades. Mantendo-se as incertezas quanto à sua veracidade, da análise que decorre deste trabalho, é certo afirmar que, em meados do século XX, Ofir foi invadido pelas elites nortenhas.

A origem da massa arbórea que constitui o pinhal de Ofir é também uma incógnita. Presume-se que, e à semelhança do que sucedeu com o Pinhal de Leiria, fora mandado plantar por forma a travar o avanço das areias protagonizado, como já referido, pela Pequena Idade do Gelo. A justificação foi encontrada no lugar, com o encerramento de funções do antigo Facho da Borda-Mar, na Sra. Da Bonança.

A apropriação do pinhal para proveito da população dá-se no século XIX, com o surgimento da actividade naval. «Valorizam-se as florestas que fornecerão madeira para as naus»⁸⁴, evitando gastos acrescidos pelo transporte de matéria-prima, que viria até Barcelos pela linha férrea e, daí, desciam pelo rio até à foz. Por outro lado, o recurso à matéria-prima impulsionou a procura pelos madeireiros da terra e criou mais postos de trabalho. Após o término da construção naval e com o aparecimento da crise, a mancha arbórea de elevada densidade passou a ter nova função: a habitacional.

⁸⁴ O Fangueiro, nº2297, 30 de Julho de 1967



Figura 27 - Exemplos que demonstram a transformação de Ofir, num período compreendido entre o início e o final do século XX.

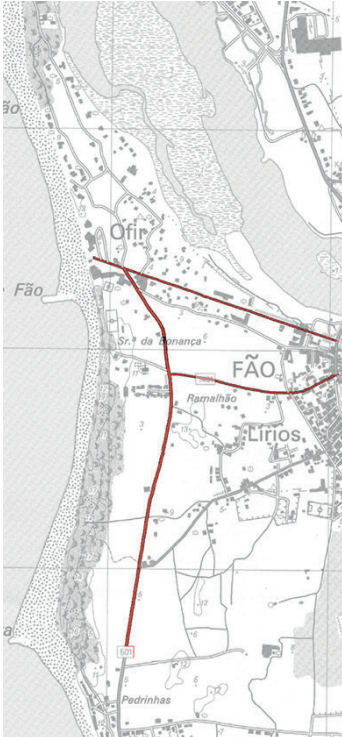


Figura 28 - Principais vias de acesso à praia de Ofir.

Elemento caracterizador da paisagem, o Pinhal de Ofir relaciona-se com os modos de vida da população na sua relação com o mar, convidando à sua exploração. O acesso ao mar era feito por duas estradas: «uma em linha recta, que encurta a distância à praia, apenas com 900 metros¹; a outra dá a volta pela Sra. da Bonança, atravessando os pinheirais, vai ligar-se à primeira, perto da praia»². Paralela à linha da costa e com ligação directa à vila de Apúlia, havia também uma em linha recta muito frequentada ainda nos dias de hoje.

Com a construção da EN13 - entre o Minho e o Porto - as praias de Esposende passaram a ser muito procuradas. Em 1945, com a construção do 1º corpo do Hotel Ofir sobre a duna, esta região começa a ser procurada pelas famílias ricas do Norte e Minho. Como se verifica na imagem ao lado, a facilidade de acesso ao Hotel era assegurada pela estrada que serve as praias de Fão e Apúlia, mas, sobretudo, pela recta de Ofir, apoiada na EN13. A riqueza contrasta com a vida simples dos da terra que, junto à costa, preservavam os seus albergues dedicados à apanha do sargaço e à pesca. Os barcos de pesca convergiam com os automóveis; os pescadores ocupavam o areal destinado aos turistas. É após a construção deste primeiro volume que se dá o primeiro passo em direcção ao novo centro hoteleiro do Norte.

«O turista é a propaganda em pessoa. Ele incentiva o desenvolvimento dos transportes. Ele reclama bons hotéis, diversões e passeios organizados. Ele quer tradições religiosas e populares»³. É desta forma que se dá a transformação da zona costeira de Fão: em torno do turismo.

A construção de Ofir acontece em, aproximadamente, 40 anos. Após a edificação do hotel em 1945 dá-se, em 1949, o seu alargamento.

¹ «Hoje detemo-nos ante a figura de António Veiga. Dois acontecimentos estão para sempre ligados ao nome deste fangeiro: a construção da estrada que vai dar ao mar; o transporte de água potável para o fontenário da alameda, tudo a expensas suas», A.S., Galeria dos Fangeiros Ilustres, O Fangeiro, nº5, 4 de Maio de 1958, página 1

² A.S., Galeria dos Fangeiros Ilustres, O Fangeiro, nº5, 4 de Maio de 1958, página 1

³ E.R., Da Margem Direita, O Fangeiro, nº5, 4 de Maio de 1958, página 5

As obras de Ofir

Estão prestes a concluir as obras de ampliação do Hotel Ofir, empreendimento de grande envergadura que muito contribuirá para o incremento turístico do Norte do País.

Parte das instalações já foram utilizadas por turistas nacionais e estrangeiros, índice da grande procura desta privilegiada zona marítima.

A inauguração deste complexo hoteleiro está prevista para o dia 25 de Junho próximo e com a presença do Senhor Presidente da República e vários membros do Governo.

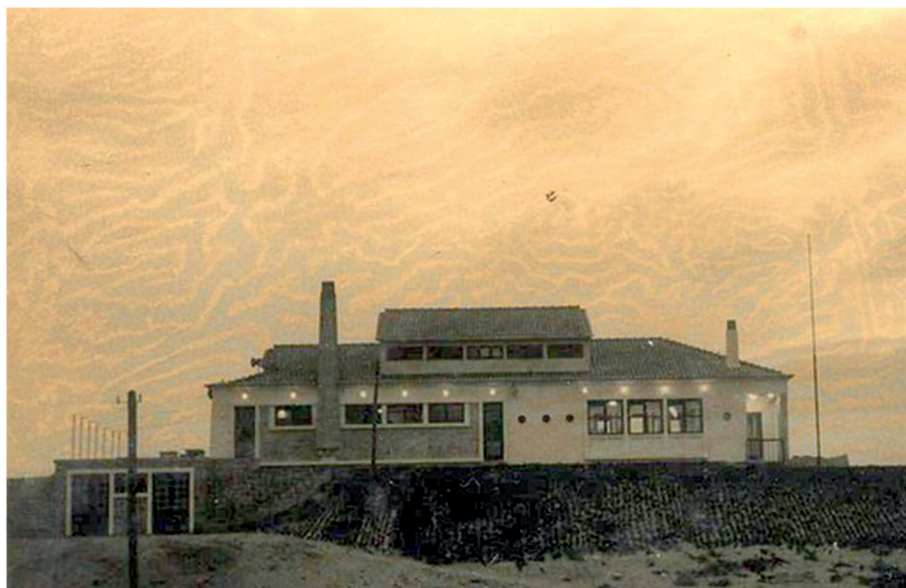


Figura 29 - O crescimento do Hotel Ofir, século XX.

Sobre o lugar, assume-se uma mudança na relação do homem fangueiro com o pinhal, cruzando-se, numa cronologia sintetizada, os tempos de transformação do litoral.

Nos anos 50, no extenso pinhal existente a Poente, começa a construir-se uma paisagem do Moderno. 1958 trouxe uma construção que plantou a semente de uma nova perspectiva sobre Ofir, ainda hoje patente importante: a Casa em Ofir. O projecto do arquitecto Fernando Távora realça a importância do pinhal para as famílias mais abastadas no Norte. As décadas de 50 e 60 transformaram Ofir num pequeno refúgio para essas famílias. Em resposta à crescente procura turística pela região, constroem-se a Estalagem do Rio e o Hotel da Recta, mas é em 1972/1973 que o litoral fangueiro se transforma num verdadeiro centro turístico, com a construção das duas primeiras Torres de Ofir. Estas torres são um verdadeiro landmark na paisagem. O complexo viria a ser construído sobre a memória dos albergues dos pescadores e da Casa do Salva-Vidas, restando apenas uma pequena estrutura alusiva ao passado ligado à vida no mar.

Estas dinâmicas construtivas elevaram o nome de Ofir contribuindo para o esquecimento de Fão – para muitos, Ofir é considerada uma freguesia e não um lugar de Fão. Apesar de se tratar de um fenómeno sazonal, com grande impacto nos meses quentes, a população passou a dedicar-se ao turismo. Junto à praia, desenvolvem-se para além dos hotéis/estalagens, restaurantes, cafés, minimercados e discotecas de apoio à actividade turística.

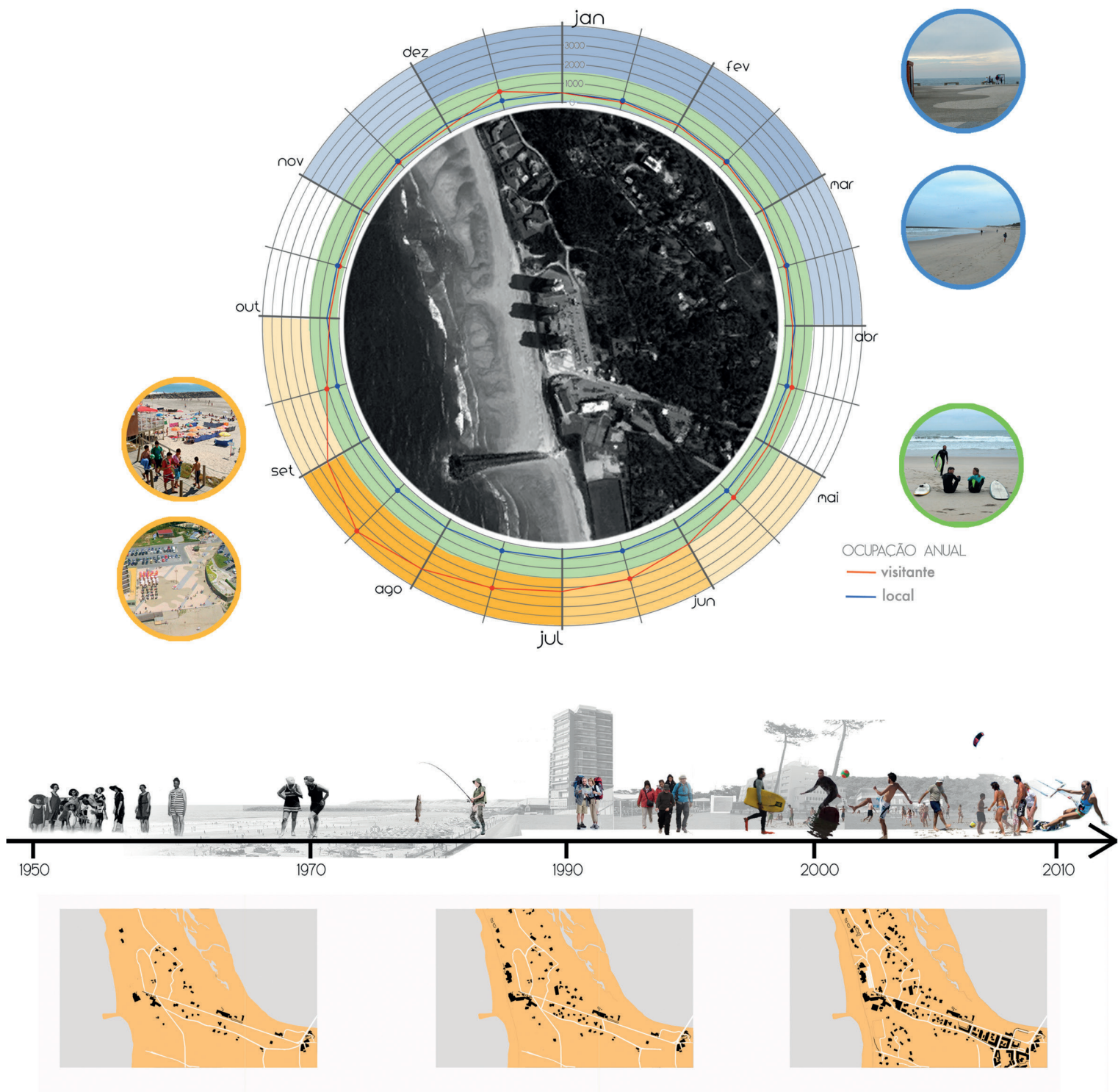


Figura 30 - Exemplo de ocupação e transformação de Ofir, no período compreendido entre os anos 1950 e 2010.

Desenho da autoria de Lucas, Giulia e Davide, desenvolvido no âmbito da UC Atelier 1A - Paisagem. Ano lectivo 2015/2016

Assim, e dada a crescente procura, a construção do pinhal continua a desenvolver-se no século XXI, estendendo-se para a zona da Sra. Da Bonança e em direcção aos Lírios.

A figura 31 resulta da sobreposição das cartografias de 1948, 1996 e 2012. Nesta representação é visível um aumento do número de construções na faixa costeira de Fão. No entanto, é possível perceber que, dada a sobrelotação do pinhal de Ofir, surge uma primeira urbanização perpendicular ao segmento costeiro bem como moradias entre as ruínas da Ermida e a praia. Entre o Hotel e a Ermida surgem novas urbanizações de luxo; ao longo da Rua, surgem condomínios residenciais – apesar dos esforços da Câmara Municipal de Esposende, as construtoras locais persistem em projectos de urbanização. A crescente procura na segunda metade do século XX e a falta de planeamento urbanístico contribuíram para a desertificação do extenso Pinhal de Ofir.

Figura 31 - Mapeamento da evolução de Fão: registo das construções existentes em 1948 e as que surgiram nos anos 1996 e 2016.



III.ii_ O abandono do centro

O contraste entre as dunas a poente e os baixios a nascente junto ao Cávado condicionam as vivências humanas. De um lado, o localismo de uma população densa, ligada a uma forte acção histórica – produção salineira, construção naval; do outro, «caminhos fáceis e abertos»⁸⁵, de gente muito numerosa em grandes núcleos habitacionais.

Feito um breve passeio pela vila de Fão, rapidamente se percebe que este território apresenta grandes contrastes entre o centro da vila e a restante área, fenómeno acentuado durante a época alta. E é dentro desta dicotomia Fão/Ofir que se encontra a temática subjacente a este subcapítulo: o abandono.

Da análise morfológica do lugar da amostra, facilmente se realça a formação de novos núcleos surgidos na década de 60: em direcção ao Fonte Boa, as Pedreiras; em direcção ao Atlântico, Ofir. Crescendo de costas voltadas para o centro histórico, estes dois núcleos surgem por razões socioeconómicas e políticas. O primeiro, as Pedreiras, começa a surgir com o regresso dos retornados da Grande Guerra; o segundo, Ofir, aparece junto à costa, inserido no extenso pinhal. À medida que a vila se desenvolvia, acentuava-se o vazio do centro.

O princípio do abandono sentiu-se com o assoreamento do Rio Cávado e posterior fecho dos estaleiros navais, em 1927. Nesta altura, a vila atravessou um período negativo, de pobreza e crise económica. A população não instruída voltava-se novamente para as actividades primárias numa economia que se pautava pela predominância da actividade agrícola e por uma débil industrialização, levando muitos fangueiros à emigração. Também a Guerra do Ultramar, entre 1961 e 1974, contribuiu para a desertificação da vila, permanecendo apenas crianças, mulheres, e os homens inaptos para a guerra.

Pelas palavras de Agustina Bessa-Luís, «Esposende tinha duas almas: a do sul, que era piscatória, e a do norte, que era banhista»⁸⁶. Transportando estas palavras para o lugar da amostra, é certo afirmar que Fão tem duas almas: a de nascente

⁸⁵ GUERREIRO, Paulo, População balnear e as suas consequências, Esposende ensaio urbano de vila a cidade, 2009 - página 65.

⁸⁶ BESSA-LUÍS, Agustina in Vila e Concelho de Esposende – IV Centenário 1572-1972, Memória de Esposende, in Esposende ensaio urbano de vila a cidade, 2009 - página 41.

é piscatória e a do poente, banhista. Esta definição traduz-se no tipo de ocupação da vila: «o padrão de povoamento repete a velha matriz paisagística da região do Minho e da sua orla costeira: uma constelação dispersa de povoamento concordante com o forte retalhamento do solo agricultável das veigas e planícies litorais, intercalada com matos e bouças que ocupam os terrenos mais pobres e declivosos»⁸⁷.

Dos modos de vida tradicionais permaneceu a inter-relação entre terra e mar, entre agricultores e pescadores. A facilidade das relações Nascente/Poente ao longo da vila e as relações Norte/Sul ao longo da orla costeira favorecem as condições de acessibilidade e de inserção regional. «O traçado da nova A28, articulada com outras auto-estradas que seguem os vales do Cávado, A11, e do Ave, A7, veio modificar o mapa das distâncias-tempo, abrindo novas oportunidades e pressões de ocupação em Esposende»⁸⁸.

«Diferentemente de outras actividades económicas, a colonização turística do território possui uma paleta infinda de formas e padrões de urbanização»⁸⁹. Há muito pouco tempo, em Fão – meados do século XX – começam a surgir residências secundárias dispersas e complexos hoteleiros concentrados, dispondo-se em locais privilegiados. Este tipo de aspirações dos banhistas e proprietários combinam-se numa malha, do ponto de vista sazonal, organizada e flexível. Olhando para a planta geral de Fão, a combinação da malha composta pelo núcleo de residências secundárias de Ofir com a malha histórica resulta numa malha urbana desordenada, afastando a «residência sazonal das funções e edifícios que quotidianamente»⁹⁰ residem na vila.

Até meados da década de 90, Ofir era um importante destino de residência secundária e de oferta de alojamentos turísticos, ocupado sazonalmente nos meses quente, e num ou noutro fim-de-semana. «Agora já não é assim. O rendimento médio aumentou, os estilos de vida mudam, as populações são mais móveis, as férias democratizaram-se. Com a facilidade da auto-mobilidade e as distâncias medidas mais em tempo e velocidade do que em proximidades ou afastamentos, aumenta não

⁸⁷ DOMINGUES, Álvaro, Esposende, Esposende ensaio urbano de vila a cidade, 2009 - página 13.

⁸⁸ DOMINGUES, Álvaro, Esposende, Esposende ensaio urbano de vila a cidade, 2009 - página 13.

⁸⁹ DOMINGUES, Álvaro, Esposende, Esposende ensaio urbano de vila a cidade, 2009 - página 13.

⁹⁰ DOMINGUES, Álvaro, Esposende, Esposende ensaio urbano de vila a cidade, 2009 - página 14.

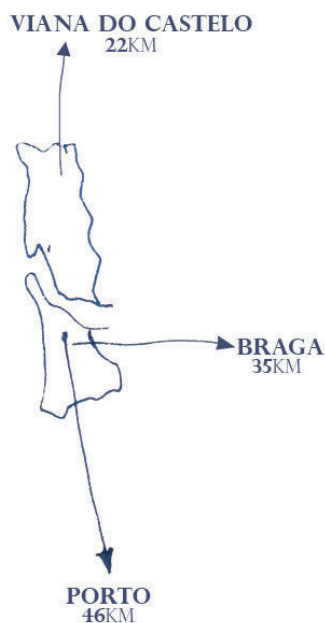


Figura 32 - Esquema com as distâncias do concelho de Esposende às grandes cidades mais próximas.

só a colonização turística, como aumenta a probabilidade de se morar num local e trabalhar-se noutra, ou deslocar-se para fins-de-semana e estadias curtas»⁹¹.

Há aqui traços comuns entre o pensar dos veraneantes e o da população local. No conjunto, todos os pensamentos se afastam do centro mais antigo da vila. O comércio e a indústria alimentaram uma nova classe média rural, que se fixou a Poente da EN13 – lado oposto ao centro histórico, desenvolvendo as áreas designadas de Ramalhão e Lírios. O crescimento desta zona dá-se pela construção de edifícios multifamiliares, moradias geminadas e aldeamentos residenciais.

Podem distinguir-se, na mistura destes elementos, a acção de vários tempos de construção. Na Idade Média, Fão apresentava-se como uma vila estruturada numa malha tradicional irregular, constituída por ruas estreitas e por construções com dois a três pisos, de alvenarias em pedra tradicionais. «Como regra unificadora pode revelar-se o natural cumprimento de alinhamentos das fachadas para a rua, a não existência de abruptas variações de cérceas entre construções vizinhas, e a repetição de algumas dimensões de frente das parcelas urbanas»⁹².

No início da década de 50 até final do século XX, o núcleo urbano de Ofir distingue-se pela prática de um tecido variado: ruas estreitas e largas avenidas; construções de moradias unifamiliares de um ou dois pisos, com grandes logradouros; construções de condomínios privados, compostos por moradias unifamiliares; construção de hotéis e residenciais; construção de multifamiliares, com comércio no rés-do-chão e estacionamento automóvel subterrâneo.

Nos núcleos formados após a década de 50, a tipologia adoptada foi a moradia unifamiliar, de dois pisos, com predominância por materiais mais económicos comparativamente à alvenaria de pedra, como tijolos cerâmicos ou betão.

Através de um levantamento do lugar baseado na observação dos edifícios e espaços públicos, foi possível compreender as dinâmicas da amostra, bem como identificar as áreas mais degradadas pelo abandono.

Da análise ao mapeamento, conclui-se que a área mais afectada pelo abandono é o núcleo histórico da vila. Apesar dos esforços das entidades locais para rea-

⁹¹ DOMINGUES, Álvaro, Esposende, Esposende ensaio urbano de vila a cidade, 2009 - página 14

⁹² BARATA FERNANDES, Francisco, Bernardo José Ferrão, arquitecto e urbanista em Esposende. 1980-2004, Esposende ensaio urbano de vila a cidade, 2009 - página 31


vivar o centro histórico, é de realçar a quantidade de edifícios, alguns deles de valor arquitectónico – de traça quinhentista -, deixados ao abandono. Por consequência, também os espaços de estar – Largo do Cortinhal, Largo do Bom Jesus, Largo do Chafariz – se encontram desertos, espaços que, noutros tempos, eram os principais locais de convívio da população.

Dedicando-se este Capítulo III ao estudo do núcleo de Ofir e pela diversidade de núcleos edificados definidos, optou-se pela escolha de apenas dois núcleos residenciais, tendo em vista a comparação entre eles: o centro histórico e o centro hoteleiro de Ofir.

A dicotomia entre ambos é bem evidente no local. Essas diferenças fazem-se notar não só a nível morfológico, como também nas tipologias de construção existentes; nos tipos de pavimento dos passeios; na relação da população com os recursos naturais; na ocupação do espaço público; na população residente.



 Núcleo de Ofir

 Núcleo histórico de Fão

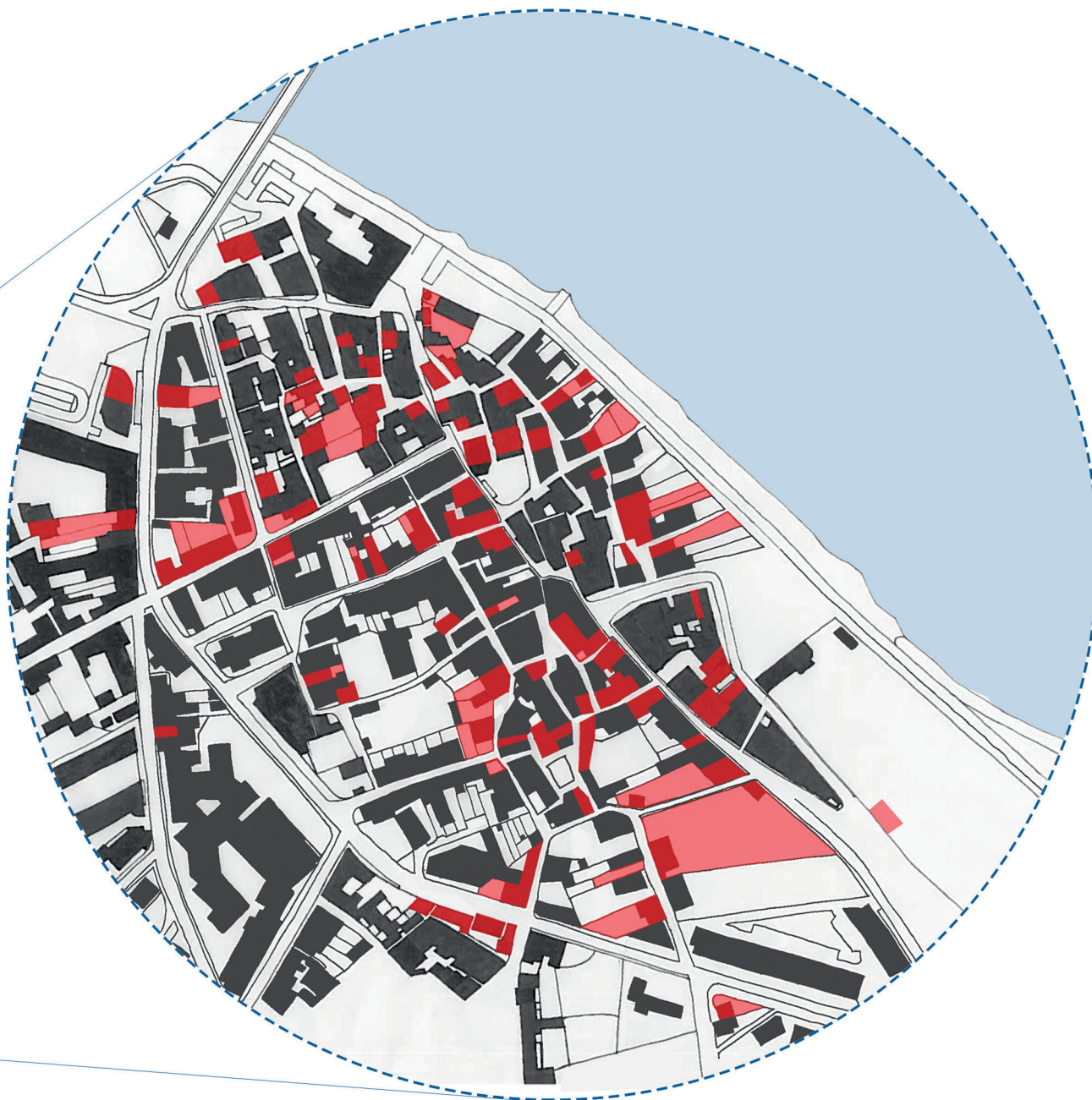


Figura 33- Levantamento e mapeamento do abandono em Fão, resultado do trabalho *in situ*.

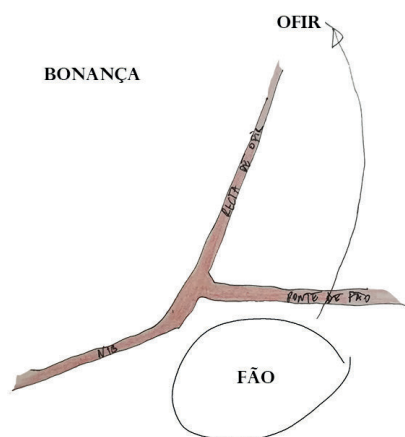


Figura 34 - Esquema da divisão do território de Fão

A divisão marcada pela EN13 acentua a diversidade dos dois lugares.

Ao longo desta investigação e do trabalho in situ, é notória a distinção entre os espaços de estar dos dois centros. Ao nível do espaço público em Fão, este apresenta vários espaços de estar consolidados entre muros e fachadas, bem como a frente ribeirinha requalificada – agora procurada pela população local para caminhadas, durante todo o ano. Relativamente às praças acima referidas – com especial destaque para o Largo do Cortinhal (antigo estaleiro naval) e para o Largo do Sr. Bom Jesus de Fão -, estas apresentam-se com apropriações diferentes. O primeiro espaço, o Largo do Cortinhal, é aproveitado pela população reformada para “dois dedos de conversa”, ocupando o seu tempo livre; aos fins-de-semana, principalmente no Verão, é ocupado por famílias em uso do parque infantil ali construído. O segundo local, o Largo do Sr. Bom Jesus, é um espaço permeável atravessado diariamente; durante o ano, aos Sábados de manhã, é apropriado como recinto de feira; na Pascoela, todos os anos decorre a Festa do Sr. De Fão, umas das romarias de maior importância no Minho; em Agosto, durante dez dias, decorre a Festa da Cerveja e do Marisco e a Feira de Artesanato: esta festa, que atrai centenas de pessoas, é o principal atractivo do centro histórico, sendo paragem obrigatória para os veraneantes que fazem praia em Ofir. Durante o resto do ano, este espaço volta a ser vazio.



Figura 35 - Diferentes tipos de ocupação do espaço público de Fão: as duas primeiras imagens foram tiradas na Rua Cardoso Lopes, junto à Igreja da Misericórdia. As restantes imagens foram tiradas no Largo do Sr. Bom Jesus de Fão.

Em Ofir, o espaço de estar mais utilizado é a praia – quer seja de Verão, quer seja de Inverno – para passeios à beira-mar, praticar surf ou, simplesmente, apanhar sol. Também a recta de Ofir é ocupada todo o ano; local de passagem para aqueles que anseiam alcançar a praia, esta longa via é o ginásio da população fangueira; destaca-se ainda a ocupação nocturna, patrocinada pela discoteca Bib’Ofir. Percorrida a recta, alcança-se uma enorme praça; nos meses de Verão, esta encontra-se repleta de pessoas, quer de passagem em direcção à praia, quer desfrutando do sol nas confortáveis esplanadas, contraste evidente com os largos do primeiro centro estudado.

A imagem ao lado reflete a dicotomia Fão/Ofir comparando, resumidamente, os dois centros. O objectivo é interpretar as dinâmicas destes dois núcleos e compreender qual o impacto que o desenvolvimento de Ofir deixou no núcleo mais antigo. Para tal, e dado o seu impacto não só na paisagem como a nível construtivo, optou-se pela escolha do complexo constituído pelas Torres, criando uma proporção de ocupação entre ambos.

Conclui-se que o crescimento desmedido de Ofir foi um dos principais impulsionadores do abandono do centro histórico. A descentralização da população deve-se pela construção deste centro balnear, capaz de responder às necessidades básicas dos seus residentes. A facilidade de acessos obtida pela construção da A28, permitiu que a população se deslocasse com maior rapidez para os seus empregos – mesmo fora do concelho -, vivendo assim numa zona balnear todo o ano. É clara a divisão imposta pela N13, dividindo Fão em dois tempos: o da lenta prosperidade económica até inícios do século XX e o da prosperidade após a década de 40.

Compreendido o impacto negativo de Ofir no centro histórico da vila de Fão, resta apenas colocar uma pergunta: Quais as consequências no território da deslocação da população para Ofir?

III: iii_ A sobrecarga da praia

«O fenómeno da sazonalidade resultante dos movimentos migratórios pendulares dos concelhos vizinhos para o concelho de Esposende, e teve início do princípio do séc. XX»⁹³.

Sendo o concelho de Esposende um aglomerado costeiro com uma extensão de, aproximadamente, 16km de costa, oferecia as «potencialidades para o desenvolvimento de um futuro e promissor turismo balnear»⁹⁴ praticado, neste período, por aristocratas e burgueses.

Em Fão, em meados da década de 50 começam a surgir pequenos focos turísticos junto à costa. Face ao novo factor de desenvolvimento emergente – o turismo de praia –, Fão dotou-se de equipamentos hoteleiros «procurando cada vez mais, cativar o turista, criando um meio-ambiente propício de bem-estar ao forasteiro»⁹⁵.

A sobrecarga da praia permitiu o aumento dos pequenos centros turísticos contribuindo para o crescimento económico. No entanto, a aposta no turismo como mecanismo de progresso incrementou uma nova sociedade: a do lazer. O fenómeno da construção de residências secundárias começa na década de 50 e acentua-se nas décadas de 70, 80 e 90. A procura obsessiva pela praia de Ofir levou à transformação da costa fangueira, causando danos no território. A constante construção da amostra, para além do abandono do centro, trouxe mutações incontornáveis e imprevisíveis no território, com maior impacto no areal – causado não só pela acção da natureza (ventos e marés) mas também devido à acção do Homem (construções, pisoteio de espécies).

Desde o momento em que a população ocupa um território, estabelece uma relação directa com o ordenamento, ou mesmo com o planeamento, e os efeitos recíprocos dessa coexistência podem ser observados. Por outras palavras, o território é objecto de uma construção. É uma classe de artefacto. Assim, constitui igualmente um produto⁹⁶.

⁹³ GUERREIRO, Paulo, População balnear e as suas consequências, Esposende ensaio urbano de vila a cidade, 2009 - página 65.

⁹⁴ GUERREIRO, Paulo, População balnear e as suas consequências, Esposende ensaio urbano de vila a cidade, 2009 - página 65.

⁹⁵ GUERREIRO, Paulo, População balnear e as suas consequências, Esposende ensaio urbano de vila a cidade, 2009 - página 65.

⁹⁶ «Desde el momento en que una población lo ocupa (sea a través de una relación ligera, como la recolección, o dura, como la extracción minera), establece con el territorio una relación que tiene que ver con la ordenación, o incluso con la planificación, y

As construções das Torres de Ofir, o landmark da região, foi o grande impulsionador das alterações do território. Com a sua construção, rapidamente surge uma nova zona de moradias incidente sobre a duna primária. A construção em massa intensificou os problemas relativos ao galgamento do mar, que ameaça as construções defronte do areal. Assim, e na tentativa de protecção não só das moradias como também do areal de Ofir, constrói-se, em 1987, o primeiro esporão⁹⁷, a norte das Torres. Esta solução não foi vantajosa. Sendo as praias «geoformas costeiras sujeitas a variabilidade na sua largura e espessura de sedimentos»⁹⁸, esta depende das situações de agitação marítima e da alimentação que a corrente longitudinal transporta. «Na faixa costeira de Esposende, a deriva sedimentar faz-se de norte para sul porque, em geral, as cristas das ondas vêm do quadrante noroeste. Este facto pode ser inferido junto dos esporões (estruturas de engenharia e de defesa da faixa costeira construídas perpendicularmente a estas) dado que a norte destes se acumula areia (zona de acreção), constituindo-se uma praia em cunha (largura máxima junto do esporão), enquanto que a sul se observa uma zona de erosão (os sedimentos ficaram retidos a norte da estrutura). Isto significa que os esporões só defendem da acção do mar a área situada a norte (barlamar) e não a situada a sul (sotamar)»⁹⁹.

los efectos recíprocos de esta coexistencia pueden ser observados. En otras palabras, el territorio es objeto de una construcción. Es una clase de artefacto. Así pues, constituye igualmente un producto». CORBOZ, André, el territorio como palimpsesto, in RAMOS, Ángel Martín; Lo Urbano en 20 autores contemporáneos, Barcelona, ETSAB, 2004 - página 27

⁹⁷ «Estrutura rígida de engenharia costeira, disposta transversalmente ao desenvolvimento da linha de costa, e que normalmente é utilizada na protecção contra a erosão costeira. A função principal é a de reter, pelo menos parcialmente, a deriva litoral, minimizando os problemas de erosão costeira a barlamar da estrutura», em Gestão Costeira Integrada, Journal of Integrated Coastal Zone Management.

⁹⁸ GOMES, Pedro T.; BOTELHO, Ana C.; CARVALHO, Gaspar S., Sistemas dunares do litoral de Esposende, 2002 – página 14

⁹⁹ GOMES, Pedro T.; BOTELHO, Ana C.; CARVALHO, Gaspar S., Sistemas dunares do litoral de Esposende, 2002 – página 14

O esquema seguinte exemplifica o processo de deriva sedimentar após a construção dos esporões.

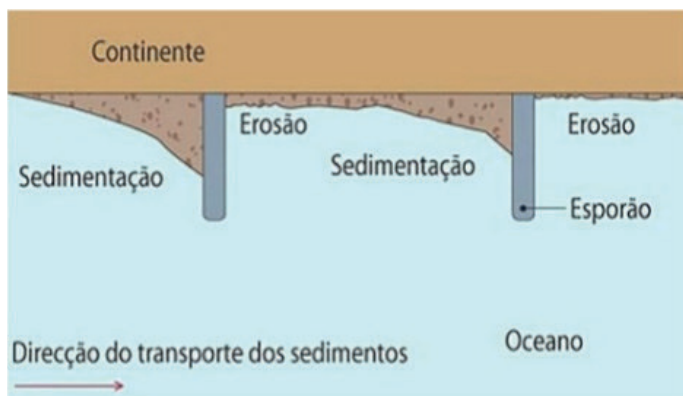


Figura 36 - Esquema da deriva sedimentar resultante da construção dos esporões.

Apesar do sentido da deriva da corrente mais característico ser no sentido norte-sul, por vezes, verifica-se uma inversão da deriva. A construção do esporão curvo a norte de Ofir acelerou o processo de erosão da praia. «A forma curva deforma a ondulação e provoca uma deriva de sul para norte, quando a ondulação vem de noroeste»¹⁰⁰. Desta forma, e na tentativa de desacelerar a erosão da praia em frente às residências construídas a norte de Ofir e «o colapso do enrocamento que as procurava defender do mar»¹⁰¹, constroem-se mais dois esporões a sul do primeiro: o esporão de Ofir e o esporão de Pedrinhas (Apúlia).

No que diz respeito à migração das praias e restingas são as acções humanas que mais interferem na alteração das dinâmicas costeiras. A par dos esporões, a construção de barragens e as pequenas intervenções nas bacias hidrográficas, contribuem, negativamente, para o emagrecimento das praias e restingas. O efeito de retenção das areias pelas barragens é posto em causa uma vez que, após os temporais, o desgaste sofrido não tem reposição natural¹⁰²; «apesar de serem construídas para salvaguardar algumas zonas, potenciam o desgaste de outras»¹⁰³.

As questões associadas à erosão costeira dividem-se em dois conjuntos: naturais – subida do nível do mar e movimentação das areias pela acção de correntes, ondas, marés e ventos fortes – e antrópicas – construção de esporões, de barra-

¹⁰⁰ GOMES, Pedro T.; BOTELHO, Ana C.; CARVALHO, Gaspar S., Sistemas dunares do litoral de Esposende, 2002 – página 15

¹⁰¹ GOMES, Pedro T.; BOTELHO, Ana C.; CARVALHO, Gaspar S., Sistemas dunares do litoral de Esposende, 2002 – página 15

¹⁰² «(...) Há que distinguir a migração das restingas e das praias, do seu emagrecimento em areias. Admite-se que as fontes de alimentação têm vindo a esgotar as suas reservas (...). É posto em causa o efeito de retenção das areias pelas barragens, como causador do emagrecimento das praias e restingas. Aquela situação é bem notória na restinga de Ofir, após os temporais». GOMES, Pedro, T. BOTELHO, Ana C., CARVALHO, Gaspar S., Sistemas dunares do litoral de Esposende, 2002 - página 10

¹⁰³ MONTE, Elisabete, OS Lugares de Cedóvm e Pedrinhas: Do Reconhecimento do Lugar à Intervenção, 2015 - página 39

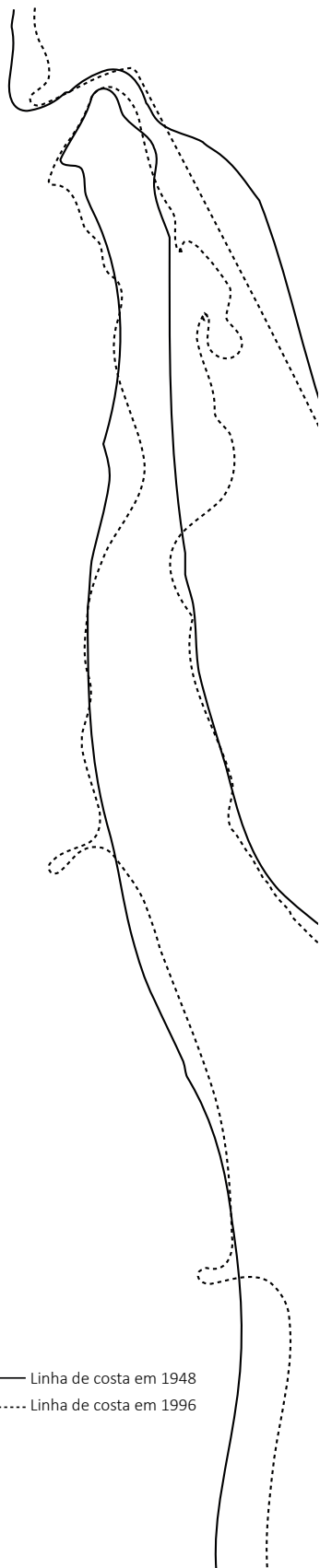


Figura 37 - Linha de costa dos anos 1948 e 1996.

gens, moradias nas dunas, pisoteio. Recorrendo às palavras de Ferreira e Matias: «a subida do nível médio do mar será responsável por apenas cerca de 10 a 15% do recuo observado (Ferreira et. Al. 2008). Os restantes 85 a 90% são provocados pelas intervenções nas bacias hidrográficas, que implicaram uma redução da quantidade de sedimentos que chega ao litoral, e ainda pelas obras de engenharia costeira que interrompem ou alteram a normal movimentação de sedimentos (Ferreira e Matias, 2013)»¹⁰⁴.

Da sobreposição das cartas de 1948 (pré-esporões) com a carta de 1996 (pós-esporões) reconhece-se de imediato a alteração do areal 9 anos após a construção do primeiro esporão. Verifica-se que, em média, ___ m por ano foram comidos à praia e, para combater o avanço do mar e redução do areal a sul de Esposende, foram construídas soluções longitudinais, que protegessem as construções na duna frontal – a Norte das Torres de Ofir, na praia da Sra da Bonança e na praia das Pedrinhas (Apúlia).

¹⁰⁴ MONTE, Elisabete, OS Lugares de Cedovém e Pedrinhas: Do Reconhecimento do Lugar à Intervenção, 2015 - página 39 (Imagem ao lado) Figura 38 - Mapeamento das soluções de combate à erosão costeira, implantadas no segmento de costa compreendido entre a barra da foz do Cávado e o Lugar de Cedovém, Apúlia.



Molhe e Barra de Esposende
Definido em 1795 por Eng. Custódio de Vilas Boas



Esporão Ofir - Restinga
1ª Protecção construída



Esporão Ofir - Torres
2ª Protecção construída



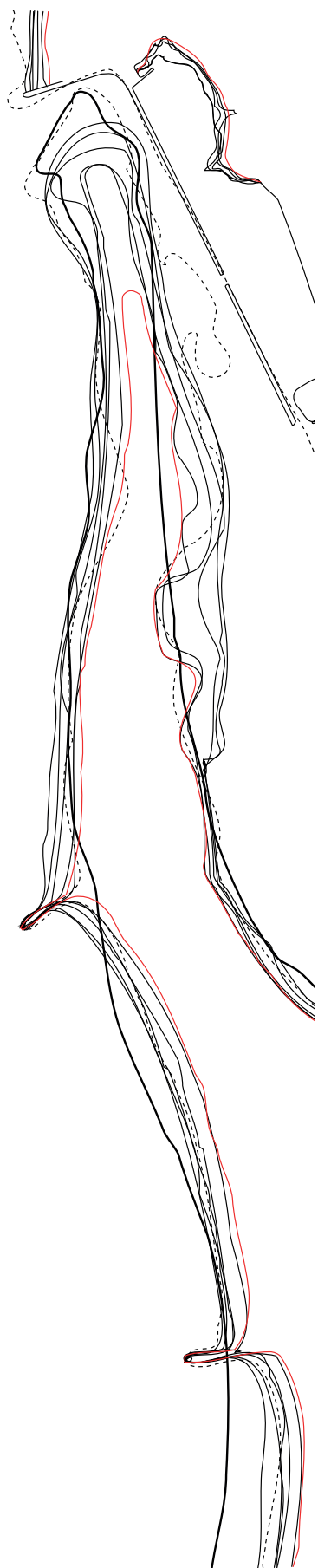
Esporão das Pedrinhas
3ª Protecção construída

Longitudinal Aderente Pedrinhas
4ª Protecção construída

Linha da costa _1996

Linha da costa _1948





— Linha de costa em 1948
 - - - - - Linha de costa em 1996
 — Linha de costa em 2002-2016
 — Linha de costa em 2019 (suposição)

Figura 39 - Sobreposição das cartas de 1948 e 1996 com os ortofotomapas de 2002, 2006, 2008, 2010 e 2012.

A figura 39 resulta da sobreposição das cartas de 1948 e 1996 com os ortofotomapas de 2002, 2006, 2008, 2010, 2012. Com esta sobreposição pretende-se entender qual o impacto que as causas naturais e antrópicas têm tido na costa fangeira. Da sua análise, percebe-se que a linha da costa se mantém minimamente estável, quando comparada com a linha de 1996. Após a construção das soluções para protecção costeira verifica-se que, e apesar de parecer estável, a principal causa de desgaste são os fenómenos naturais. Exemplo recente, em 2014, com a ocorrência da tempestade Hércules, o litoral foi fortemente desgastado o que, face à incapacidade de reposição natural, acentuou a erosão e redução do areal.

Os cruzamentos das memórias do lugar com o trabalho de campo permitem escolher os dois locais mais afectados pela erosão da costa. São eles: a restinga e a praia da Bonança.

Visível o seu desgaste a olho nu e confirmado nas fotografias de época, vê-se, com clareza, o desgaste no campo de futebol do Hotel Axis – antigo Hotel Ofir. Hoje, o campo encontra-se reduzido, com o mar a galgar a duna frontal, criando uma arriba.

Imediatamente a sul, encontram-se soluções executadas pelos próprios proprietários das casas em risco, com vista a sua protecção. Estas soluções consistem na colocação de estacas verticais junto à duna, por forma a evitar a movimentação das areias e a circulação humana. Podem ainda ser observadas a norte de Ofir, ao longo das moradias construídas sobre a duna primária.

Na desembocadura do Cávado, a restinga encontra-se em constante mobilidade face aos avanços do mar. Aquela que se torna a barreira física entre o oceano e a cidade de Esposende tem vindo a desaparecer. Antigamente, em dia de maré baixa, era possível atravessar a foz do Cávado a pé, numa distância percorrida entre Fão e Esposende de, aproximadamente, 15m. Procurada por todas as idades para fins lúdicos – passeios, actividades



desportivas, pesca – o cabedelo tem sido alvo de grande desgaste, sendo cada vez mais notável a sua redução.

Alvo de várias intervenções, e por não ter capacidade de auto-reposição de

sedimentos, a restinga de Fão já recuou ___m, quando comparada a 1948. No âmbito da política da protecção costeira, com vista a protecção ambiental e valorização paisagística das áreas degradadas do litoral, a Polis Litoral Norte enquadra esta área «numa estratégia de reforço dos sistemas dunares, arribas e outros elementos da linha da costa com vista a preservação dos ecossistemas naturais e protecção de pessoas e bens»¹⁰⁵.

Assim, no ano de 2016, a Polis Litoral Norte intervém não só na restinga como também na área compreendida entre a praceta das Torres de Ofir e o esporão norte, e «contemplou a construção de um núcleo dunar resistente composto por cilindros de areia fortemente confinada por telas geossintéticas, com posterior reperfilamento de areias na praia recobrando aquela estrutura, e constituindo no final um cordão dunar mais resistente ao avanço do mar»¹⁰⁶.

Esta solução revelou-se provisória, como comprovam as imagens ao lado, de Janeiro de 2017. No cabedelo, os cilindros de areia rebentaram pela acção do mar e pisoteio dos curiosos; na zona compreendida entre a praceta e o esporão norte, apenas restam os cilindros de areia à vista. Todos os anos, as estruturas artificiais são alvo de inspecção, para confirmar se o seu desempenho não agrava o estado de erosão local. Todos os anos, confirma-se a necessidade de reposição mecânica de areias com vista a estabilidade do ecossistema dunar, ameaçado pelas correntes marítimas e pela grande afluência às praias. Todos os anos, são gastos milhares na manutenção da faixa costeira de Apúlia e Fão.

¹⁰⁵ <https://www.polislitoral norte.pt/reforco-dunar?co=383&it=noticia&mop=118>

¹⁰⁶ <https://www.polislitoral norte.pt/reforco-dunar?co=383&it=noticia&mop=118>



Figura 41 - Redução do areal da praia de Ofir, salientando os sacos de areia de Geotêxtil de combate à erosão e migração das praias.

Os sistemas dunares do litoral são frágeis e muito vulneráveis. «Muitos dos táxones existentes nas zonas litorais estão presentemente ameaçados e a sua recolha pode ao nível local, pôr em causa as suas populações»¹⁰⁷. Tendo em vista o combate das agressões diversas que a orla costeira tem sido alvo, em 1987 foi criada a Área Protegida da costa de Esposende- actual Parque Natural do Litoral Norte (PNLN) -, destinada à «conservação do cordão litoral e dos seus elementos naturais físicos, estéticos e paisagísticos»¹⁰⁸.

O PNLN promove a requalificação da paisagem bem como o controlo das espécies invasoras; promove o turismo, restringe as circulações viária e pedonal e promove a recuperação e valorização do património cultural. Dentro do PNLN podem ser observadas cerca de 240 espécies de plantas, distribuídas pelos sapais das margens dos rios, pinhais e dunas.

Durante o processo de formação das dunas, quando as condições se tornam compatíveis com a vida vegetal, surgem as primeiras plantas, que irão travar o movimento das areias. «A importância de vegetação dunar deve ser realçada pelo seu papel estabilizador das areias do litoral, que se torna cada vez mais importante devido ao défice de sedimentos que se têm verificado no litoral do concelho de Esposende»¹⁰⁹, constituindo a primeira defesa activa da costa.

As comunidades vegetais que se instalam nas dunas têm como principal função a fixação das areias móveis, seja pelas suas longas raízes, seja pelo bloqueio da acção do vento. Na figura seguinte catalogam-se as principais espécies observadas na formação do sistema dunar.

¹⁰⁷ GOMES, Pedro, T. BÓTELHO, Ana C., CARVALHO, Gaspar S., Sistemas dunares do litoral de Esposende, 2002 – páginas 5/6

¹⁰⁸ «A orla costeira marítima nortenha tem vindo a sofrer agressões diversas, que vão desde os loteamentos clandestinos ao “urbanismo” desordenado, passando pela extração descontrolada de areias anares e pelo sacrifício de ecossistemas de rara importância. Com vista a obstar a esta situação, foi da iniciativa da Assembleia Municipal de Esposende propor a classificação como Área Protegida de toda a costa compreendida entre Apúlia e a foz do Neiva, numa extensão de 18 km. Estas palavras, extraídas do preâmbulo do Decreto-Lei que criou esta Área Protegida, datam de 1987 e contêm o essencial dos argumentos que conduziram à classificação do litoral de Esposende como Paisagem Protegida e, recentemente, à sua reclassificação como Parque Natural. Esta Área Protegida foi criada com o intuito de conservar os seus valores naturais, físicos, estéticos, paisagísticos e culturais. A razão primeira da classificação - Decreto Regulamentar n.º 6/2005, de 21 de julho, inicialmente como Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende - e depois como Parque Natural do Litoral Norte prende-se com a conservação do cordão litoral e dos seus elementos naturais físicos, estéticos e paisagísticos. Note-se que, nesta zona, a preservação do sistema dunar é uma das condições indispensáveis à própria fixação de uma linha de costa atualmente sujeita a forte erosão.» in <http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnlN/class-carac>

¹⁰⁹ <http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnlN/habit>

GLOSSÁRIO

O Parque Natural Litoral Norte apresenta uma variada diversidade florística e de habitats de elevada importância, repartidas pelos estuários dos rios Cávado e Neiva, pinhais, campos agrícolas e pelo cordão de praias e dunas a que se associam recifes e habitats marinhos.

A nível do património florístico, no PNLN estão inventariadas 240 espécies vegetais, distribuídas por 15 habitats distintos. Para uma melhor percepção da função das plantas no ecossistema dunar, destacam-se alguns exemplos e as suas principais características:

01.Feno das areias (*Elymus farctus*) - Planta vivaz, rizomatosa, com caules rígidos e sem pêlos, podendo atingir os 60cm de altura. As folhas, rígidas e com nervuras proeminentes, podem ser enroladas ou planas. As flores desenvolvem-se numa espiga com o eixo frágil, desarticulando-se facilmente na maturação. **Localização:** Planta de crescimento vertical rápido, típica da duna embrionária, tolerante a submersões temporárias por água do mar. **Floração:** Junho a Julho.

02.Cardo marítimo (*Eryngium maritimum* L.) - Planta vivaz, herbácea e robusta. Os caules são verticais, variando entre 15 a 60cm, de tonalidade branca ou cinzento-azulado e com medula. Folhas sem pêlos, firmes e algo espessas, com 3 a 5 lobos e dentes grosseiros com espinho. **Inflorescência** disposta em capitulos, quase globosos e com pedúnculo, de cor azulada. **Localização:** Vive nos sistemas dunares, onde surge na duna frontal, podendo estender-se um pouco para o interior. **Floração:** Maio a Setembro.

03.Estorno (*Ammophila arenaria*) - Planta vivaz, rizomatosa, de porte herbáceo, com 50 a 100cm de altura, e colmos robustos, verticais sem pêlos. Folhas enroladas, com pêlos fracos e densos no interior, sem pêlos, lisas e brilhantes no exterior. A lígula apresenta-se pouco espessa e muito flexível. **Inflorescência** disposta em tirso denso, com espiguetas de uma só flor, comprimidas lateralmente e com o eixo peludo. **Localização:** Surge nas nebkas e topo da duna frontal, estendendo-se para o interior, embora com menos vigor. **Floração:** Abril a Junho.

04.Rabo de lebre (*Lagurus ovatus*) - Planta anual com 10 a 50cm de altura, vertical e ascendente. Os ramos possuem pêlos fracos e densos e podem ser solitários ou reunidos em grupo, simples ou ramificados nos nós inferiores. Folhas planas, macias e peludas. **Inflorescência** disposta em tirso denso, felpudo, com pedúnculo longo. **Localização:** Frequente em todo o sistema dunar, para o interior da duna frontal. **Floração:** Março a Junho.

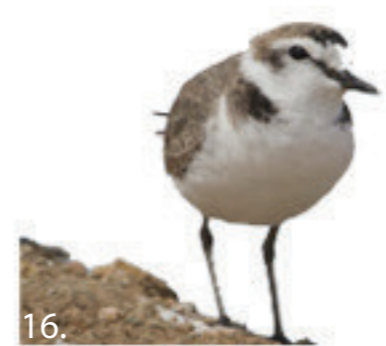
05.Morganheira (*Euphorbia paralias*) - Planta vivaz, lenhosa, de 20 a 70 cm de altura, com vários caules, um tanto carnuda e sem pêlos. Folhas grossas, cinzento-azuladas na face inferior e lustrosas na superior. **Localização:** Surge na duna frontal, imediatamente antes do seu topo, na face voltada para o mar, podendo estender-se para o interior. **Floração:** Março a Outubro.



14.



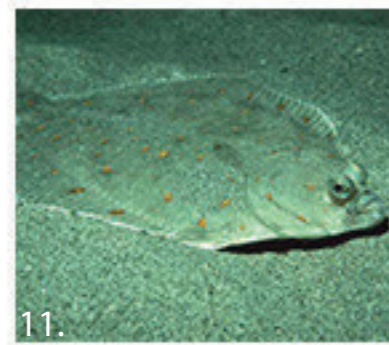
15.



16.



17.



11.



12.



06.



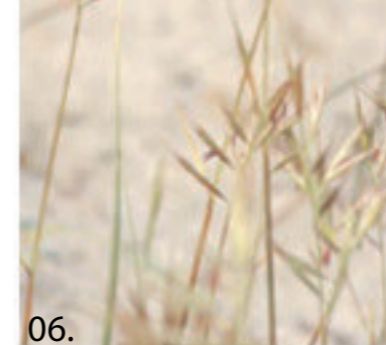
13.



01.



03.



07.



08.



02.



09.



10.

07.Vúlpia (*Vulpia alopecurus*) - Planta anual, de 10-70cm de altura., com vários caules e formando um tufo mais ou menos direito, por vezes rastejante. Folhas planas. **Inflorescência** disposta em cacho com 5 a 20 cm, pouco ramificada. **Localização:** Vive em locais secos próximos do litoral, areias marítimas. Constituí uma das plantas típicas do sistema de dunas interiores de Esposende, surgindo logo a partir da duna frontal. **Floração:** Maio a Julho/Agosto.

07.Acácia (*Acacia longifolia*) - Arvusto ou pequena árvore até 8m. Folhas perenes, reduzidas a filódios laminares, com nervuras. Flores amarelo-vivo reunidas em espigas axilares. **Localização:** Dunas móveis e dunas interiores. **Floração:** Dezembro a Abril.

08.Gramata branca (*Halimione portulacoides*) - Arbusto perenifólio de até 1,5m, lenhoso na base e herbáceo na copa. Ramos numerosos e folhas inteiras, lanceoladas a obovadas, atenuadas num pecíolo claro, espessas. **Inflorescência:** glomérulos reunidos em espigas frouxas. **Localização:** Ocorre em areias marítimas, sapais, estuários e nas margens de salinas e de rios salgados, em solos periodicamente unidados por marés. **Floração:** Agosto a Setembro.

09.Perpétua das areias (*Helichrysum italicum*) - Planta vivaz, lenhosa e aromática. De caules com 20 a 50 cm de altura, angulosos. Folhas alternas, de forma linear e cor esverdeada ou esbranquiçada. **Inflorescência** em capítulos dispostos em corimbo denso. Flores com a corola tubulosa, amarela, sendo as marginais femininas e as do disco hermafroditas. **Localização:** Muito comum nas dunas fixas interiores, podendo constituir a vegetação dominante. **Floração:** Maio a Setembro.

10.Chorão (*Carpobrotus edulis*) - Planta perene, quase arbustiva. Os caules deitados sobre o solo e muito ramificados, podem atingir um comprimento de 2m ou mais. Folhas estreitas, curvadas para cima e com ponta aguda, muito carnuda e de secção triangular. Podem ser de cor verde ou adquirir um tom avermelhado. **Localização:** Dunas interiores. **Floração:** Março a Abril.

No PNLN estão inventariadas 220 espécies de vertebrados, de bastante interesse ecológico, distribuídos por espécies de anfíbios e répteis, peixes, aves e mamíferos. Apresentam-se alguns exemplares:

11. Solha - *Pleuronectes Platessa*

12. Sapo-de-unha-negra - *Pelobates Cultripes*

13. Lontra - *Lutra Lutra*

14. Pilritos - *Calidris alpina*

15. Milhafre preto - *Milvus Migrans*

16. Borrelho-de-coleira-interrompida - *Charadrius Alexandrinus*

17. Alfiate - *Recurvirostra avosetta*



Figura 42 - Glossário das principais espécies animal e vegetal que englobam a área protegida do Parque Natural do Litoral Norte.

Infelizmente, muitas dessas plantas, em especial a gramínea *Elymus farctus*, estão localizadas nas zonas preferenciais dos turistas, «levando à quase completa destruição das praias mais frequentadas»¹¹⁰. O pisoteio da vegetação dunar e os galgamentos do mar através da duna frontal destabilizam as comunidades vegetais e favorecem a sua degradação, pela abertura de corredores eólicos que movimentam as areias; a criação de espaços vazios faz com que o vento circule e crie dunas, levando à morte de outras espécies vegetais que, sem protecção, não resistem à força do vento nem à movimentação das areias. Desta forma, a instabilidade da duna está intrinsecamente ligada à sua cobertura vegetal.

Não é estranho ouvir-se falar da erosão costeira em Esposende. Os 16km de litoral do concelho encontram-se completamente alterados: pela subida do nível médio do mar, pela construção de esporões e moradias, pelo pisoteio de espécies - o certo é que a costa esposendense está em constante mutação.

Numa breve análise ao sistema dunar de Esposende, compreendido entre o Rio Neiva e Apúlia, é notória a degradação acelerada da duna frontal. Os efeitos da acção do mar são bem evidentes nos locais em que o cordão dunar frontal se encontra fragilizado pela passagem das linhas de água – nestes pontos, ocorrem frequentes galgamentos do mar. As praias onde ocorrem tal situação são as Praias de Belinho, São Bartolomeu do Mar e Rio de Moinhos. Simultaneamente, as areias das praias são substituídas por cascalho, aumentando de extensão e volume à medida que o mar avança para o interior, ano após ano.

O concelho de Esposende encontra-se em perigo eminente devido ao avanço do mar, mas também devido ao avanço do Homem. «A pressão humana via empreendimentos urbanísticos, construção de acessos rodoviários às praias e a utilização dos terrenos para fins agrícolas levaram à sua quase completa destruição»¹¹¹.

Assim, as questões associadas ao risco de erosão costeira são necessariamente vistas como essenciais. O insucesso de um elevado número de soluções experimentadas tem vindo a revelar com clareza a sensibilidade em torno desta temática. Não só a frente litoral é afectada, como também a cidade de Esposende – a crescente

¹¹⁰ GOMES, Pedro, T. BOTELHO, Ana C., CARVALHO, Gaspar S., Sistemas dunares do litoral de Esposende, 2002 – página 24

¹¹¹ GOMES, Pedro, T. BOTELHO, Ana C., CARVALHO, Gaspar S., Sistemas dunares do litoral de Esposende, 2002 – página 24

erosão da Restinga do Cávado ameaça a segurança da marginal. É necessário continuar o trabalho iniciado pelo PNLN, desde logo no ordenamento do território e na proteção de espécies.

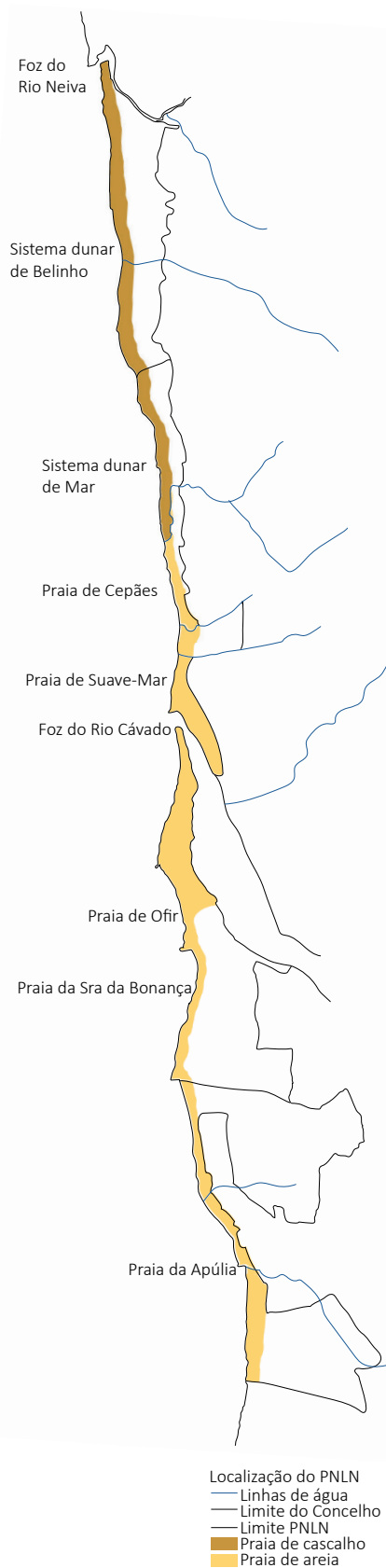


Figura 43 - Tipos de praia do concelho de Esposende, associadas às principais linhas de água.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho pretendeu-se realizar um exercício teórico-prático assente na representação do lugar geográfico em análise. Procurou-se encontrar e caracterizar o papel estruturante do rio e do mar enquanto elementos activos na transformação do território da vila de Fão.

No início, rapidamente se encontraram limitações quanto à base cartográfica disponível. Além da limitação da base documental, a outra dificuldade encontrada foram os relatos mais extravagantes publicados por diversos autores sobre o território da amostra. O facto de se ter acesso a poucos recursos cartográficos constituiu um desafio que permitiu desenvolver um processo de trabalho, capaz de permitir a interpretação do território.

Face à escassez desses recursos, o reconhecimento do lugar, através da análise in situ, foi crucial para compreensão das dinâmicas da vila e busca de uma estratégia. Neste sentido, esta investigação foi construída com base numa estratégia de análise e aproximação ao lugar, com o intuito de registar os tempos e as transformações ocorridas em Fão. A metodologia adoptada consistiu no cruzamento de espaços, escalas e tempos, baseado nos recursos bibliográficos e gráficos recolhidos, no trabalho presencial e nos testemunhos de alguns residentes da vila.

A parte inicial desta investigação estabelece o contacto com o território em análise. Partindo de uma escala mais abrangente para uma escala mais aproximada, procurou-se agregar neste capítulo o conhecimento referente ao enquadramento geográfico do território da vila e salientar a sua localização privilegiada no contexto da Bacia Hidrográfica do Cávado. Para além do registo das características geográficas, esta fase do trabalho permitiu compreender e estudar a importância das fronteiras aquáticas e terrestres para formação e estruturação urbana e territorial de Fão. O recurso a diferentes escalas foi eficaz uma vez que conduziu a um conhecimento mais abrangente sobre as características da região, e permitiu começar a interpretar a participação constante do Rio Cávado ao longo desta investigação.

A segunda parte deste trabalho procurou agregar o conhecimento do lugar

com a pesquisa efectuada a partir da base bibliográfica. Este capítulo pretendeu demonstrar a importância do rio Cávado na evolução, lenta, do território, e de que forma a população tirou proveito dos recursos que a região dispunha. A relação dinâmica da população com os recursos permitiu descobrir relações transversais com outros lugares ainda hoje aparentes na região.

Por fim, a necessidade de compreender as transformações ocorridas em Fão entre a década de 50 e a actualidade, surgiu da vontade de compreender a transformação do território. Construído com base numa estratégia de cruzamento do conhecimento in situ com as fontes documentais, o trabalho de campo foi peça-chave na descodificação das dinâmicas inerentes às transformações ocorridas na área geográfica analisada.

Com este trabalho procurou-se sintetizar o conhecimento recolhido na fase da pesquisa e durante o desenrolar desta investigação, tentando explorar a capacidade do desenho se assumir como uma ferramenta fundamental nesta investigação.

Após a realização desta investigação foi possível perceber as dinâmicas inerentes às transformações ocorridas na vila, quer seja do passado, quer seja do presente. Através da compilação dos dados recolhidos sobre o território da amostra compreenderam-se os costumes e tradições ligadas a este povo. Só após a leitura das biografias e após o contacto com a população local se revelaram as actividades transversais a este território: a relação terra-rio-mar.

A população da Idade Média, que nasceu da pesca e da agricultura, escolheu fixar-se nas margens do Cávado pela proximidade com o pescado. A partir daí, e após séculos de um crescimento lento, foi possível desenvolver a arte de marear e a construção naval, enquanto o Cávado assim o permitia. E enquanto o rio foi próspero, a população prosperou também. Porém, no século XX, após o aparecimento da estância balnear em Ofir, a população local vira-se para o turismo, e para a frente costeira.

Somente após me debruçar sobre este território, tentar perceber a sua his-

tória e costumes, foi possível compreender a situação actual da vila. De um lado, há prosperidade ligada ao turismo. Do outro, uma população cada vez mais envelhecida, e um centro histórico cada vez mais abandonado.

Este trabalho tem ainda como finalidade apelar à sensibilização da população não só para o problema do abandono, como ainda para o problema da redução da costa fangueira. Como referido anteriormente, o areal das praias a norte de Esposende já se encontra totalmente coberto de cascalho, não restando qualquer tira de areia para estender uma toalha de praia. Apesar da criação do Parque Natural do Litoral Norte e da sua intervenção constante nestes territórios, é necessária a adopção de fortes medidas de combate à erosão costeira, que, cada vez mais, ameaça as construções de segunda residência implantadas na duna frontal. No caso específico de Fão, é necessário dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelo PNLN e desenvolver novas estratégias de actuar, não só para protecção do areal, mas também para garantir a salvaguarda das centenas de espécies presentes no estuário do Cávado.

Em suma, este trabalho regista a história do território da vila de Fão, com uma estratégia alternativa de representação da paisagem. Com base na tradição, costumes e diferentes ocupações ao longo do último milénio, o entendimento do lugar foi interpretado como um estudo cronológico evolutivo e representativo. O território, em constante transformação, é interpretado sob diversos olhares e diversas áreas do conhecimento, sendo por isso, a sua interpretação, um exercício sem fim.

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 – Localização do caso de estudo. Base: Google Earth

Figura 2 – Cronologia síntese do trabalho

Figura 3 – Bacia hidrográfica do Cávado. Base: Bing Maps

Figura 4 – Mapeamento dos vestígios arqueológicos no concelho de Esposende

Figura 5 – Principais vias piscatórias do Norte de Portugal

Figura 6 – Estruturação viária da vila de Fão. Base cartográfica fornecida pela Câmara Municipal de Esposende

Figura 7 – Compilação dos diferentes tecidos urbanos identificados na vila. Base cartográfica fornecida pela Câmara Municipal de Esposende

Figura 8 – Mapeamento dos diferentes equipamentos colectivos que compõem o tecido da vila. Fotografias tiradas no local

Figura 9 – “Cavalos de Fão”. Fonte: Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas

Figura 10 – Mapeamento dos pensamentos de vários autores

Figura 11 – Cronologia dos tempos da história do concelho de Esposende

Figura 12 – Cronologia sintetizada das actividades primária no contexto português

Figura 13 – Registo da alteração do leito do rio Cávado para norte da Ermida da Sra. da Bonança

Figura 14 – Registos fotográficos da tradição fangueira na arte da pesca. Fonte: <http://faodesempre.blogspot.com>

Figura 15 – Exemplo de ocupação do território anterior ao crescimento económico

Figura 16 – Exemplo de “masseiras”. Fonte: Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas

Figura 17 – Cronologia esquemática das actividades praticadas

Figura 18 – Mapas da principal actividade salineira registada no reino (Séculos XIV e XV)

Figura 19 – Representação da cota de cheia

Figura 20 -Cheias na Rua Azevedo Coutinho. Fonte: <http://faodesempre.blogspot.com> e Alice Ribeiro

Figura 21 – Planta de Encanamento do rio Cávado

Figura 22 – Localização dos antigos estaleiros navais de Fão

Figura 23 – Exemplo de ocupação do território após o desenvolvimento do turismo

Figura 24 – Cronologia dos tempos de transformação do território de Fão

Figura 25 – Marco Milenário do Cortiço e Forno comunitário de Arcos, Montalegre.

Fonte: <https://www.allaboutportugal.pt/pt/montalegre/monumentos>

Figura 26 – Cronologia Esquemática dos tipos de ocupação da foz do Cávado

Figura 27 – Exemplos que demonstram a transformação do território de Ofir. Fonte:

Jornal “O Cávado” e <http://faodesempre.blogspot.com>

Figura 28 – Principais vias de acesso à praia de Ofir

Figura 29 – O crescimento do Hotel Ofir, século XX

Figura 30 – Exemplo de ocupação e transformação do território de Ofir. Fonte: Desenho da autoria de Lucas, Giulia e Davide, desenvolvido no âmbito da UC Atelier 1ª – Paisagem. Ano lectivo: 2015/2016

Figura 31 – Mapeamento da evolução de Fão: registo das construções existentes em 1948 e as que surgiram nos anos 1996 e 2016

Figura 32 – Esquema com as distâncias do concelho de Esposende às grandes cidades mais próximas

Figura 33 – Levantamento e mapeamento do abandono em Fão, resultado do trabalho in situ

Figura 34 – Esquema da divisão do território de Fão

Figura 35 – Diferentes tipos de ocupação do espaço público de Fão

Figura 36 – Esquema da deriva sedimentar resultado da construção dos esporões.

Fonte: http://auxiliarescienciatecnologias.blogspot.com/p/geologia_8941.html

Figura 37 – Linha de costa dos anos 1948 e 1996

Figura 38 – Mapeamento das soluções de combate à erosão costeira

Figura 39 – Sobreposição das cartas de 1948 e 1996 com os ortofotomapas de 2002, 2006, 2008, 2010 e 2012

Figura 40 – Exemplos de soluções de combate à erosão. Fotografias tiradas no lugar (2018/2019)

Figura 41 – Redução do areal da praia de Ofir, salientando os sacos de areia de

Geotêxtil de combate à erosão e migração das praias. Fotografias tiradas no lugar (2018/2019)

Figura 42 – Glossário das principais espécies animal e vegetal que englobam a área protegida no Parque Natural do Litoral Norte. Fonte: <http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnl>

Figura 43 – Tipos de praia do concelho de Esposende, associadas às principais linhas de água. Fonte: <http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnl>

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado, (1979) Salinas Medievais entre o Cávado e o Neiva, Oficina Gráfica da Livraria Cruz, Braga

BERNARDINO, Amândio, (1994 - 1996) Esposende e o seu concelho na história e na geografia, Partes I, II e III, Braga : ASPA

BERNARDINO, Amândio, (1994) O Engenheiro Custódio José Gomes de Vilas Boas e os portos de mar de Esposende em 1795 e Viana em 1805, Viana do Castelo: Amigos do Mar. ISBN 972-96075-0-8

BERNARDINO, Amândio, (1958) O Engenheiro Custódio José Gomes de Vilas Boas e o porto de mar de Esposende em 1800, Esposende: Bernardino Amândio

BERNARDINO, Amândio, (1995) O Forte de S. João Baptista e o Farol de Esposende, Centro Social da Juventude de Mar, São Bartolomeu do Mar, ISBN 972-96067-2-2

BERNARDINO, Amândio, (1989) Os Estaleiros Navais de Esposende e Fão nos séculos XIX e XX, Câmara Municipal de Esposende, Esposende

BERNARDINO, Amândio, (1999) Os Fachos da Borda Mar da Província do Minho, Revista Mínia, no 7, III Série, ASPA

BLOT, Maria Luísa B.H. Pinheiro, (2003) Os portos na origem dos centros urbanos Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal, Instituto Português da Arqueologia, Lisboa, ISBN 972-8662-11-4

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FÃO: 80 ANOS, (2007) Câmara Municipal de Esposende, Esposende, ISBN 978-989-95585-1-9

CHAVES, Mário João Alves, (2010) Cidades Flexiexistencialistas, Lisboa: Universidade Lusíada Editora, ISBN 978-989-640-069-9

CORBOZ, André, (2004) El território como palimpsesto, in RAMOS, Ángel Martín; Lo Urbano en 20 autores contemporâneos, Barcelona, ETSAB.

FELGUEIRAS, José, BAPTISTA, Ivone, (1993) A Catraia de Esposende, Edição do Fórum Esposendense, Esposende

FELGUEIRAS, José Eduardo de Sousa, (2018) Naufrágios na Costa de Esposende – Mar do Senhor – Naufrágios, Acidentes e Incidentes nos Rios e na Costa – (c. 2300 a.C 2014), Colecção Ecos da História, Chiado Editora, 1ª Edição, Esposende, ISBN

978-989-52-1990-2

FELGUEIRAS, José Eduardo de Sousa, (2010) Sete Séculos no Mar (XIV a XX), Centro Marítimo de Esposende: Fórum Esposendense, ISBN 978-989-20-1912-3

GUERREIRO, Paulo, (2009) Esposende Ensaio Urbano de Vila a Cidade, Câmara Municipal de Esposende, ISBN 978-989-95585-4-0

GOMES, Pedro T.; BOTELHO, Ana C.; CARVALHO, Gaspar S., (2002) Sistemas du-
nares do litoral de Esposende. Braga: Universidade do Minho. ISBN 972-9027-16-1

LAMAS, José M. Ressano Lamas, (2011) Morfologia Urbana e Desenho da Cidade,
6ª Edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

LYNCH, Kevin, (2007) A Boa Forma da Cidade, Lisboa: Edições 70

MARQUES, Francisco, (2009), Rio Cávado, Edição de autor

Monumentos Históricas de Fão, Colectânea de monografias e de textos históricos
sobre Fão, (2000) Fão: Edição da Comissão Promotora das Celebrações das Institui-
ções Fagueiras

MORAIS, Faria, (2015) Fão antigo era assim, Fão, ISBN 978-989-20-6276-1

NEIVA, Manuel Albino Penteado, (2000) Apúlia na História e na Tradição, ASCRA:
Associação Social Cultural e Recreativa de Apúlia, Apúlia, ISBN 972-95303-1-9

NEIVA, Manuel Albino Penteado et. Al, (1982-) «Boletim Cultural de Esposende n.º
15/16, Publicação Semestral, Câmara Municipal de Esposende, Esposende

NEIVA, Manuel Albino Penteado, (1987) Esposende: Breve roteiro turístico, 1ª Edição,
M.A.P.N., Esposende

OLIVEIRA, Vítor, MARAT-MENDES, Teresa, PINHO, Paulo, (2015) O Estudo de Forma
Urbana em Portugal, 1ª Edição, Porto, ISBN 978-989-746-064-7

PAREDES, Aquino, (1990) A Bacia Hidrográfica do Cávado, Monografias sobre as Ba-
cias Hidrográficas do Norte de Portugal, Projecto de Gestão Integrada dos Recursos
Hídricos do Norte, Direcção Geral dos Recursos Naturais, Porto

RAU, Virgínia, (1951) A exploração e o comércio do sal de Setúbal, Lisboa

RAU, Virgínia, (1984) Estudos sobre a história do sal português, Lisboa: Presença.

RIBEIRO, Orlando, (1986) Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico, 4.ªed. Lisboa: Livra-
ria Sá da Costa Editora.

TRABALHOS ACADÉMICOS

AIRES, Pedro, (2017) Linha do Corgo, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, EAUM, Texto publicado

FERNANDES, Marisa, (2014) Projecto de representação da impermanência: entre a Nazaré e a Lagoa da Pederneira, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, EAUM, Texto publicado

FREITAS, Joana, (2010) O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve, Dissertação de Doutoramento em História Especialidade de História Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Texto publicado

LABASTIDA, Marta Juan, (2013) El Paisaje Próximo. Fragmentos del Vale do Ave. Tese de doutoramento em Arquitectura, Cidade e Território, EAUM

MONTE, Elisabete, (2015) OS Lugares de Cedovém e Pedrinhas: Do Reconhecimento do Lugar à Intervenção, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, EAUM, Texto publicado

PEREIRA, Daniel, (2011) Projecto de representação e interpretação das dinâmicas costeiras do perímetro florestal das dunas de Ovar, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, EAUM, Texto publicado.

RODRIGUES, Alexandra, (2015) Representações e Reinterpretações do Caminhar. Caso de Estudo da Rua das Dunas em Castelo do Neiva, Viana do Castelo, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, EAUM, Texto publicado

LINKS

Lenda do Banho Santo – São Bartolomeu do Mar, Esposende

<http://www.faroldanossaterra.net/2015/06/26/lenda-do-banho-santo-sao-bartolomeu-do-mar-esposende/>

Polis Litoral Norte

<https://www.polislitoralnorte.pt>

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

<http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnlIn/class-carac>

Duas lendas sobre Fão e Ofir – Esposende

<http://www.faroldanossaterra.net/2015/06/02/duas-lendas-sobre-fao-e-ofir-esposende/>

Lugar de Pedrinhas e Cedovém_Polis Litoral Norte lança novas empreitadas com apoios comunitários e a capacidade de erosão do esporão

<http://lugar-pedrinhas.blogspot.com/2013/02/polis-litoral-norte-lanca-novas.html>

Município de Esposende_ Defesa Costeira e salvamento marítimo de Esposende

http://www.municipio.esposende.pt/frontoffice/pages/801?news_id=4188

Fão de Sempre

<http://faodesempre.blogspot.com/>

JORNAIS

O Cávado, Ano XXXV, Num. 1594, Esposende, 10 de Junho de 1951, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano XXXV, Num. 1606, Esposende, 9 de Setembro de 1951, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano XXXV, Num. 1623, Esposende, 13 de Janeiro de 1952, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano XXXV, Num. 1625, Esposende, 27 de Janeiro de 1952, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano XXXV, Num. 1639, Esposende, 11 de Maio de 1952, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano XLIX, Num. 2295, Esposende, 25 de Junho de 1967, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano L, Num. 2296, Esposende, 15 de Julho de 1967, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano L, Num. 2297, Esposende, 30 de Julho de 1967, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano L, Num. 2301, Esposende, 7 de Outubro de 1967, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano L, Num. 2325, Esposende, 4 de Maio de 1968, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano L, Num. 2379, Esposende, 31 de Maio de 1969, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano L, Num. 2383, Esposende, 28 de Junho de 1969, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano L, Num. 2384, Esposende, 5 de Julho de 1969, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano L, Num. 2390, Esposende, 15 de Agosto de 1969, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 2404, Esposende, 22 de Novembro de 1969, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 2419, Esposende, 14 de Março de 1970, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 2422, Esposende, 30 de Maio de 1970, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 2469, Esposende, 8 de Maio de 1971, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 2485, Esposende, 11 de Setembro de 1971, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 2507, Esposende, 4 de Março de 1972, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 2516, Esposende, 3 de Junho de 1972, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 1, 2^asérie, Esposende, 26 de Outubro de 1973, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 42, 2^asérie, Esposende, 5 de Outubro de 1974, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 163, 2^asérie, Esposende, 20 de Janeiro de 1977, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 164, 2^asérie, Esposende, 20 de Janeiro de 1977, Director e Editor: João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 817, Esposende, 28 de Junho de 1990, Director e Editor:
João B. Amândio.

O Cávado, Ano LII, Num. 967, Esposende, 7 de Outubro de 1993, Director e Editor:
João B. Amândio.